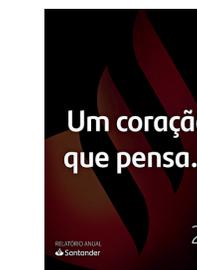
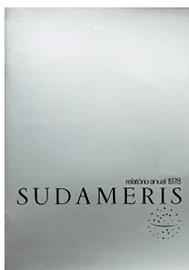
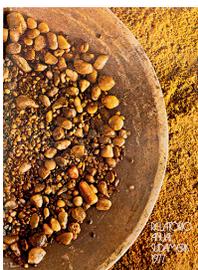


RELATÓRIOS ANUAIS BANCÁRIOS COLEÇÃO SANTANDER BRASIL



Capas de relatórios anuais de diversos bancos em ordem cronológica.

De cima para baixo e da esquerda para a direita:

- 1858 e 1864, Banco da Província do Rio Grande do Sul;
- 1897, 1905, 1910, 1919 e 1927 (em alemão), Banco Nacional do Comércio;
- 1935, Banco Pfeiffer;
- 1947, Banco do Estado de São Paulo;
- 1949 (em japonês), Banco América do Sul;
- 1964 e 1966, Banco do Estado de São Paulo;
- 1970, Banco Nacional do Comércio;
- 1972, Banco do Estado de São Paulo;
- 1974 (em japonês), Banco América do Sul;
- 1975, 1976, 1977 e 1978, Banco Francês e Italiano (Sudameris);
- 1982, Banco Sul Brasileiro;
- 1986, Banco Meridional do Brasil;
- 1986, Banco Francês e Italiano (Sudameris);
- 1995, Banco Meridional do Brasil;
- 1999 (em inglês), Banco do Estado de São Paulo;
- 2003 (em espanhol), Grupo Santander;
- 2004, Banco Santander Brasil;
- 2005, ABN Amro Bank;
- 2008, 2010, 2011, 2015, 2018, 2019,
- 2021, 2022, Banco Santander Brasil.







Informação, identidade, promoção	8
[Introdução] Senhores acionistas	16
O que tem em um relatório	24
Mas, afinal de contas, o que é um balanço patrimonial?	32
Como funcionavam as assembleias	40
O crescimento dos bancos	46
Bancos de dimensões nacionais	52
Novas possibilidades	58
Os relatórios como fontes de informação	62
Uma ferramenta do marketing institucional	70
A ascensão das obras de arte.....	78
Os relatórios de grupos financeiros	86
Governança corporativa e sustentabilidade.....	92
Investimento responsável.....	100
Comunicação corporativa na era digital	106
Relatórios anuais bancários em números	113
Bibliografia	114
Glossário.....	115

Informação, identidade, promoção

Chico Homem de Melo
Designer e pesquisador do
design gráfico brasileiro

Relatórios anuais são sempre um desafio para as empresas. Afinal de contas, não é fácil tornar atraente uma publicação sobre assuntos que, para muita gente, parecem áridos. Relatórios anuais de bancos são documentos que têm relação direta com o dinheiro das pessoas e, mesmo assim, não costumam ser alvos preferenciais de atenção e leitura. Para enfrentar a tarefa, entram em cena editores, redatores, designers, publicitários, fotógrafos, ilustradores, impressores. São profissionais cujo propósito é produzir uma publicação que combine conteúdo relevante, eficiência comunicacional e... sabor. Em suma, uma peça gráfica capaz de atrair o interesse de qualquer pessoa que a receba.

O conjunto de relatórios anuais aqui reunidos é caracterizado pela ampla cobertura temporal – abrangendo do século XIX ao XXI –, assim como pela diversidade de instituições bancárias responsáveis por publicá-los. Além de revelar as múltiplas estratégias de comunicação empregadas, a Coleção Santander Brasil contribui para ampliar o registro documental da cultura empresarial brasileira vigente no extenso período abarcado por ela.

Do século XIX aos anos 1950: ênfase na informação

No começo era a informação. Durante o século XIX e o início do XX, o objetivo de comunicar aos acionistas o balanço do ano anterior era seguido ao pé da letra pelos relatórios anuais. A edição e a composição dos textos eram convencionais: um breve texto de abertura, as diversas listas com os dados obrigatórios, e era só. Não havia gráficos, ilustrações ou qualquer outro recurso visual para tornar mais leve a leitura. Ou melhor, havia: as capas recebiam uma ornamentação discreta, suficiente para atribuir ao impresso uma certa respeitabilidade.

Esse período poderia ser chamado de “era da tipografia de tipos móveis de chumbo”, em referência à técnica de impressão criada por Gutenberg no século XV. Vale notar que as duas capas trazem a assinatura “Typographia á vapor da Livraria do Globo” com certo destaque, valorizando as empresas gráficas que produziram as publicações. Uma das características da impressão tipográfica, além das letras de desenhos variados, eram os ornamentos. Verdadeiras peças de ourivesaria em chumbo, elas

conseguiram imprimir fios muito finos, como pode ser visto no detalhe ampliado. Um requinte. A qualidade de um estabelecimento tipográfico tinha relação direta com o cardápio de tipos e ornamentos oferecidos, assim como com a capacidade de imprimi-los com nitidez. Os dois exemplares aqui reproduzidos passam com folga no teste de qualidade.

Segunda metade do século XX: ênfase na identidade e na promoção

No mundo todo, os anos 1950 foram palco de uma ampla inflexão, envolvendo mudanças econômicas, sociais e culturais – é o chamado pós-guerra. Isso vai se refletir em todos os âmbitos, desde as grandes decisões estratégicas até o cotidiano mais imediato. A comunicação está no centro dessas mudanças.

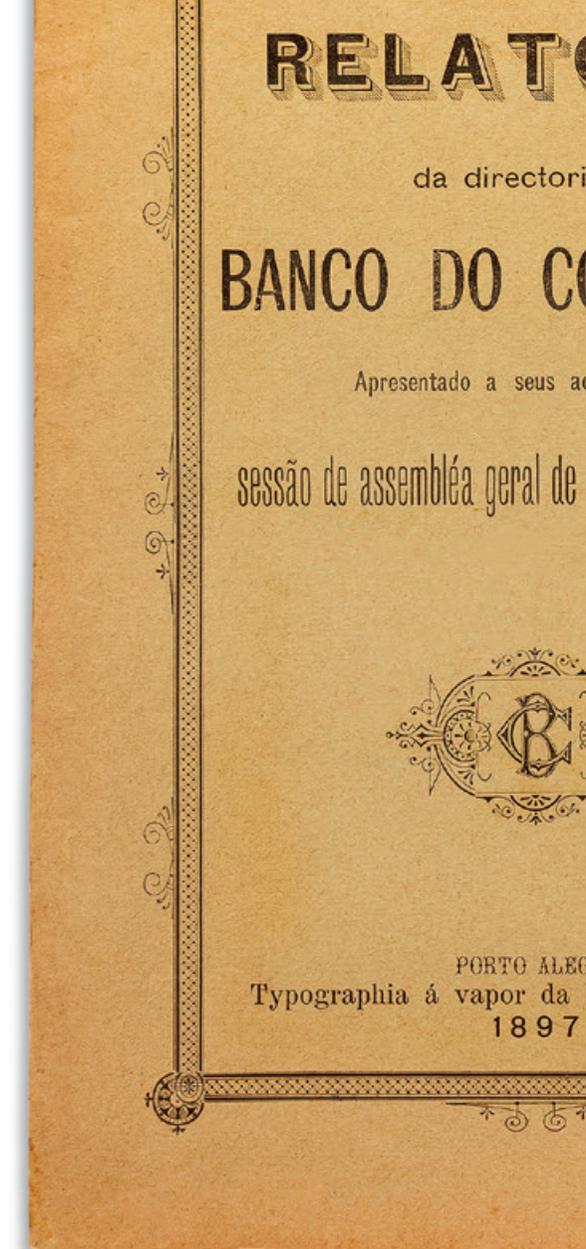
Não por acaso, o design gráfico modernista desembarca no Brasil justamente no início da década. Paralelamente, o processo de valorização da fotografia continua avançando a passos largos, ao mesmo tempo em que ocorre a substituição da impressão tipográfica pela impressão em ofsete. Revistas semanais estampando imagens coloridas na capa e no

miolo tornam-se corriqueiras.

Os relatórios anuais acompanham o fluxo das transformações. Sua linguagem gráfica torna-se mais estimulante e dois vetores se destacam: a ênfase nos sinais de identificação visual dos bancos – ou seja, em seus símbolos e logotipos – e o uso dos relatórios como veículos de ações promocionais. O vetor “identidade visual” está mais próximo da cultura do design; o vetor “ação promocional” está mais próximo da cultura da propaganda.

Edifícios-sede, símbolos, logotipos

No que diz respeito à identidade visual, dois aspectos se destacam nas capas: a presença de imagens dos edifícios-sede das instituições bancárias, assim como dos símbolos



Relatórios anuais do Banco do Comércio. Acima e ao lado, do ano de 1897; à esquerda, do ano de 1899. Porto Alegre. Coleção Santander Brasil.

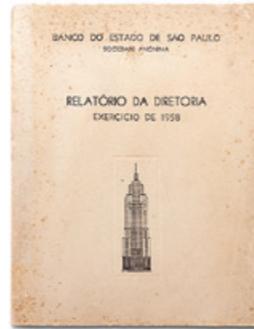
Página ao lado: Sinete do Banco Francês e Italiano para a América do Sul, s/d. Coleção Santander Brasil.



Ao lado: Relatórios do Banco do Estado de São Paulo, de 1958; do América do Sul, de 1974; e do Meridional, de 1990. Nas capas dos três, a presença dos edifícios-sede. Coleção Santander Brasil.

Abaixo: Relatórios do Banespa, o primeiro de 1972, ainda sob a denominação Banco do Estado de São Paulo; e o segundo de 1976, já como Banespa. Nas capas, destaque para o símbolo e o logotipo, respectivamente. Coleção Santander Brasil.

Página ao lado: Relatórios do Banco Francês e Italiano para a América do Sul (Sudameris) de 1975 e de 1979. Dinheiro e arte são os discursos paralelos. Coleção Santander Brasil.

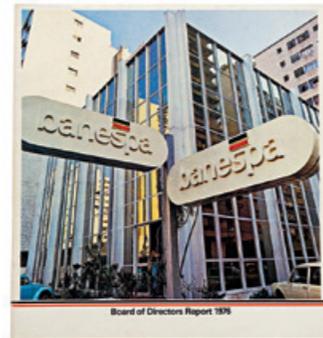


e logotipos que as identificam.

Os três relatórios mostrados acima – Banco do Estado de São Paulo, Banco América do Sul e Banco Meridional – são bons exemplos das linhas de força que nortearam o design da segunda metade do século XX. O primeiro é de 1958 e traz a imagem consagrada do edifício Altino Arantes, um ícone da paisagem urbana paulistana. Apesar de ser relativamente pequeno, o desenho é o elemento mais chamativo da capa. O segundo é de 1974 e marca a passagem do desenho para a fotografia. Esta havia tomado as revistas nos anos 1950, ocupado espaço na propaganda nos anos 1970, se espalhado definitivamente

para as mídias impressas em geral. Por fim, o terceiro é um indicativo do que viria: a fotografia já havia se tornado tão onipresente que passa a ocorrer um retorno à ilustração. Esse retorno ganharia força no século XXI, como veremos adiante.

Os dois relatórios ao lado, no pé da página, são exemplos de outro movimento relevante da cultura gráfica que ocorreu nos anos 1960 e 1970. Trata-se da implantação do design modernista. Dentre as novas ideias defendidas por ele, estão a simplificação e a geometrização do desenho dos sinais de identificação das empresas. Do ponto de vista mais global, ele propõe a noção de “sistema de identidade visual”. Segundo esse princípio, todas as mensagens visuais emitidas por uma empresa devem ser padronizadas, de tal modo que cada uma transmita a mesma informação sobre a empresa – a mesma “identidade”. O relatório anual ocupa lugar de destaque entre as mensagens responsáveis pela construção da identidade de uma empresa.



Aliás, a ideia de sistema de identidade visual permanece viva até hoje no assim chamado *branding*. O *branding* é baseado na mesma formulação, apenas ampliando o âmbito para além do “visual”; ou seja, todas as mensagens emitidas pela empresa devem seguir um padrão pré-determinado, e não apenas as mensagens visuais.

Chegando a um nível mais detalhado, os dois relatórios do Banespa são bons exemplos de abordagens modernistas distintas, ambos referentes à mesma instituição bancária e distanciados no tempo por apenas quatro anos. A primeira abordagem refere-se ao sinal projetado por Aloísio Magalhães, em 1969. Trata-se de um símbolo, ou seja, de um desenho que não inclui informações escritas. A segunda diz respeito ao sinal projetado pela Cauduro/Martino, em 1975. Nesse caso, trata-se de um logotipo, ou seja, um sinal composto de uma palavra escrita de uma forma particular. O símbolo precisa de um segundo componente gráfico que informe o nome da empresa, enquanto o logotipo já carrega em si essa informação. Pode-se dizer que adotar um logotipo é um caminho mais pragmático, enquanto um símbolo abre mais espaço para a invenção gráfica. De certa forma, os dois relatórios refletem as duas posturas: o primeiro intriga, seduz, e o segundo vai direto ao ponto, informa.

Arte e cultura

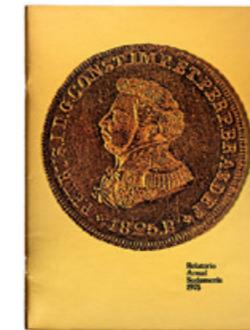
Com relação à ação promocional, passa a haver um investimento na inclusão nos relatórios anuais de referências culturais de prestígio e na adoção de uma linguagem editorial e gráfica próxima à das revistas ilustradas. Há, aqui, um duplo objetivo: por um lado, oferecer ao leitor um discurso paralelo à “frieza” dos números; por outro, aproximar o universo financeiro do universo cultural.

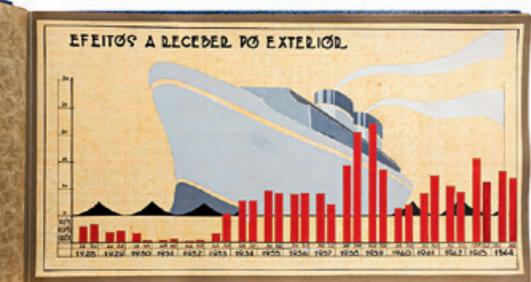
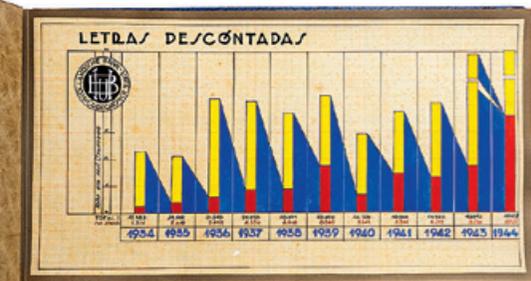
De modo geral, na definição das temáticas que serão desenvolvidas em paralelo ao discurso administrativo-financeiro, dois caminhos prevalecem: um

relacionado ao próprio dinheiro, outro, às artes visuais.

No contexto dos relatórios anuais de bancos, a história do dinheiro é tema quase obrigatório, principalmente considerando o perfil dos leitores, a maioria profissionais das finanças. A trajetória do dinheiro é variada o suficiente para permitir diversas aproximações. O relatório do Banco Francês e Italiano (Sudameris) de 1975, por exemplo, oferece um passeio pelo campo das moedas, reproduzidas em cuidadosos arranjos fotográficos.

A segunda temática é ainda mais vasta: as artes, em geral, e as artes brasileiras, em particular. O relatório





Relatório estatístico do Banco Holandês Unido, de 1944. As pranchas são todas feitas à mão, em um trabalho primoroso. Coleção Santander Brasil.

do Sudameris de 1979, reproduzido na página anterior, exibe na capa uma urna cerâmica do passado remoto amazônico. No miolo, imagens variadas de obras brasileiras convivem com os textos corporativos. Em uma olhada rápida, a aparência é a de um livro ou de uma revista de arte, e não a de um relatório anual.

A combinação do discurso corporativo a um discurso cultural continuaria a render bons frutos, seguindo presente nos relatórios do século XXI, como veremos adiante.

Infografia antes da infografia

Um desafio permanente do discurso que envolve dados numéricos e suas múltiplas combinações são os gráficos e os diagramas. A grande questão que se coloca é como torná-los ao mesmo tempo inteligíveis, tecnicamente consistentes e visualmente atraentes. O enfrentamento

dessa questão levou ao desenvolvimento do que atualmente é conhecido como “infografia”. O infográfico busca descrever processos relativamente complexos por meio da combinação de textos e imagens – ou, em outras palavras, por meio de um discurso verbo-visual.

A Coleção Santander Brasil inclui uma pérola da estatística, por assim dizer. Trata-se do volume produzido em 1944 pelo Banco Holandês Unido – Sucursal São Paulo denominado justamente “Estatística”. Ele é composto de dezenas de pranchas em grande formato, cada uma abordando um dado específico. As pranchas foram inteiramente produzidas à mão, usando guache de diversas cores. O conjunto constitui uma verdadeira aula de como tornar atraentes informações dessa natureza, tornando-se um exemplo de infografia antes que o termo sequer existisse.

Século XXI: ênfase na informação qualificada e na sustentabilidade

O século XXI é marcado por mudanças estruturais do conteúdo dos relatórios anuais: passa a ser exigido que a informação seja inteligível pelo leigo e que sejam fornecidos dados sobre as múltiplas frentes de atuação das empresas. O centro desse novo cenário passa a ser ocupado pela noção de sustentabilidade. Retoma-se, assim, no início do

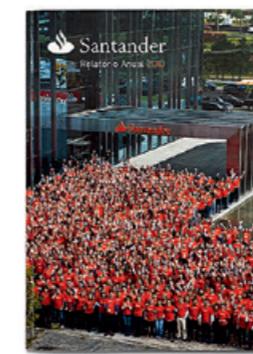
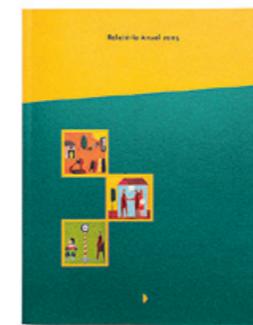
século XXI, a ênfase na informação que predominava no final do século XIX, só que agora com maior densidade e abrangência – uma informação mais qualificada, em resumo.

Simultaneamente, a difusão dos relatórios anuais se desloca do impresso para o digital. Nesse movimento, como não poderia deixar de ser, a linguagem gráfica incorpora códigos da linguagem digital. O relatório do ABN de 2005 é um bom exemplo dessa presença de códigos visuais. Aqui, se manifesta também o empenho em se evitar a fotografia. No século XXI, a ilustração ganha novos ares, impulsionada inclusive pelos próprios recursos digitais. Os programas gráficos passam a ser mais uma técnica à disposição dos ilustradores – e uma técnica cheia de possibilidades expressivas, diga-se de passagem.

A inclusão de elementos ligados ao âmbito cultural segue presente, como no relatório do Banespa de 1999. Nele, o tema são os materiais pictóricos usados no fazer manual da arte. Ao mesmo tempo, esse fazer é revelado por fotos impressas com requintes de nitidez só possíveis graças ao aperfeiçoamento dos equipamentos gráficos, agora baseados em tecnologias digitais.

Para finalizar, o relatório do Santander de 2010, melhor relatório do ano no 13º Prêmio Abrasca, promovido pela Associação Brasi-

leira de Companhias Abertas. Ele se destaca no tocante à satisfação dos novos padrões internacionais de apresentação de demonstrativos financeiros. Na capa, as pessoas reunidas; no miolo, um infográfico produzido com recursos digitais. Combinar o físico com o digital parece ser um caminho promissor. ¶



Relatórios do ABN, de 2005, do Banespa, de 1999, e do Santander, de 2010. Múltiplos caminhos, agora sob o comando da cultura digital. Coleção Santander Brasil.

Relatórios anuais
 encadernados pelas suas
 respectivas organizações.
 Um século de relatórios
 bancários. Coleção
 Santander Brasil.



RELATORIO

[Introdução] Senhores acionistas

Os relatórios empresariais costumam ser vistos como documentos de leitura difícil, e muitas pessoas se desinteressam da leitura quando se deparam com tabelas repletas de números frios. Por outro lado, trata-se de um documento histórico que, por ser muito peculiar aos acervos empresariais, acaba passando despercebido pela maioria dos historiadores.

Nosso desafio, aqui, é mostrar que os relatórios podem ser extremamente úteis aos historiadores – e, por que não, também muito instigantes quando tratados como artefatos culturais que nos falam sobre a evolução das empresas e da economia na qual estavam inseridos. Eles nos contam, ainda, como se transformaram as artes gráficas, a propaganda e a própria maneira como as organizações se comunicam com a sociedade.

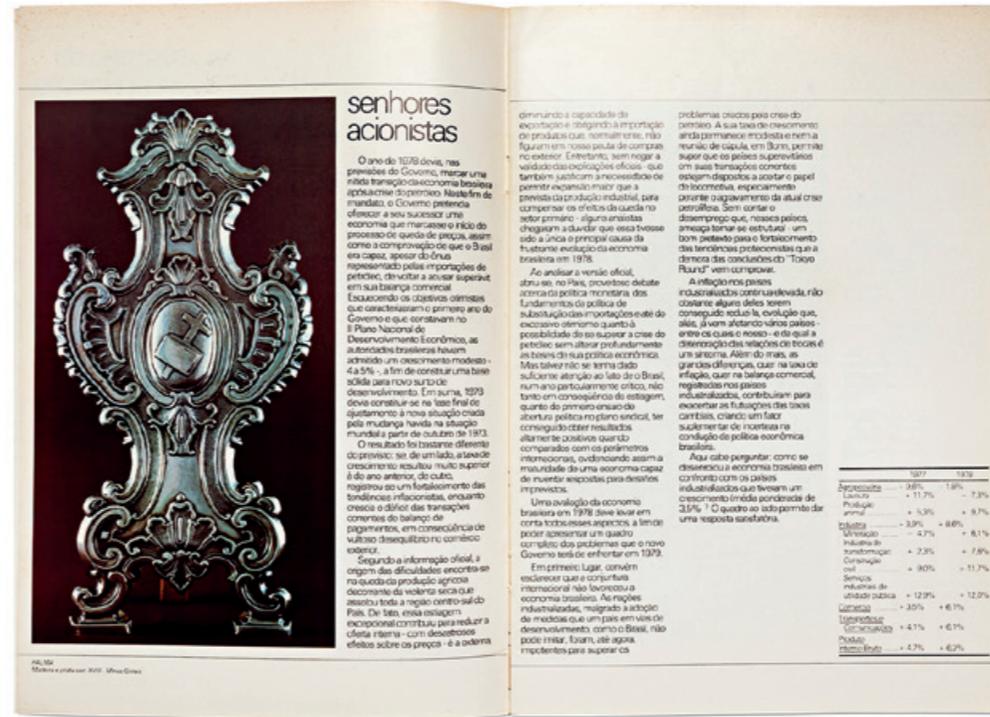
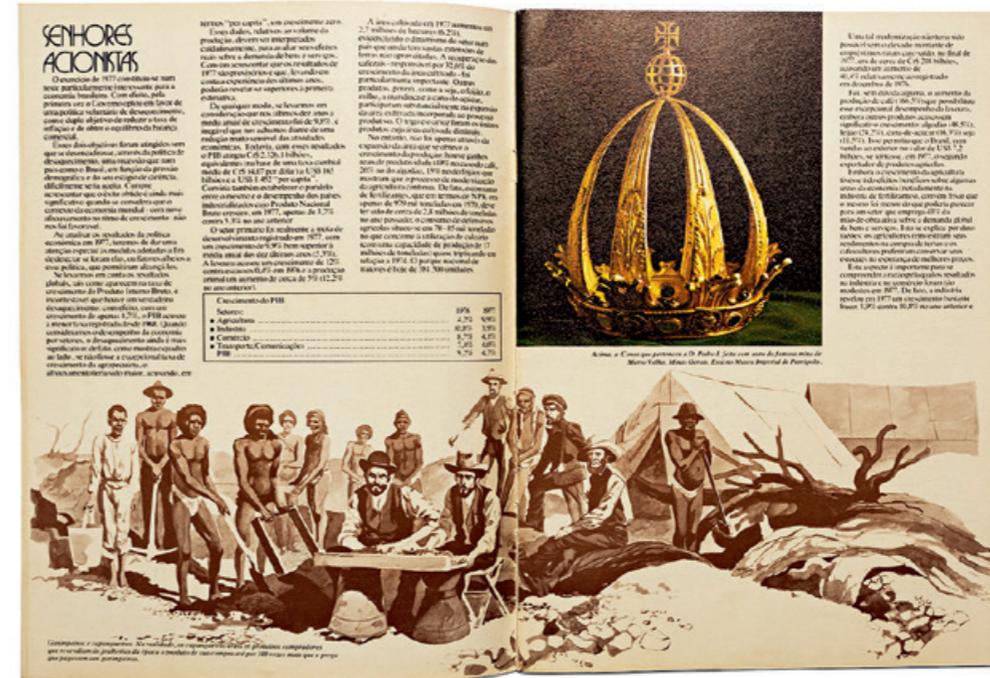
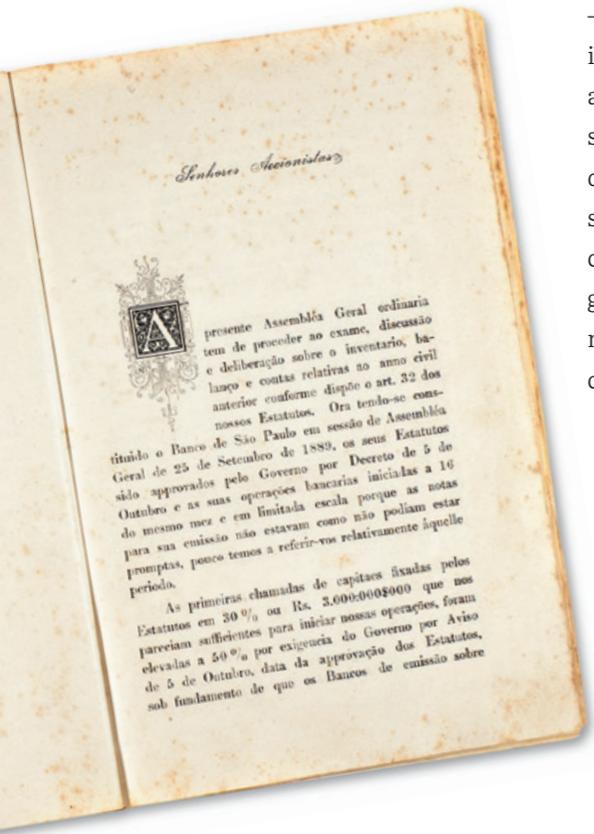
Relatórios anuais são elaborados para comunicar a acionistas e outras partes interessadas sobre o desempenho financeiro, operacional e estratégico de uma empresa durante o último ano fiscal. Geralmente, incluem informações

sobre a saúde financeira da empresa, suas atividades de investimento e desempenho de mercado, além de destacar as realizações e os desafios do ano anterior. Os relatórios também podem incluir informações sobre planos futuros e estratégias de negócios para o próximo ano.

Mas, como dissemos, para além dessa função informativa imediata, os relatórios anuais também são uma importante fonte histórica – e, no caso específico das instituições bancárias, os relatórios da diretoria são especialmente preciosos. A própria natureza de sua atividade faz do banco uma instituição sensível às mais delicadas variações na conjuntura econômica e os seus impactos sobre a situação financeira das demais empresas. Sendo assim, podemos dizer que os relatórios bancários são verdadeiros observatórios de seu tempo.

O estudo desse tipo de documento permite a obtenção de informações qualitativas e quantitativas sobre os bancos e sobre o próprio setor bancário, sendo possível traçar a trajetória das instituições, obter informações

Página inicial do relatório do Banco de São Paulo referente ao ano de 1899, São Paulo. Coleção Santander Brasil.



Páginas de apresentação dos relatórios do Banco Francês e Italiano (Sudameris) para os anos de 1977 e 1978, contendo o texto de saudação aos acionistas. Coleção Santander Brasil.

sobre o contexto em que estiveram inseridas e produzir séries históricas com dados quantitativos.

A imprensa sempre prestou muita atenção aos relatórios anuais bancários, utilizando-os como fonte na análise da conjuntura. Nesse sentido, uma matéria publicada com o título “Relatórios Bancários” no jornal porto-alegrense A Federação, no dia 3 de abril de 1922, exprime bem a opinião sobre as potencialidades desse tipo de fonte: “(...) a situação dos bancos nada mais é do que

uma exponência prática e concreta do estado geral do comércio, abrangendo-se nesta designação genérica todas as manifestações da produção, da circulação, da distribuição e do consumo da riqueza”¹. Em outro caso, em 18 de agosto de 1925, a imprensa brasileira repercutia uma notícia veiculada no jornal parisiense Le Temps, comentando as perspectivas de melhora das finanças brasileiras em 1924 com base no relatório do Banco Francês e Italiano para a América do Sul (Sudameris).

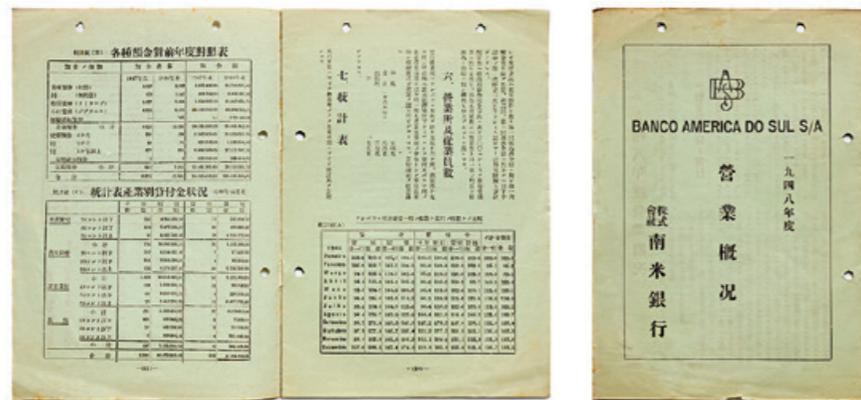
Entre as décadas de 1930 e 1940, surgiu a preocupação das diretorias dos bancos em disponibilizar gráficos para auxiliar na compreensão dos dados em exposição. Em muitos casos, produziam-se longas séries de tabelas sobre vários setores econômicos, especialmente aqueles nos quais as carteiras de crédito das instituições estavam mais expostas.

Naquela época, a produção e divulgação de dados estatísticos sobre diversos setores da economia ainda estava engatinhando, e muitos bancos desenvolveram um papel importante na divulgação desse tipo de informação.

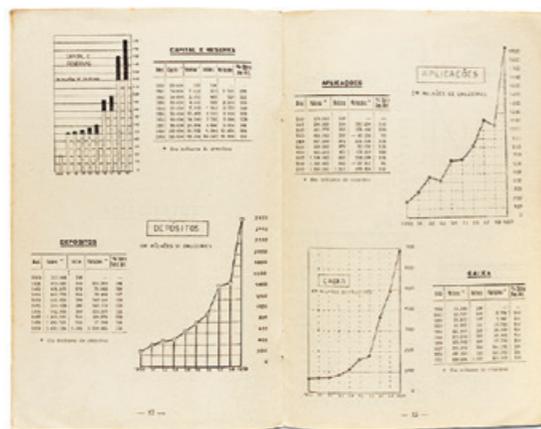
Por volta da década de 1960, com a evolução do marketing, da indústria e do design gráfico, os relatórios anuais se transformaram em uma peça de propaganda da companhia, desenvolvida por agências de publicidade em um contexto no qual



Ao lado: Página interna do relatório do Banco Francês e Italiano de 1927. Abaixo: Página interna do relatório Banespa de 1972 em que se observa o corte circular da publicação. Coleção Santander Brasil.



Acima: Capa e páginas internas da versão em japonês do relatório anual de 1948 do Banco América do Sul. Coleção Santander Brasil.



Ao lado: Página interna do relatório de 1959 do Banco América do Sul. Coleção Santander Brasil.

se sobressaiam recursos de design, fotografia e impressão, além da utilização de temas que remetiam à valorização das artes e do patrimônio histórico e à identidade regional.

Vem daí o impacto estético que esses documentos nos causam: a beleza dos manuscritos, a evolução dos tipos e fontes empregados, todas as alegorias e floreios, a diagramação exuberante da segunda metade do século XX e o sentido não menos interessante que se esconde atrás da seriedade dos relatórios mais objetivos e transparentes do século XXI.

Essa transparência entra em pauta em um terceiro momento da história desses documentos, quando





No início dos anos 2000 os relatórios anuais se tornaram mais concisos e transparentes. Além de reportar os dados financeiros de acordo com padrões internacionais, esses documentos se tornaram ferramentas de gestão e acompanhamento das práticas de sustentabilidade, postura ética e boa governança das empresas.

Acima: Relatório anual do Santander de 2004.

Abaixo: Páginas do relatório de 2011 ilustrado com fotografia que remete ao relatório do exercício anterior (2010), reconhecido com o Prêmio Abrasca de Melhor Relatório Anual. **Página ao lado:** Páginas internas do relatório do ABN AMRO Brasil de 2005, com ilustrações que reforçam o discurso de transparência e sustentabilidade. Coleção Santander Brasil.

o mercado percebeu que apenas um belo relatório não garantia a qualidade das informações prestadas. Desse modo, entre as décadas de 1980 e 1990, o investimento em fotografia e recursos inovadores de diagramação e impressão perderam espaço para as demonstrações financeiras mais detalhadas. No início dos anos 2000, os bancos, de modo geral, adotaram critérios internacionais de transparência na divulgação de seus resultados – a chamada governança corporativa, que entenderemos mais detalhadamente no capítulo “Governança corporativa e sustentabilidade”.

A partir daí, os textos se tornaram mais objetivos, e os recursos gráficos passaram a atender à necessidade de tornar as informações mais compreensíveis a um público diverso, que passava a incluir também analistas de mercado, imprensa especializada, credores, fornecedores, colaboradores, órgãos de fiscalização e controle e a sociedade civil de maneira geral – ou seja, todos os interessados em acompanhar o impacto econômico, social e ambiental das empresas.

É por todos os motivos aqui listados que o Santander Brasil publica este livro, com a missão de divulgar uma categoria de documentos ainda pouco explorada pelos historiadores e permitir que o público desfrute de um artefato cultural até então

restrito a profissionais de acervo.

Os relatórios que compõem o acervo da Coleção Santander Brasil cobrem dois terços da história bancária brasileira, o que nos permite acompanhar a evolução do setor desde os relatórios manuscritos do Banco da Província do Rio Grande do Sul, publicados em 1859, até os relatórios mais recentes do Banco Santander Brasil.

As produtoras desses relatórios foram as instituições que integram a árvore genealógica do Santander Brasil, sendo que cinco delas foram adquiridas pelo banco: Banco Geral do Comércio (1997), Banco Noroeste (1998), Banco Bozano, Simonsen/Meridional (2000), Banespa (2000) e ABN Amro Bank/Real (2008). Além dos relatórios de bancos que constam da sua árvore genealógica, a coleção também possui e coleta anualmente os novos relatórios do Santander Brasil, que atua no país desde 1982.

Neste livro, portanto, apreciaremos um conjunto de relatórios que cobre 165 anos da comunicação de bancos com os seus acionistas e que, quando analisado em perspectiva, nos permite observar uma clara evolução da comunicação corporativa e, claro, dos mais diferentes aspectos da história econômica e estética do nosso país.

Boa leitura!



RELATORIO

Banco da Província do Rio Grande do Sul

Relatórios N.º 1 e 2 de 9 de Julho e 9 de Agosto ambos de 1858.

...ouco
...disposi-
...ra como
...con-
...rcha,
...perat
...a com
...cto,
...is, a
...ra
...hos-
...ra
...cos
...ca
...om
...s
...ão
...quim
...ro

Manuscritos do primeiro relatório do Banco da Província do Rio Grande do Sul, 1958. Coleção Santander Brasil.

O que tem em um relatório



O relatório anual é um documento produzido pela direção de uma empresa organizada como Sociedade Anônima para fornecer uma visão geral das atividades da instituição, prestar contas de seu desempenho financeiro e apresentar as perspectivas de futuro. Originalmente, tinha como público-alvo os acionistas da instituição – indivíduos ou instituições que detêm a sua propriedade por meio de ações, mas que delegam a administração dos negócios a uma diretoria eleita em assembleia geral. Como falamos anteriormente e veremos em detalhes

mais adiante, os relatórios anuais foram adquirindo outros objetivos com o tempo, sendo direcionados a um público mais abrangente.

Desde meados do século XIX até meados do século XX, a forma de apresentação desses documentos mudou muito pouco: um relato da direção, seguido de parecer do conselho fiscal (a partir de 1882); o balanço patrimonial da instituição no primeiro e no segundo semestre; e a lista de acionistas.

No início do século XX, a capa do relatório seguia um padrão: nome da sociedade, do que se tratava o documento, em qual assembleia geral foi apresentado e o exercício – por exemplo: *Relatório da Directoria do Banco da Provincia do Rio Grande do Sul, apresentado a Assembleia Geral dos Accionistas, em sessão de 26 de julho de 1864.*

Abaixo do título, era comum o uso de alguma alegoria ou emblema, muitas vezes remetendo aos setores econômicos nos quais o banco estava focado, como o comércio ou a agricultura. E, por fim, junto à margem inferior, havia as informações sobre a publicação: cidade, ano de publicação (sempre

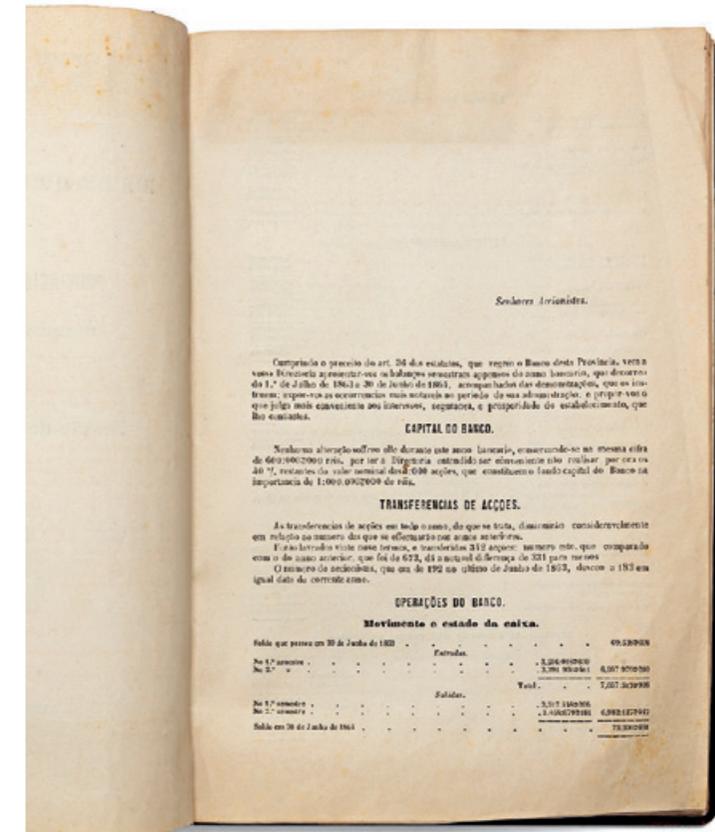
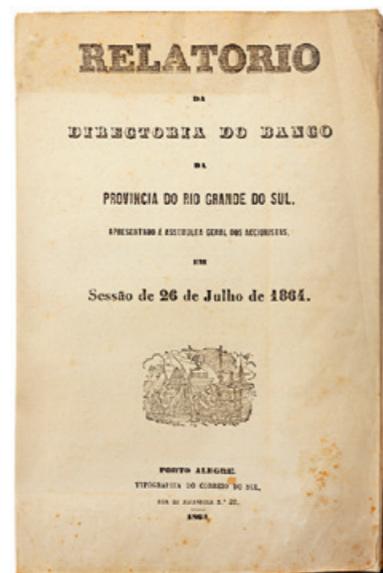
no ano seguinte ao do exercício do relatório) e o nome do impressor.

Na segunda metade do século XX, o texto de abertura recebia o nome de “relatório de administração”, tendo origem na sustentação oral dos diretores perante os acionistas reunidos na assembleia geral. Era comum começar com a saudação “senhores acionistas...” e, logo em seguida, vinha o resumo dos negócios do banco, juntamente com a análise da conjuntura econômica, financeira e política, justificando as escolhas da instituição diante dos riscos conjunturais e as oportunidades de negócios.

Logo após a explanação da diretoria, seguia-se a apresentação das contas, o conjunto de tabelas contendo os balanços patrimoniais da instituição no final do primeiro e do segundo semestre, que, muitas vezes, eram acompanhados por tabelas mais detalhadas com os resultados operacionais dos últimos anos. Essas contas vinham assinadas pelo contador do banco. Durante o século XIX, o contador era chamado de guarda-livros, pois era ele o fiel guardador das contas registradas em livros contábeis. ¶



Acima: Relatório do Banco do Comércio, exercício de 1896, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1897. Coleção Santander Brasil.
Ao lado: Relatório do Banco da Provincia do Rio Grande do Sul, exercício de 1863-1864. Porto Alegre, Correio do Sul, 1864. Coleção Santander Brasil.



Relatório do Banco da Provincia do Rio Grande do Sul, exercício de 1863-1864. Porto Alegre, Correio do Sul, 1864. Coleção Santander Brasil. Texto de abertura com a saudação: “Senhores acionistas...”. Coleção Santander Brasil.

Letras descontadas.

Existentes em 30 de Junho de 1863	1.859.935.779
Descontadas no 1.º semestre	2.916.881.376
Cobradas no 1.º semestre	4.776.807.135
Existentes em 31 de Dezembro de 1863	2.893.784.797
Descontadas no 2.º semestre	1.884.022.338
Cobradas no 2.º semestre	2.890.911.884
Existentes em 30 de Junho de 1864	4.771.934.472
	2.953.343.973
	1.816.390.797

Letras caucionadas.

Existentes em 30 de Junho de 1863	61.075.827
Entradas no 1.º semestre	107.460.835
Cobradas no 1.º semestre	171.342.682
Existentes em 31 de Dezembro de 1863	94.013.827
Entradas no 2.º semestre	77.326.835
Cobradas no 2.º semestre	93.383.970
Existentes em 30 de Junho de 1864	171.109.923
	121.964.923
	49.148.000

Letras com hypotheca.

Entradas no 1.º semestre	2.300.000
Idem no 2.º semestre	6.000.000
Cobradas no 2.º semestre	8.300.000
Existentes em 30 de Junho de 1864	2.300.000
	6.000.000

A taxa dos descontos em todo o anno bancario foi de 10 por %, para as letras de prazo menor ate 4 mezes; e de 11 por %, para as de prazo maior até 6 mezes, inclusive as letras caucionadas, e com hypotheca.

Comparado o valor da carteira em 31 de Dezembro de 1863 com o que se mostra em 30 de Junho de 1864, nota-se a differença para menos de 89:310.2116 reis.

Letras por dinheiro tomado a juro.

Dinheiro recebido no 1.º semestre	9.938.700
Juros deste semestre	298.160
	10.236.860
Dinheiro recebido no 2.º semestre	9.708.738
Juros deste semestre	291.262
Total pelo qual se passou uma letra	10.000.000

Movimento e estado das contas correntes.

<i>Contas correntes com juros.</i>		
Saldo em 30 de Junho de 1863		1.326.163.761
Entrado no 1.º semestre	832.814.285	
Idem no 2.º semestre	328.300.749	1.161.115.004
Sahido no 1.º semestre		2.487.311.215
Idem no 2.º semestre	501.099.069	
	423.329.532	924.428.601
Saldo em 30 de Junho de 1864		1.362.891.391

Devedores em contas correntes.

Saldo que passou do anno antecedente		177.823.637
Entrado no 1.º semestre	28.944.775	
Idem no 2.º semestre	33.479.962	84.424.737
Sahido no 1.º semestre		262.248.394
Idem no 2.º semestre	17.766.384	
	29.713.403	47.480.987
Saldo em 30 de Junho de 1864		214.767.407

Cumpre observar que estas contas sob a denominação de devedores em c/c não figuravão nos balanços dos annos anteriores, e só do 1.º de Julho de 1863 em diante, para maior clareza da escripturação, forão destacadas do titulo generico, que as comprehendia.

Lucros, despesas, dividendo e fundo de reserva.

1.º Semestre.

Importação os lucros deste semestre em		109.839.253
A saber:		
Descontos que passarão do semestre findo	34.878.186	
Ditos obtidos no semestre	64.314.478	
Juros de devedores em contas corrente	99.392.664	
Lucros diversos	9.116.719	
Que reunido ao saldo, que passou do anno antecedente	1.029.872	779.218
	Somma.	110.618.473
Os juros e mais despesas do semestre forão os seguintes; a saber:		
Juros do dinheiro tomado em conta corrente	45.839.908	
Ditos pagos no correr do semestre	1.381.216	
Despesas geraes, sendo vencimentos de empregados, expediente e processos judiciaes.	6.321.980	
Ditas com o edificio do Banco	63.000	33.608.144
Esta somma foi distribuida pela seguinte maneira; a saber:		
6 por %, para o fundo de reserva	3.420.620	
Dividendo de 3.000 acções a 10.000	33.000.000	
Saldo que passou para o seguinte semestre	589.709	37.010.329
	Liquido.	37.010.329

2.º Semestre.

Importação os lucros deste semestre		109.639.830
A saber:		
Descontos que passarão do semestre findo	34.711.303	
Ditos obtidos no semestre	62.299.804	
Juros de devedores em contas correntes	97.011.167	
Lucros diversos	11.179.962	
Que reunido ao saldo que passou do anno antecedente	1.448.770	589.709
	Somma.	110.229.518
Os juros e mais despesas do semestre forão os seguintes; a saber:		
Juros do dinheiro tomado em conta corrente	46.892.833	
Ditos pagos no correr do semestre	1.810.878	
Despesas geraes, sendo vencimentos de empregados e expediente	5.490.320	54.200.033
Esta somma foi distribuida pela seguinte maneira; a saber:		
6 por %, para o fundo de reserva	3.361.770	
Dividendo de 3.000 acções a 10.000	33.000.000	
Saldo que passa para o seguinte semestre	167.245	56.029.515
	Liquido.	56.029.515

O dividendo do 1.º semestre foi de 10.000 por acção; e o do 2.º de 10.500; os quaes reunidos dão 21.500 por acção, ou 17 7/12 por %, ao anno.

Comparado com o do anno anterior, que foi de 19.900, conhecêreis que houve o augmento do 1.500 por acção, que corresponde a um por cento mais no anno.

Páginas com a descrição sintética das contas. Relatório do Banco da Província do Rio Grande do Sul, exercício de 1863-1864. Porto Alegre, Correio do Sul, 1864. Coleção Santander Brasil.

N. de ordem	NOMES	1ª emissão	2ª emissão
237	Transporte.....	7233	7098
238	José Francisco Dias.....	33	15
239	José Joaquim Garcia.....	20	20
240	José Carlos de Toledo Bordini.....	27	27
241	João C. Bastian.....	10	40
242	João Baptista Pimenta.....	100	100
243	João Antonio da Roza Junior.....	31	31
244	João de Souza Brito.....	16	16
245	João Olinto de Oliveira.....	5	5
246	João Alves Canteiro.....	22	10
247	João Dutra (Dr.).....	16	16
248	João Ferreira Barboza e Silva.....	170	73
249	João Rodrigues de Barros.....	48	48
250	João Baptista Ferreira Ferro.....	275	41
251	João Caetano Pinto.....	20	20
252	João Moreira da Silva.....	26	26
253	João Pereira de Vargas Firmo.....	100	100
254	João de Lima Coelho.....	5	15
255	João José de Carvalho Freitas (Dr.).....	100	9
256	João de Oliveira Primo.....	2	100
257	João Carlos Dubois.....	111	40
258	João Aydos & Comp.....	10	10
259	João C. Leitão da Rocha.....	15	20
260	João Canteiro & Filho.....	21	31
261	João Dias Abrantes.....	27	27
262	João Apolpho Josetti (Dr.).....	10	10
263	João C. de Toledo Bordini.....	10	50
264	Joaquim Pereira da Silva.....	100	100
265	Joaquim José Felizardo Junior (Dr.).....	56	16
266	Joaquim Birnfeld (Dr.).....	16	16
267	Joaquim T. de.....	50	16
268	Joaquim T. de.....	248	452
		5	5
		48	48
		67	167
		10	10
		10	10
		27	27
		30	
		5	120
		10	10
		5	5
		33	33
		8	4
		30	5
9277			9051

N. de ordem	NOMES	1ª emissão	2ª emissão
287	Transporte.....	9277	9051
288	Maria C. Falkmann (D.).....	20	20
289	Maria Candida de Brito (D.).....	30	20
290	Maria L. Lara de Paula (D.).....	3	3
291	Maria Clemencia de Jesus (D.).....	13	
292	Maria José B. de Menezes (D.).....	2	
293	Maria José Mariante Carneiro (D.).....	200	200
294	Maria Machado da Silva (D.).....		200
295	Maria José Martins (D.).....	2	50
296	Maria da C. Guinardes Lacerda (D.).....		2
297	Maria José Ladeira Cardozo (D.).....		10
298	Maria C. Guedes Marques (D.).....	50	50
299	Maria José Dubois (D.).....		30
300	Maria Campos Assumpção (D.).....	1	
301	Maria Candida Rodrigues (D.).....	2	2
302	Maria Weisser da Costa (D.).....	9	
303	Mariano José do Canto Filho.....	86	100
304	Marcellino Baptista Gonçalves.....	178	68
305	Manoela L. da Costa e Silva (D.).....	165	475
306	Manoela A. de Azambuja (D.).....	25	25
307	Marino M. de Lima.....		20
308	Marieta da Costa Gomes (D.).....	2	2
309	Mathilde de Oliveira Carvalho (D.).....	16	
310	Manoel José Dias da Costa.....		24
311	Manoel Ferreira Dias da Silva.....	20	20
312	Manoel A. do Valle Quaresma Junior.....	5	5
313	Manoel P. da Costa Brandão Junior.....	160	162
314	Manoel Ignacio da Rocha.....	24	30
315	Manoel Carvalho da Costa.....	5	
316	Manoel José de Oliveira Cruz.....	20	20
317	Manoel Domingos Marques.....		5
318	Manoel C. Assumpção (menor).....	80	30
319	Manoel Joaquim Esteves.....	2	2
320	Manoel Pinto Guedes.....		20
321	Manoel P.....	33	15
322	Normelio Roza (Dr.).....	144	80
323	Nicolau Ely.....	70	107
324	Oscar de Noronha (Dr.).....	10	10
325	Oscar Pires de Noronha.....	32	32
326	Ovidio Silveira Martins.....	20	20
327	Olympia B. Pimenta (D.).....	50	
328	Otto Niemyer.....	10	26
329	Octavio Raupp (Dr.).....		20
330	Octavio da Costa Gomes.....	24	24
331	Octavio Pacifico Furtado.....	33	23
332	Octavio B. Coelho de Souza (Dr.).....		10
333	Octavio de Campos Monteiro (Dr.).....	24	24
334	Octaviano Gonçalves.....	30	
335	Octaviano Odorico Souto.....	31	80
336	Octacilio Malheiros.....	30	20
	Ondina, filha de Laurinda de O. Lima.....	10	
	Transporta.....	10981	10940



Relatórios do Banco do Comércio endereçados aos acionistas João Aydos & Comp e João de Lima Coelho, cujos nomes podem ser lidos na relação de acionistas ao fundo. Porto Alegre, Livraria do Comércio, 1906 e 1907. Coleção Santander Brasil.

Mas, afinal de contas, o que é um balanço patrimonial?

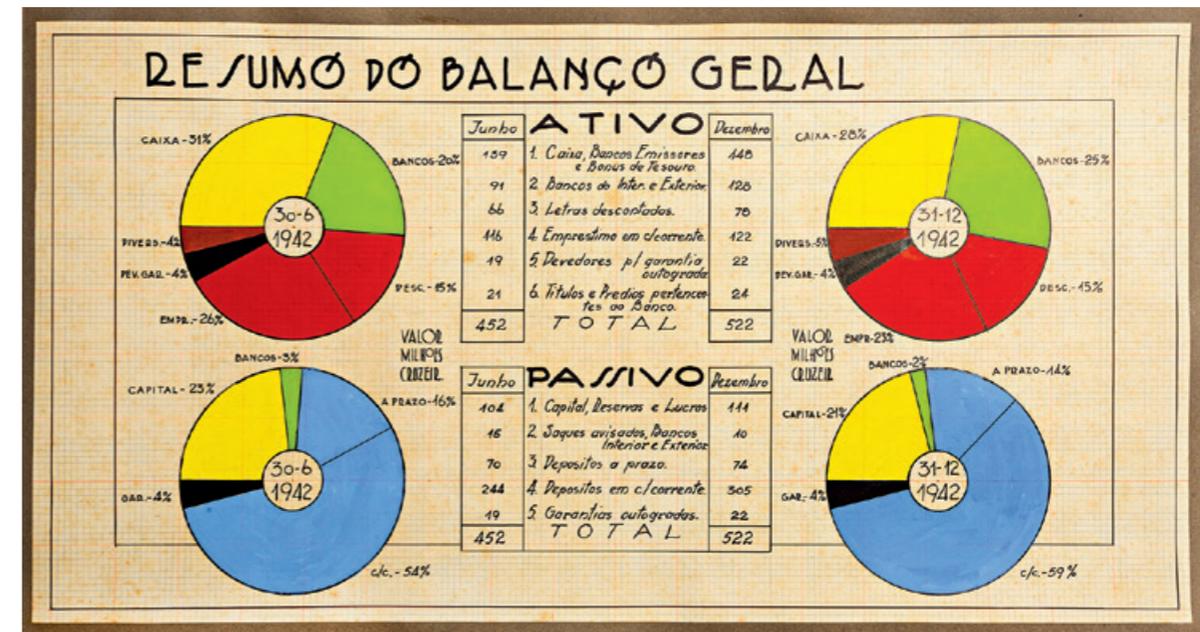
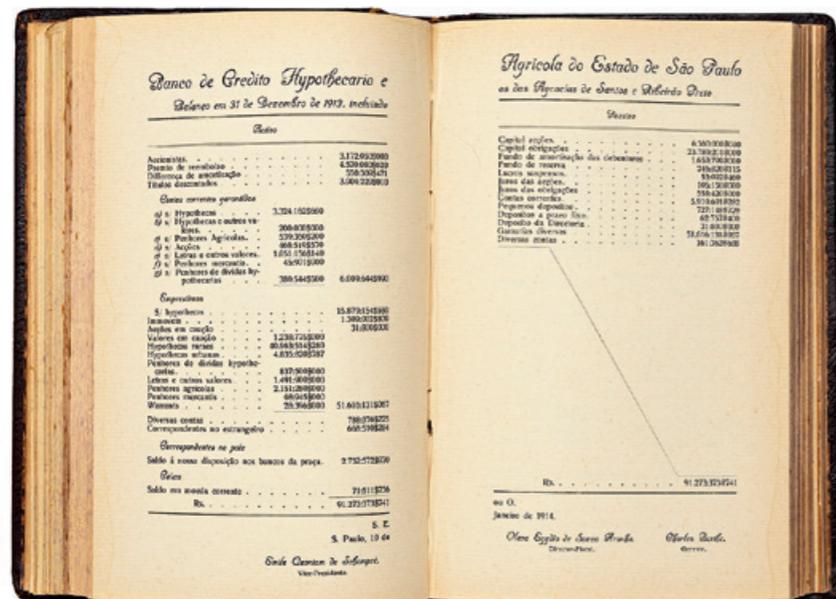
Um balanço patrimonial é a exposição sintética da posição financeira da empresa em um determinado momento. Ele organiza essas informações em dois campos, lado a lado. No lado do ativo, são ordenados os bens e os direitos de que a empresa dispõe, como imóveis, estoques de mercadorias, mobília e equipamentos; no lado do passivo, estão os valores das obrigações que a empresa tem a pagar, como o débito com fornecedores,

empréstimos tomados e o próprio capital aportado pelos acionistas. Trata-se de um antigo método de controle de caixa no qual cada débito em uma conta tem que corresponder a um crédito de igual valor – ou seja, a soma dos valores de um lado deve ser igual à soma dos valores dispostos do outro. É por causa desse equilíbrio que se utiliza o termo “balanço”.

Como lembra o especialista em relatórios anuais Lélío Laureth, os economistas têm uma forma um pouco diferente de explicar essas contas. Para eles, o balanço mostra, de um lado, os recursos que a empresa está movimentando (passivo) e, do outro lado, como aqueles recursos estão sendo aplicados (ativo).

Talvez esta última explicação seja mais didática para que possamos compreender, ainda que superficialmente, como se organiza um balanço bancário. Os empréstimos e créditos concedidos são agrupados no ativo, e os recursos captados, como depósitos de clientes, são registrados no lado do passivo.

Balanço em 31 de dezembro de 1913 no relatório do Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo. Coleção Santander Brasil.



Prancha de layout contendo gráfico comparativo do balanço geral do Banco Holandês Unido, sucursal de São Paulo, entre junho e dezembro de 1942. Coleção Santander Brasil.

Até meados do século XX, a principal atividade do banco era conceder crédito por meio de conta-corrente e descontos. Por conta-corrente entendia-se um contrato no qual, mediante garantia e cobrando taxa de juros, o banco disponibilizava um valor na conta do cliente. Sendo assim, ao lermos “conta-corrente” no lado esquerdo do balanço de um banco, sabemos que se trata do valor que o banco tem a receber por contratos de conta-corrente.

Os descontos aparecem nos balanços como títulos que o banco tem a receber, uma vez que a natureza dessa operação consiste em “comprar” uma duplicata, nota

promissória ou letra de câmbio de alguém que lhe transfere o direito de receber, pagando na compra um valor menor do que aquele que se tem a receber no prazo estipulado. É essa diferença entre o valor adiantado e a receber pelo banco que é chamada de desconto. Nos balanços, esses valores aparecem com o nome de “títulos descontados”.

Era muito comum que os bancos recebessem títulos em benefício de seus clientes. Por exemplo: se um importador de tecidos localizado em São Paulo tivesse uma letra a receber de um comerciante do interior, entregava-a a um banco que tivesse agência naquela cidade. Realizada

BALANÇOS

N.º 2.

Banco da Provincia do Rio Grande do Sul.

Balço em 31 de Dezembro de 1894.

ACTIVO.		PASSIVO.	
Accionistas: entradas a realisar	2,400:000\$000	Capital: em 25,000 acções de 200\$000	5,000:000\$000
Bens de raiz	18:081\$690	Fundo de reserva	600:453\$970
Edificio do Banco	134:662\$940	Fundo de accionistas	579:063\$062
Movéis	7:552\$000	Lucros suspensos	152:325\$466
Apólices da divida publica	775:597\$860	Lucros a dividir	85:812\$917
Apólices da divida do Estado: { de 1881	237:769\$000	Letras a pagar	200:520\$000
" 1885	22:555\$170	Credores em contas correntes	12,372:872\$330
" 1892	57:841\$600	Caução da directoria	50:000\$000
" 1893	534:500\$000	Titulos e valores depositados	11,735:814\$282
Apólices da camara da capital	852:665\$770	Dividendos: saldo de semestres findos	10:785\$500
Apólices da camara do Rio Grande	292:740\$000	Dividendo: deste semestre 12 % an anno	156:000\$000
Acções da companhia hydraulica Rio-Grandense	1:000\$000		
Acções da fabrica de papel	20:000\$000		
Acções da fabrica de chitas	2:000\$000		
Acções da fabrica de pregos	133:500\$000		
Acções da companhia União fabril e pastoril	4:000\$000		
Acções da companhia Fiação e tecidos	26:000\$000		
Acções da companhia Progresso industrial	91:260\$000		
Acções da companhia Industrial mercantil	14:500\$000		
Acções da companhia Carris urbanos	143:202\$300		
Acções da companhia Fabrica de moveis	10:000\$000		
Acções do Banco da Republica do Brazil	13:400\$000		
Acções da companhia Territorial Porto-Alegrense	232:992\$050		
Acções da companhia Carris Porto-Alegrense	13:000\$000		
Acções da companhia Manufactora	189:000\$000		
Acções da companhia Casa de saude Bella Vista	8:000\$000		
Debentures da Estrada de ferro Rio de Janeiro	400\$000		
Debentures da Fabrica de Chitas Porto-Alegrense	119:109\$810		
Juros a receber	112:800\$000		
Deposito da directoria	83:338\$710		
Depositos	50:000\$000		
Devedores em contas correntes	11,735:814\$282		
Letras descontadas	10,099:257\$205		
Letras a receber	1,290:904\$900		
Titulos em liquidação	185:542\$300		
Caixa: saldo	42:998\$850		
	1,840:326\$860		
	<u>30.943:647\$527</u>		<u>30.943:647\$527</u>

Porto Alegre, 31 de Dezembro de 1894.

Orlando Coelho da Silva, Contador.

Balço do Banco da Provincia do Rio Grande do Sul, extraído em 31 de dezembro de 1894, que compõe o relatório anual do mesmo ano. Porto Alegre, Correio do Sul, 1895. Coleção Santander Brasil.

Página ao lado: Diversas contas dos balanços anuais do Banco Holandês Unido expressas na forma de gráfico comparativo. Banco Holandês Unido, Estatísticas, São Paulo, s/d. Coleção Santander Brasil.

a cobrança, o valor era creditado na conta do importador, e o banco cobrava uma taxa pelo serviço. Essa operação aparece nos balanços antigos como “títulos a receber por conta de terceiros” ou “letras a receber”.

Quando um banco recebia um valor em conta-corrente, ele registrava no passivo como “conta-corrente”. Esses depósitos tinham de ser pagos à vista pelo banco, ou seja, no momento que seu cliente pedisse. Eles se diferenciavam nos balanços dos depósitos a prazo, aos quais o banco pagava uma remuneração maior para ter previsibilidade.

Esses depósitos eram escriturados como “letras a pagar” ou “letras por dinheiro a prêmio”, pois, ao receber o depósito, o banco entregava uma promissória (letra) ao cliente, a qual rendia um prêmio (juro). Com o tempo, convencionou-se chamar essa operação de “depósitos a prazo” denominando os seus comprovantes de CDB – Certificado de Depósito Bancário.

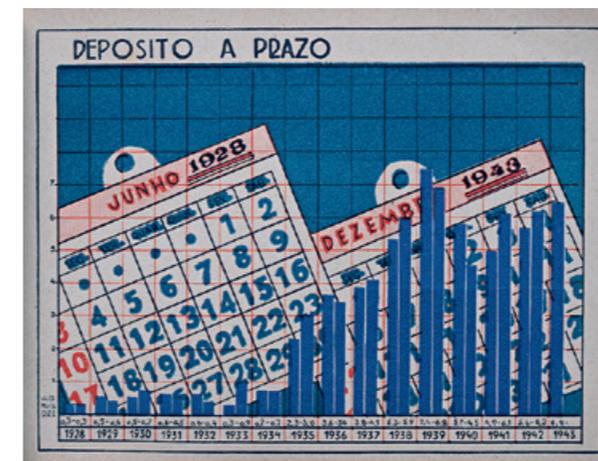
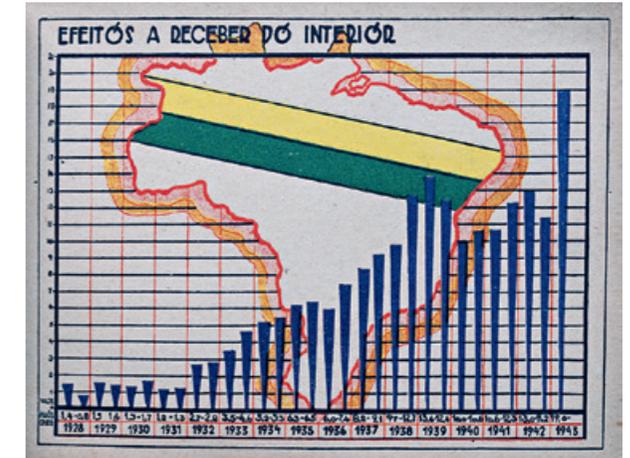
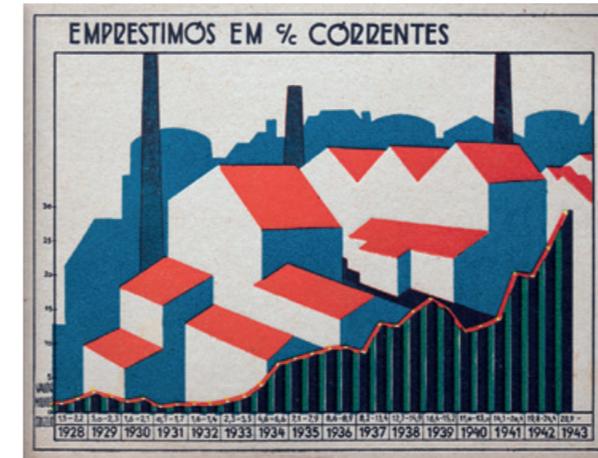
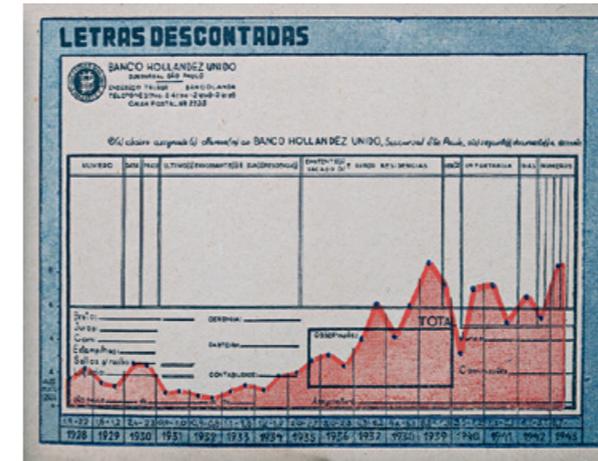
Depois de apresentados os balanços, as páginas do relatório seguiam com o parecer do conselho fiscal, um órgão independente da diretoria com a função de conferir as contas e os balanços escriturados pelo contador do banco. Esse órgão existia nos bancos brasileiros desde o ano de 1882 e era composto de três titulares e três suplentes. Com o contínuo avanço nas medidas de transparência

e fiscalização de balanços, percebeu-se que os conselhos fiscais não eram suficientemente apartados da direção das empresas. Assim, a reforma da Lei das Sociedades Anônimas de 1976 desobrigou as sociedades de manterem um conselho fiscal, mas impôs a submissão de suas contas a uma auditoria independente. As companhias também começaram a adotar o conselho de administração, órgão separado da direção direta da companhia, que ficou responsável pelas decisões de monitoramento da diretoria, além de fazer a ponte entre diretores e sócios.

Depois de transcrita a sustentação oral dos diretores e apresentados os balanços e pareceres do conselho fiscal, o relatório anual terminava com uma lista contendo a relação nominal dos acionistas com o número de ações que pertenciam a cada um na data da apresentação. Até meados do século XX, o número de acionistas era muito reduzido, e o quadro de acionistas ocupava poucas páginas do relatório.

Alguns anexos costumavam ser inseridos nos documentos para apreciação dos acionistas, como tabelas detalhadas do desempenho operacional, histórico de remuneração dos acionistas ou número de transações feitas com ações do banco ao longo do ano, mas nenhuma dessas demonstrações eram obrigatórias. ¶

BALANÇOS



Acta da Assembléa Geral Extraordinária do Banco do Estado de São Paulo, realizada em 23 de Setembro de 1937.

Aos vinte e tres dias do mez de Setembro de 1927, no Salão Nobre do Banco do Estado de São Paulo, n.º 33, nesta Capital, reuniram-se em assembléa geral extraordinária, previamente convocada de conformidade com as prescripções legais, os seguintes senhores acionistas: Dr. Antonio Carlos de Assumpção, Dr. João Augusto de Paula Fleury, representando a Fazenda do Estado, conforme officio n.º 1432, de 23 do corrente, do Sr. Procurador Fiscal do Estado, Jacques Jessoum, P. B. de Castro Filho, Magliano, Dr. F. Ferreira Ramos, José de Souza Castro Filho, Piero Roverai, Dr. Cesarino Coimbra, representando o Instituto de Café, Carlos Teixeira Junior, Armando de Alcantara, Fergentino de Freitas, Antonio Teixeira Pinto, Antonio de Araujo Novas Junior, André Pujol e Mario Morandi, representando, ao todo, 236.228 ações no valor de Rs.47.246:600\$000, conforme consta das assignaturas exaradas pelos referidos senhores no respectivo livro de presença.

Verificando o Dr. Antonio Carlos de Assumpção existir numero legal de acionistas, declara installada a assembléa e para secretarios os acionistas snrs. Antonio Morandi, os quais, aceitando o encargo, occupam seus lugares no mesa. Feita a leitura da Acta anterior e submetida ao voto, é unanimemente aprovada, em seguida o Dr. Assumpção diz que, conforme

acionistas uma proposta de...
de Rs.100.000:000\$000, propo...
favoravel do Conselho...
que esta propo...
na qualidade de Presid...
mas que estava de p...
a sua assignat...
pedido do Sr. Presid...
concebido nos segu...
Finda...
de declara...
a qu...

AGENCIA DE SANTOS
Consoante provira a Directoria no ultimo relatório apresen-
tado, tem melhorado sensivel e promissoramente a situação dos
negocios da nossa agencia de Santos, cuja gerencia continua
superiormente orientada pelo sr. Armando Alcantara.
Do relatório apresentado por esse nosso colabora-
rador, julgamos opportuno o destaque, em synthese, de alguns
dados, em consequencia de a qual, nos ror...

Assim é que o movimento da "caixa" se cifrou pelas importan-
cias de rs. 702.558:404\$180 nas entradas, e rs. 700.015:832\$186
nas saídas, somando o consideravel montante de
rs. 1.402:554:287\$366. Foram pagos 15.085 cheques a e compensados
pelo Banco do Brasil, 10.472, no valor de rs. 219.714:907\$020.
Circularam 7.261 depositos em o/c e 1982 ord. de pag. e cheq.
sobre a Matriz.
As vendas de café do Banco e seus clientes, produziram
rs. 12.236:196\$500, em 116.039 sac. facturadas, dando, em média,
rs. 105\$448 por sacca. No exercicio precedente apenas foi consu-
guida a média de 74\$075, verificando-se pois, apreciavel
consequencia, aliás, logica e natural, em virtude da melhoria
de preços então observada.
A arrecadação da taxa de Viação (milreis-ouro) por conta do
Instituto de Café, continuou a ser feita pela agencia, com in-
teira satisfação das partes interessadas, a respeito, propo-
duções a que refere o relatório apresentado pelo Sr. Morandi
Alcantara.

Banco do Estado de São Paulo

RELATORIO ANUAL

DIARIO OFFICIAL
do Estado de São Paulo (C. U. de São Paulo)
N.º 58 - ANO 45.º

DIARIO OFFICIAL
do Estado de São Paulo (C. U. de São Paulo)
N.º 61 - ANO 45.º

Diario Oficial

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Relatório Anual
Apresentado a Assembléa Geral Ordinária em 19 de Março de 1935

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
RELATORIO ANUAL
Apresentado a Assembléa Geral Ordinária em 29 de Março de 1935

COMPANHIA AGRICOLA FAZENDA DUMONT
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Geral em 31 de Dezembro de 1934
ATIVO
Carteira Commercial

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Relatório Anual
Apresentado a Assembléa Geral Ordinária em 19 de Março de 1935

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
RELATORIO ANUAL
Apresentado a Assembléa Geral Ordinária em 29 de Março de 1935

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
N.º _____
Asssembléa Geral Extraordinária de 23 de Setembro de 1937

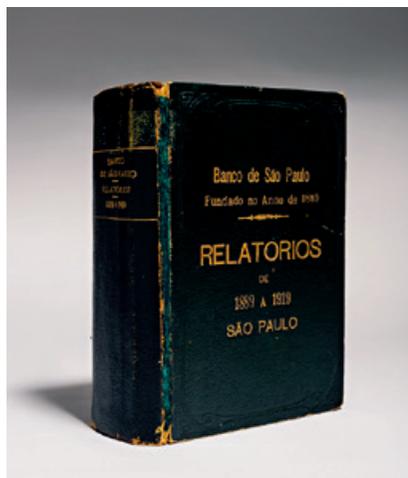
BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO
CREDITO
LUCROS DISPONIVEIS:
Nada que passou de 30 de Junho de 1934
LUCROS DISPONIVEIS: 81.305:054\$837
LUCROS DISPONIVEIS: 17.628:777\$697
LUCROS DISPONIVEIS: 5.246:579\$936
LUCROS DISPONIVEIS: 13.302:544\$507
TOTAL RS. 83.637:462\$744

Asssembléa Geral Extraordinária de 23 de Setembro de 1937

Conjunto de documentos relacionados à produção do relatório anual de 1934 do Banco do Estado de São Paulo: balanços, rascunhos, minuta e versão final do relatório aprovado na Assembléa Geral Ordinária de 29 de março de 1935. Pasta de documentos relativos à Assembléa Geral Extraordinária de 23 de setembro 1937. Coleção Santander Brasil.

Como funcionavam as assembleias

Página ao lado: Vista da sala das assembleias, localizada no segundo andar do edifício-sede do Banco Nacional do Comércio (atual Farol Santander – Porto Alegre). Porto Alegre, s/d. Coleção Santander Brasil. **Abaixo:** Encadernação contendo os relatórios do Banco de São Paulo do período de 1889 a 1919. Coleção Santander Brasil.



Como dissemos, os relatórios anuais são produzidos para a prestação de contas da diretoria perante os acionistas, mas é importante destacar que a aprovação desses relatórios é o motivo pelo qual se reúne a Assembleia Geral Ordinária (AGO) nas Sociedades Anônimas (S. A.). Antes de 1976, todas as demais decisões a respeito da sociedade, como a eleição de diretores, eram deliberadas em Assembleias Gerais Extraordinárias (AGEs).

As Assembleias Gerais Ordinárias (AGOs) funcionavam da seguinte forma: a diretoria fazia a convocação, publicando editais no *Diário Oficial* e na imprensa comercial com a data e o motivo do encontro, que, neste caso, era a aprovação do relatório da diretoria, das contas e do parecer do conselho fiscal. No dia e local marcado, reunia-se a assembleia e, após a leitura do relatório e apresentadas as contas, os acionistas votavam pela aprovação.

Depois de aprovados os relatórios, os acionistas recebiam a versão final, um documento público, im-

presso por uma tipografia identificada. Exemplares do relatório eram distribuídos à imprensa, que publicava os resumos e os balanços para conhecimento do público em geral.

Cópias do relatório também eram arquivadas pela companhia, sendo comumente encadernadas por períodos. Até hoje, são os principais documentos seriados disponíveis nos acervos empresariais, pelos quais se pode reconstituir, minimamente, a trajetória da instituição.

A Coleção Santander Brasil possui pastas com toda a documentação produzida pelas assembleias gerais do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), desde a primeira, realizada em 1910 – quando ele ainda se chamava Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo –, até o final da década de 1940. Pode-se dizer que elas constituem uma espécie de *making of* das assembleias e do próprio relatório, visto que possuem recortes dos editais publicados em periódicos; minutas manuscritas das atas das assembleias, com o

seu devido certificado de registro na Junta Comercial; rascunhos e minutas dos relatórios com marcas de correções, provavelmente produzidos durante as discussões da assembleia; mapas estatísticos; balanços e tabelas com resultados operacionais; além da edição final do relatório com capa de couro.

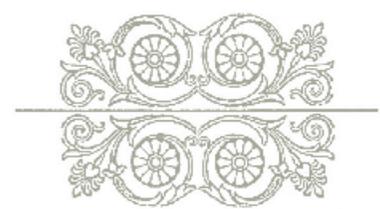
Como comentamos, as capas dos relatórios anuais obedeciam a um certo padrão que passou por poucas mudanças ao longo de cem anos. Porém, algumas instituições encontraram formas de tornar essas capas mais agradáveis, utilizando emblemas e recursos tipográficos elaborados que retratam as características da indústria gráfica no período de sua produção.

Isso fica claro nas capas dos relatórios do Banco do Comércio de Porto Alegre (chamado de Banco Nacional do Comércio a partir de 1919), nas quais os impressores se esforçaram em aplicar mudanças sutis de um ano para outro, seja através de fontes diferentes, cores ou ornamentos estilísticos. ¶

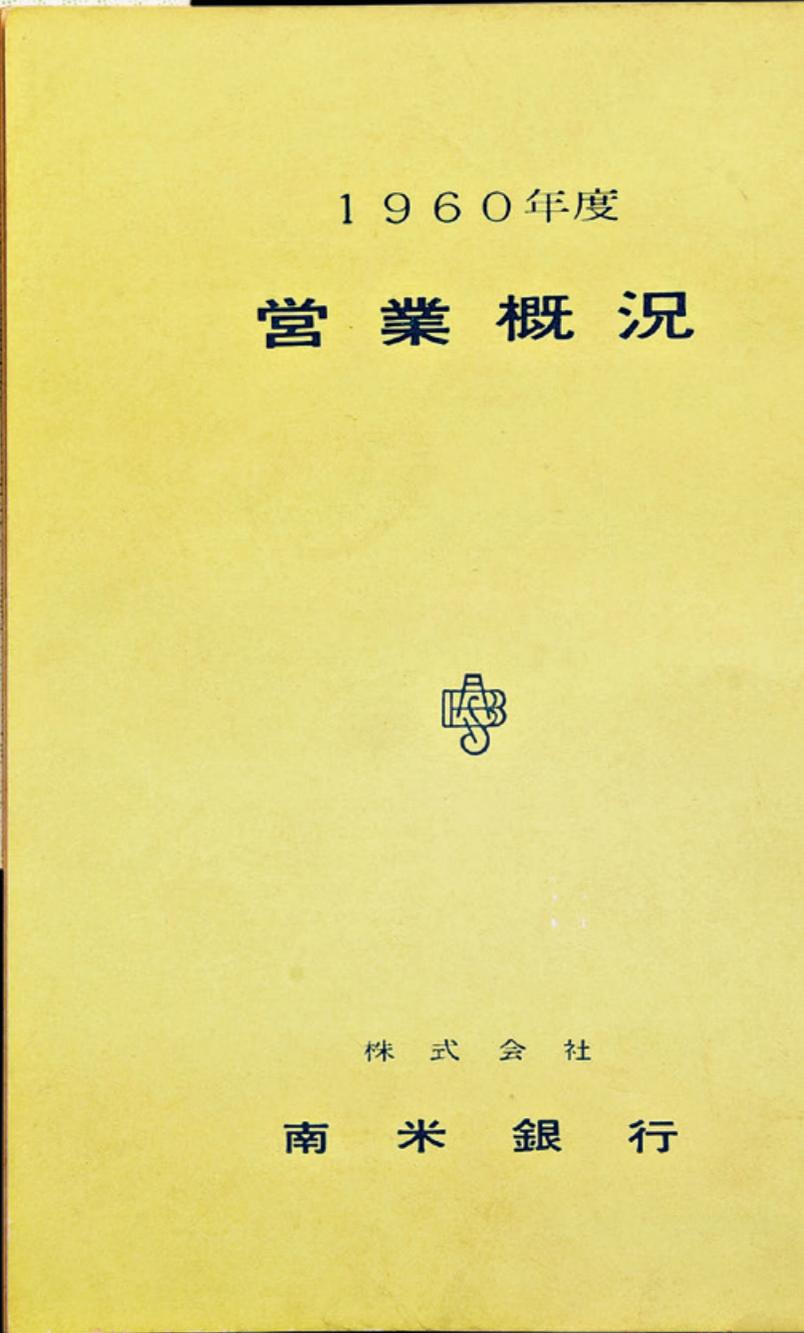
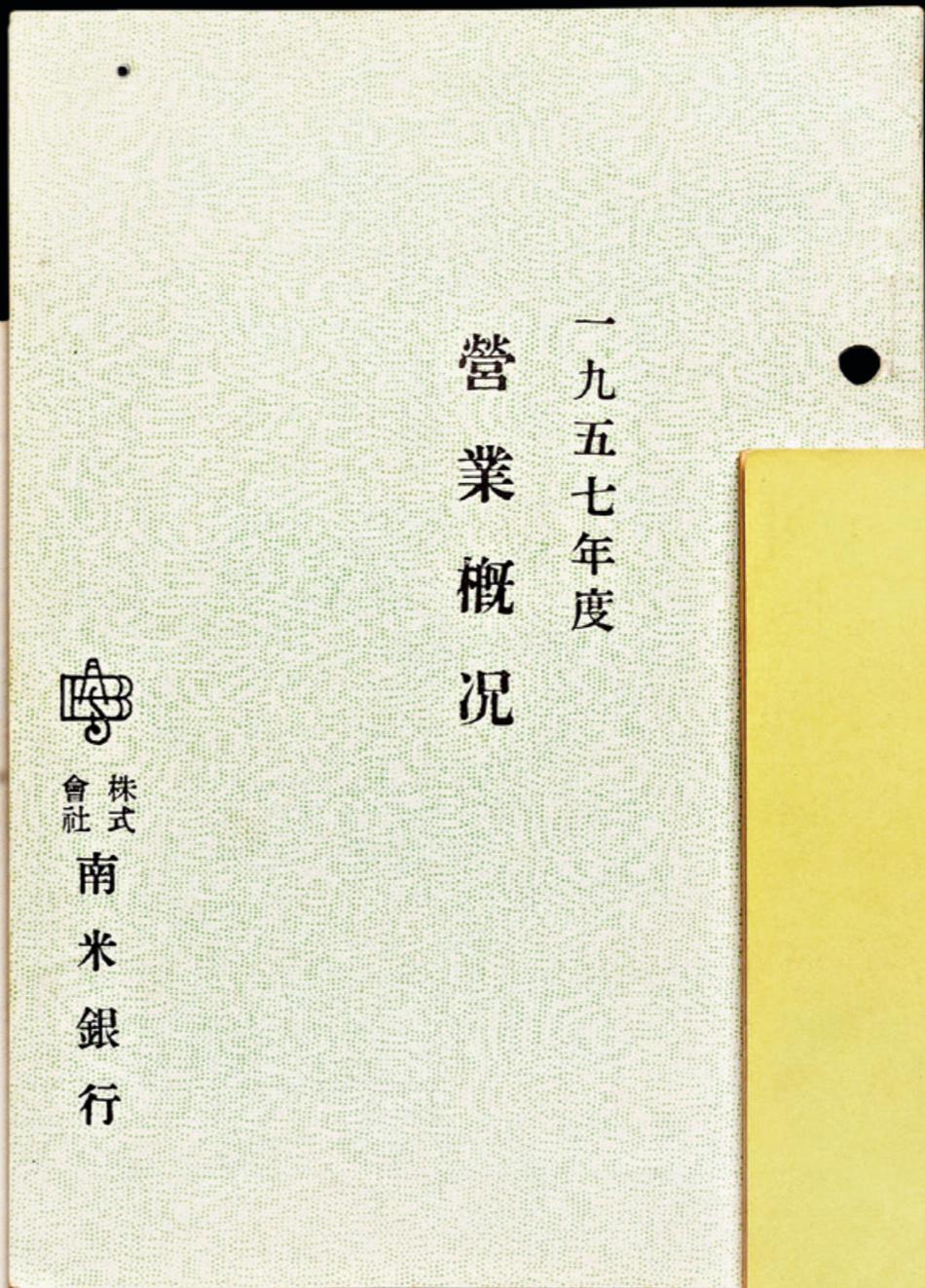
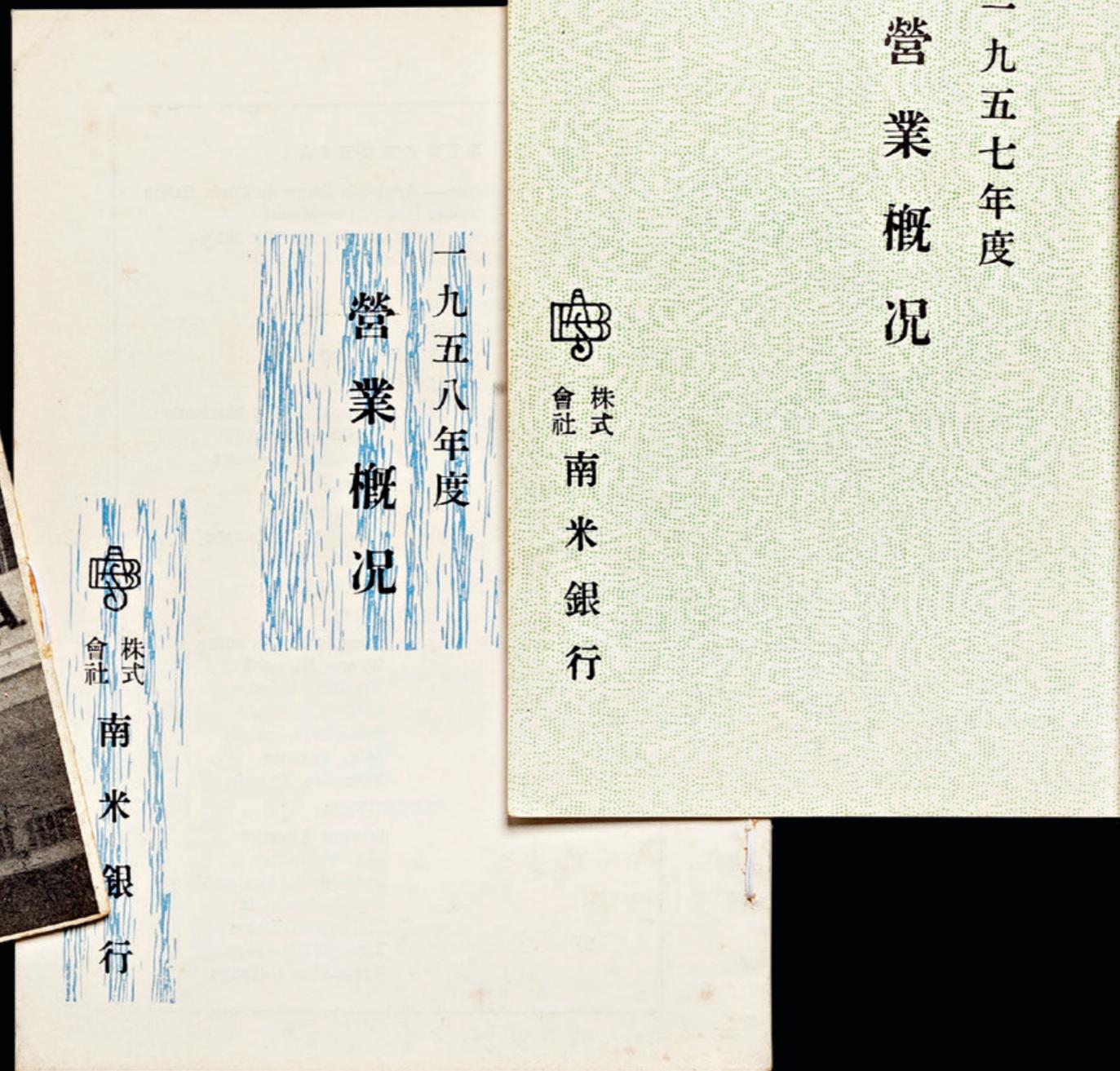




Capas de relatórios anuais do Banco do Comércio (Banco Nacional do Comércio a partir de 1919) que mostram o repertório de fontes, adornos, emblemas e papéis de cores diferentes disponibilizados pelas tipografias de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. Coleção Santander Brasil.



Relatórios anuais e demonstrações financeiras do Banco América do Sul publicados em japonês. Coleção Santander Brasil.



O crescimento dos bancos

株式
南米
銀行
會社

Por volta de 1940, ocorreu uma grande ampliação da atividade bancária no Brasil, o que refletiu no aumento do número de bancos, filiais e, principalmente, no volume das operações.

Entre esse período e a década de 1950, uma parcela maior da população passou a ser contemplada pelo crédito bancário. Pequenos comerciantes e pequenos proprietários de terras se tornaram correntistas de bancos e, entre eles, imigrantes que não falavam bem o português. Por isso, muitos bancos mantinham funcionários fluentes em alemão, italiano

e japonês para atender àquela clientela que crescia, prosperava e demandava serviços bancários.

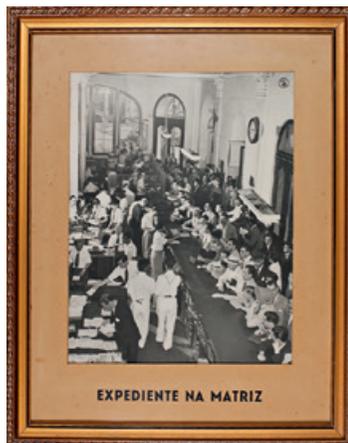
Da mesma forma como o colono imigrante exigia atendimento bancário, também crescia sua busca por ações, o que incentivou a publicação de relatórios em diversas línguas, principalmente no Rio Grande do Sul, onde eram relevantes as colônias alemãs e italianas.

Também em 1940, surgia em São Paulo o Banco América do Sul, ligado à colônia japonesa e muito atuante no interior de São Paulo e no norte do Paraná. O banco nasceu no departamento bancário da

Relatórios anuais do Banco Nacional do Comércio do exercício de 1927 publicados em alemão, português e italiano. Coleção Santander Brasil.



Acima: Relatórios anuais do Banco América do Sul, publicados em português e japonês. Coleção Santander Brasil.
Ao lado: Em 1952, o escritório de Akira Egashira – Organização Comercial Bilac atuava como correspondente do Banco América do Sul na cidade de Bilac, no interior de São Paulo. Era comum a nomeação de “correspondentes” e “agentes” nas cidades pequenas onde o movimento comercial não justificava a instalação de uma filial. Quando o movimento crescia os escritórios desses agentes eram convertidos em filiais. Com o tempo, o termo agência virou sinônimo de filial e, atualmente, utilizamos como sinônimo de ponto de atendimento. Bilac. Fotografia de autor desconhecido, 1952. Coleção Santander Brasil.



EXPEDIENTE NA MATRIZ

Entre as décadas de 1930 e 1940, houve uma expansão significativa das operações bancárias, exigindo a construção de novos e maiores edifícios, cujas fachadas se transformariam em elemento da identidade dos bancos. **Acima:** Vista do interior da matriz do Banco Industrial e Comercial do Sul na década de 1940. Coleção Santander Brasil. **Abaixo:** Relatórios anuais do Banco Nacional do Comércio (1957), Banco do Estado de São Paulo (1958) e Banco Industrial e Comercial do Sul (1959). Coleção Santander Brasil.

Bratac, chamada de Casa Bancária Bratac, uma sociedade que prestava diversos serviços à colônia nipônica – desde o loteamento de terras aos colonos que chegavam, passando pela comercialização e beneficiamento da produção agrícola, até o financiamento das safras. Como os acionistas do Banco América do Sul eram, em sua maioria, japoneses recém-chegados ao Brasil, toda a comunicação da instituição era feita em português e japonês, inclusive os relatórios anuais.

Ainda ao longo da década de 1940, a intensificação da concorrência forçou as instituições a aumentarem sua capilaridade por meio da abertura de novas filiais, expandindo o atendimento para uma parcela da população com renda inferior em relação à clientela até então tradicional do setor bancário. Isso fez com que os bancos tivessem de administrar

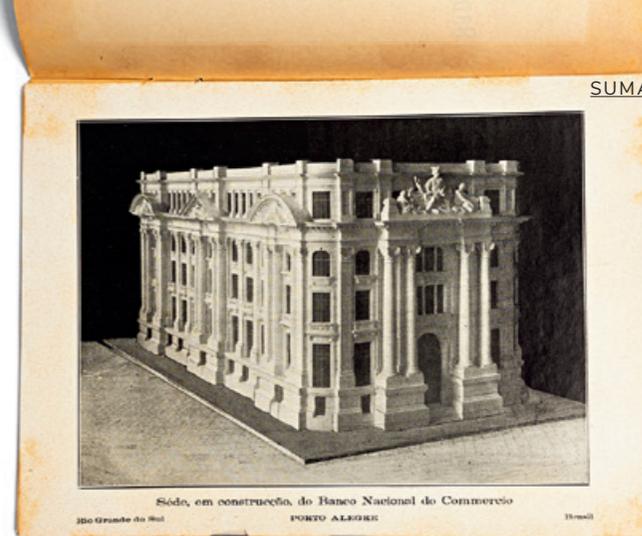
redes cada vez maiores, ao passo que a massificação das operações exigia a redução dos custos operacionais. A maioria dos bancos teve de adotar uma organização de tipo industrial, baseada em modelos de organização do trabalho, racionalização de processos e mecanização.

O crescimento dos bancos também exigia edifícios maiores, capazes de abrigar tanto o atendimento dos clientes da matriz quanto o pessoal que coordenaria, fiscalizaria e processaria as informações relativas a sua rede de agências. Os relatórios anuais oferecem um testemunho importante desse processo, na medida em que a decisão de investir na construção de edifícios teve de ser justificada diante dos acionistas.

Por outro lado, a construção de grandes e modernos edifícios contribuía para a formação de uma imagem de solidez e, desta maneira, o desenho das próprias fachadas

passou a identificar os bancos perante o público, como mostram as marcas que ilustravam capas de relatórios de várias instituições bancárias na década de 1950.

Pelos relatórios, podemos acompanhar o processo de decisão, as justificativas e os percalços das construções desses edifícios. Em muitos casos, esses documentos nos trazem informações valiosas sobre a trajetória dos projetos e a evolução das obras. É o caso do edifício-sede do Banco do Estado de São Paulo (Banespa), que atualmente abriga o Farol Santander São Paulo. O prédio foi inaugurado em 1947, mas os relatórios nos trazem informações sobre ele desde 1935. Do mesmo modo, os relatórios do Banco Nacional do Comércio contêm informações valiosas sobre a construção de sua sede, hoje ocupada pelo Farol Santander Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Por esses documentos, ficamos sabendo do andamento e dos reveses do projeto de 1920 até 1932, ano de inauguração do prédio. Igualmente importantes e ilustrativos são os relatórios do Banco de São Paulo sobre a construção de sua sede, finalizada em 1938. ¶



Sede, em construção, do Banco Nacional do Comércio
Rio Grande do Sul PORTO ALEGRE



Os relatórios anuais do Banco Nacional do Comércio documentam os planos e testemunham o andamento e as alterações nas obras de seu edifício-sede, que teve a participação dos principais arquitetos atuantes em Porto Alegre no período. **Acima:** Fotografia da maquete do projeto definitivo, com as fachadas alteradas pelo arquiteto Fernando Corona, natural de Santander, Espanha, e que foi impressa no relatório de 1930. Livraria Americana, 1931. **Ao lado, acima:** Relatório do ano de 1919 com desenho das fachadas segundo o projeto original atribuído ao arquiteto alemão Theo Wiederspahn. Porto Alegre, Livraria Americana, 1920. Coleção Santander Brasil. **Ao lado:** Fotografia do edifício já terminado, colada sobre a folha de rosto do livro diário das obras produzido pelo engenheiro e arquiteto francês Hypolito Fabre, em 1932. Coleção Santander Brasil.

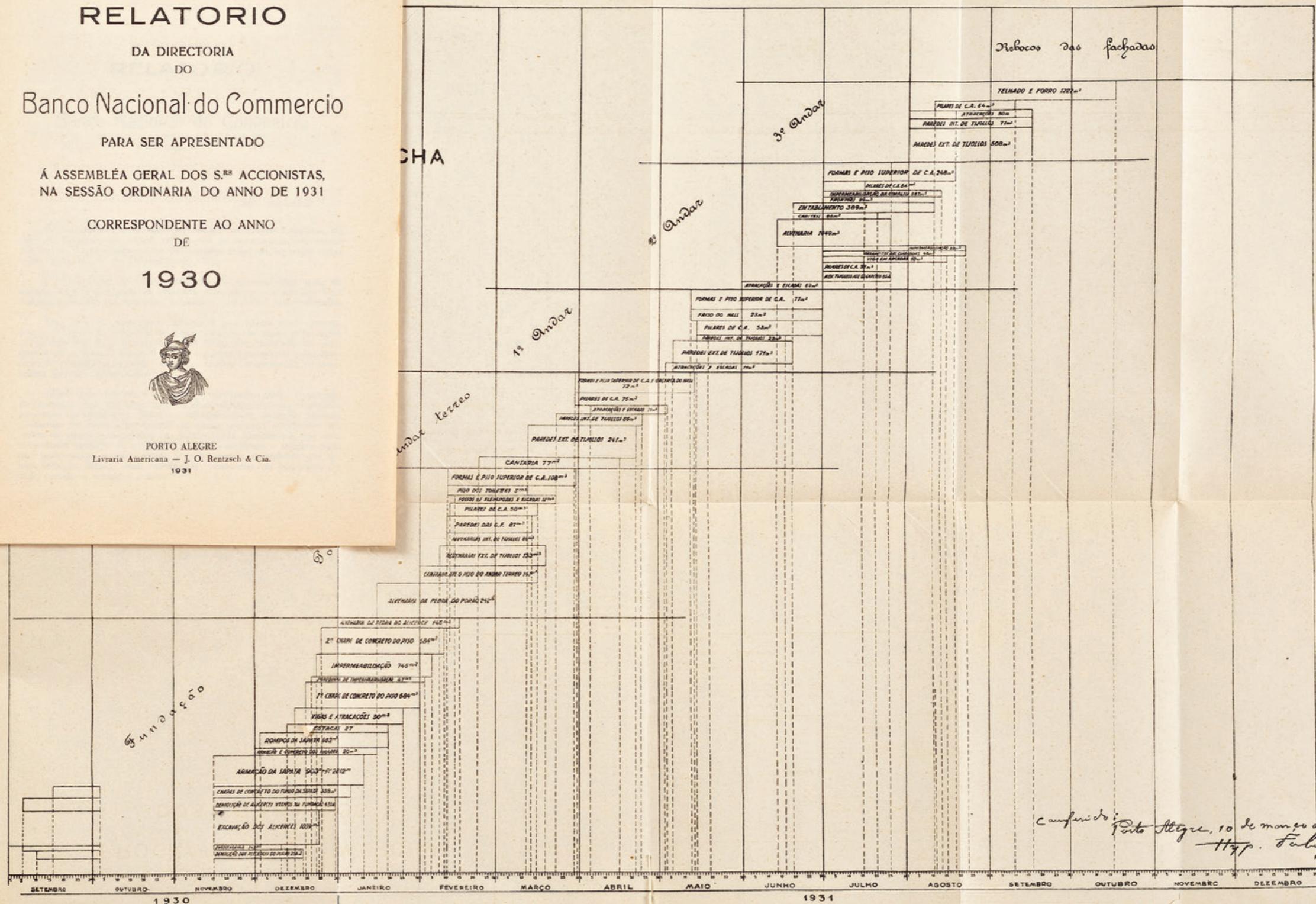


RELATORIO
 DA DIRECTORIA
 DO
Banco Nacional do Commercio
 PARA SER APRESENTADO
 Á ASSEMBLÉA GERAL DOS S.^{RS} ACCIONISTAS,
 NA SESSÃO ORDINARIA DO ANNO DE 1931
 CORRESPONDENTE AO ANNO
 DE
1930



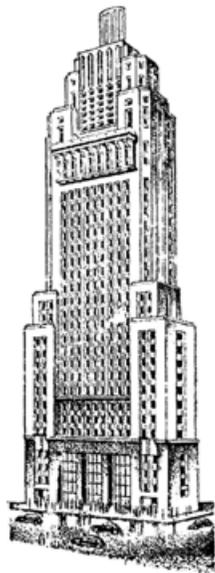
PORTO ALEGRE
 Livraria Americana — J. O. Rentzsch & Cia.
 1931

Gráfico da evolução das obras do edifício-sede do Banco Nacional do Comércio, com assinatura do engenheiro Hypólito Fabre, datada de 10 de março de 1931, que foi encartado no relatório correspondente ao ano de 1930. Porto Alegre, Livraria Americana, 1931. Coleção Santander Brasil.





Cautela de 1.400 ações do Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo, emitida em 26 de agosto de 1926, em função do aumento de capital que transferiu o controle da instituição à Fazenda Pública do Estado de São Paulo. Essa cautela, que traz a assinatura do então presidente do banco, Altino Arantes, foi, logo em seguida, recolhida, anulada e substituída por ações do Banco do Estado de São Paulo. Coleção Santander Brasil.



concessão foi encampada pelo governo estadual. Em seguida, o banco foi reestruturado e mudou seu nome para Banco do Estado de São Paulo.

A estatização visava transformar o banco no braço financeiro do Programa de Valorização Permanente do Café, encarregando-o de adiantar recursos a fazendeiros e comerciantes que depositassem seus carregamentos de café nos armazéns reguladores do Instituto do Café do Estado de São Paulo.

Durante a Crise de 1929 – também conhecida como Grande Depressão –, o banco só não quebrou porque foi socorrido pelo Tesouro do Estado. Nas décadas seguintes, exerceu um papel importante nas medidas de combate à recessão econômica que se seguiu à crise financeira.

O Banespa se transformou em um instrumento de financiamento da máquina estadual e, ao mesmo

tempo, em um instituto de fomento econômico. Por um lado, concentrava os pagamentos da administração pública e os recebimentos do Tesouro, adiantava recursos e se encarregava da distribuição das chamadas apólices populares a sua clientela. Por outro lado, diante do diagnóstico de excessiva dependência em relação ao café, o banco apoiou a política de diversificação econômica, como no financiamento da expansão do plantio de algodão e no apoio à policultura – nesse caso, atendendo a pequenos lavradores que não tinham acesso ao crédito bancário.

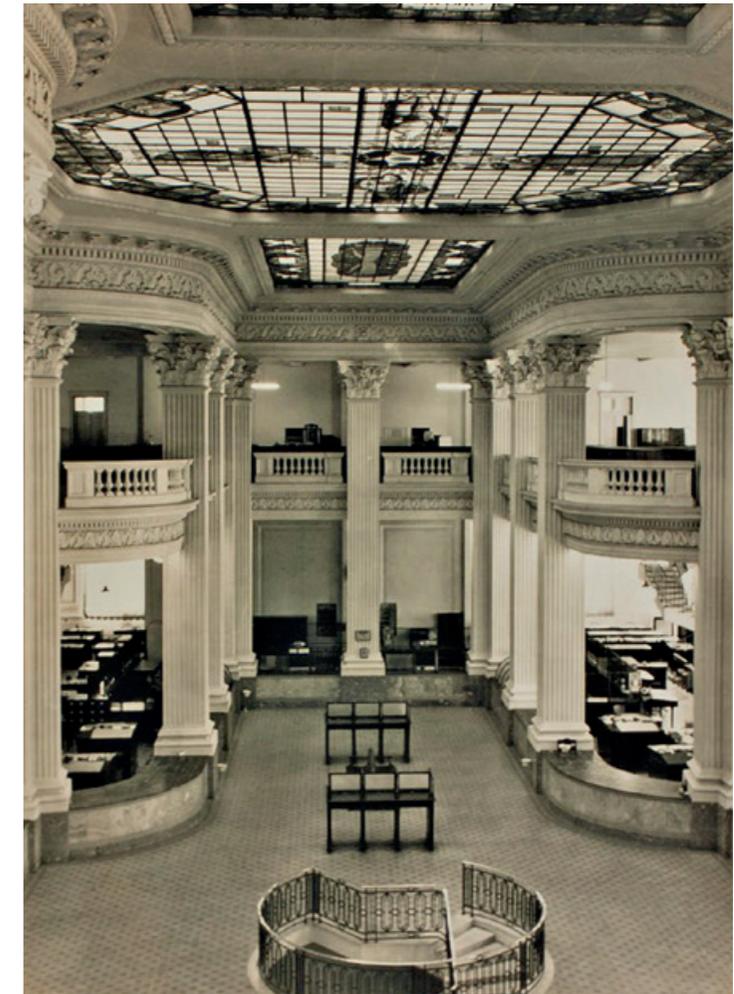
No fim da década de 1940, os relatórios do Banespa mais pareciam uma plataforma para a comunicação da política de estímulo à economia estadual do que a prestação de contas de uma instituição bancária. A saudação “senhores acionistas”, com a qual se costumava abrir os relatórios anuais, no caso do Banespa contrastava com o texto que vinha a seguir, que mais se assemelhava às mensagens que os chefes do executivo encaminhavam anualmente ao legislativo estadual, contendo uma longa explanação das ações governamentais e análises ufanistas da pujante economia paulista.

Os relatórios de 1947 e 1948, por exemplo, foram muito além, servindo de plataforma às aspirações do então presidente estadual, Adhemar de Barros, a uma candidatura à

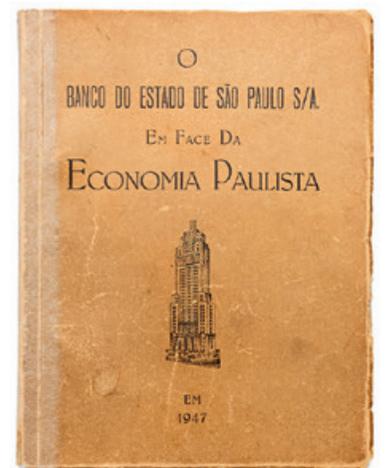
Presidência da República, distribuídos ao público com outros títulos.

O documento de 1947, publicado com o título de *O Banco do Estado de São Paulo em Face da Economia Paulista*, traz mais de 40 páginas tratando de assuntos relativos às políticas econômica nacional e de fomento industrial e agrícola do estado de São Paulo. O mesmo se repete na prestação de contas do exercício de 1948, distribuída ao público com o título *O Banco do Estado de São Paulo S. A. na Comunhão Brasileira*. Nesse caso, os tópicos indicados no sumário já nos dizem bastante sobre os objetivos da publicação. Ele aborda assuntos como “Aspectos nacionais”, “Organização bancária”, “Leis complementares”, “Estabilidade da moeda”, “O custo de vida”, “Plano Salte”, “Situação financeira”; trata especificamente da economia estadual nos tópicos “Panorama estadual”, “Situação agrícola”, “Previsão da produção agrícola para 1949”, “O café” e “Situação industrial”; e fala sobre assuntos relativos ao banco apenas nos itens “Nossas atividades” e “Funcionalismo e serviços internos”.

Esses relatórios, que misturam prestação de contas com plataforma política em âmbito nacional, constituem uma fonte importante aos estudos que abordam o debate econômico brasileiro entre as décadas de 1940 e 1960. ¶



Acima: Vista do grande hall da sede do Banco Nacional do Comércio, atual Farol Santander Porto Alegre. Porto Alegre, 1932. Coleção Santander Brasil. Ao lado: Relatório do Banco do Estado de São Paulo, publicado em 1947 e distribuído ao público com o título de *O Banco do Estado de São Paulo em Face da Economia Paulista*. Coleção Santander Brasil.

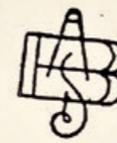




RELATÓRIO
RETROSPECTIVO
DO
EXERCÍCIO
DE
1961

BANCO AMÉRICA DO SUL S.A.

São Paulo
Março de 1962



RELATÓRIO
RETROSPECTIVO
DO
EXERCÍCIO
DE
1962

AMÉRICA DO SUL S.A.

São Paulo
Março de 1966

BANCO AMÉRICA DO SUL S.A.

São Paulo
Março de 1963

Novas possibilidades

Em 1942, o Brasil recebeu uma comissão de técnicos dos Estados Unidos para traçar um diagnóstico das possibilidades de desenvolvimento da economia brasileira. A Missão Cooke, como ficou conhecida, apontou que as empresas nacionais recorriam pouco ao mercado de capitais. Por outro lado, a maioria dos acionistas era atraída aos empreendimentos por vínculos de parentesco ou de amizade com os controladores, sendo baixo o fluxo de pequenas economias para capitalização de empresas³.

Esse panorama começou a mudar ao longo da década de 1950,

refletindo as profundas transformações pelas quais a economia brasileira passava – o rápido processo de industrialização, a expansão demográfica, a urbanização e o crescimento da classe trabalhadora e da classe média urbana, para citar algumas delas. Um dos resultados desse rápido crescimento foi o aumento do custo de vida, termo usado à época para falar na inflação.

O mercado de ações foi especialmente tocado por essas transformações. Naquela conjuntura inflacionária, o investimento em ações se mostrava vantajoso, competindo com as formas tradicionais de investimento, representadas pelos títulos públicos e a propriedade imobiliária. Porém, uma parte considerável das indústrias passou a buscar no mercado de ações o capital necessário para o seu incremento. Além disso, havia também o crescimento da classe média, que passou a se interessar pelo investimento em ações. Por isso, percebemos uma maior pulverização do capital acionário ao longo da década de 1950.

Esse aumento no número de acionistas impacta de diferentes maneiras os relatórios anuais dos bancos analisados neste trabalho.

Primeiramente, desaparece a transcrição dos dados sobre transferências de titularidade das ações, refletindo a maior velocidade com que as ações passam a transitar de mão em mão. Em segundo lugar, a lista nominal de acionistas, que antes ocupava apenas duas ou três páginas dos relatórios, passa a preencher a maior parte. Inicialmente, alguns bancos optaram por publicá-la em um volume anexo, mas não demorou para que a lista acabasse desaparecendo por completo.

Ao mesmo tempo, os relatórios anuais começavam a ficar mais atrativos para os leitores: as capas passaram a ser confeccionadas em papel especial, muitas vezes laminado, utilizando cores, texturas, ilustrações, novas técnicas de impressão etc. Além disso, os títulos diminuíram e as informações mais completas de identificação do documento passaram a figurar na folha de rosto.

Assim, os relatórios anuais, até então produzidos estritamente para prestar contas aos acionistas, iam se transformando em um recurso de propaganda considerado dentro das estratégias de marketing das instituições bancárias. ¶



Na década de 1960, além das fachadas de seus edifícios, os bancos passam a utilizar logomarcas (acima), ao mesmo tempo em que assumem os seus endereços telegráficos (Sulbanco, Banespa, Sudameris etc.) como sua marca, a exemplo deste relatório de 1966 do Banco Industrial e Comercial do Sul (à direita), onde a palavra Sulbanco aparece em destaque. Coleção Santander Brasil.



Ao ultrapassar a expressiva cifra de

Um bilhão de cruzeiros

o total de títulos colocados por seu intermédio

DELTEC S.A.

INVESTIMENTOS E ADMINISTRAÇÃO

aproveita a oportunidade para agradecer a honrosa preferência que lhe tem sido dispensada e à qual não tem poupado esforços para bem corresponder.

A sincera maneira das relações abala relações, toda de real prestígio e solidez comprovada, que confiamos à Deltec e lançamento de suas ações, é um ato de reconhecimento da eficiência e correção com que fomos encorajados a nos dedicar.

Podemos sua atenção para os números abaixo indicados, os quais fazem por si mesmos o relevante papel desempenhado pela Deltec e da sua contribuição para o desenvolvimento de empresas que honram as tradições do comércio e da indústria nacionais.

DISTRIBUIÇÃO DE TÍTULOS CONFIADOS À DELTEC S. A.

Nome do Título	Especie	N.º de ações	Valor em Cr\$
Lista Telefônica Brasileira S. A.	Ordinária	173.029	34.785.800,00
Cia. Brasileira de Energia Elétrica	Ordinária	340.893	68.178.600,00
Cia. Paulista de Fiação e Lã	Ordinária	1.640.420	328.084.000,00
Cia. Administradora Rio Claro	Ordinária	25.000	17.000.000,00
Cia. Fiação e Lã de Minas Gerais	Ordinária	74.738	14.947.600,00
Cia. Energia Elétrica Rio Grande	Ordinária	38.885	2.612.000,00
Cia. Fiação e Lã de Paraná	Ordinária	91.453	18.290.600,00
Cia. Telefônica do Espírito Santo	Ordinária	65.000	13.000.000,00
Cia. Telefônica do Espírito Santo	Debênture	8.648	2.948.000,00
Cimento Asfált. S.A.	Ordinária	36.368	36.368.000,00
Chemle do Brasil	Ordinária	17.000	17.000.000,00
Anjo S/A Indústria e Comércio	Preferencial	65.602	71.202.500,00
Dundup do Brasil S/A	Preferencial	7.298	7.298.000,00
Valeria S/A	Ordinária	250.000	50.000.000,00
Cia. Brasileira de Roupas	Preferencial	20.000	20.000.000,00
Colares — Cia. Brsa. Valorizadora de Empresas	Ordinária	150.000	30.000.000,00
Indústria Nacional de Lenas para Fritas	Ordinária	11.500	11.500.000,00
Rigosa S/A	Ordinária	35.000	35.000.000,00
Puro General S/A	Preferencial	20.000	22.000.000,00
A Serração Modas S/A	Preferencial	20.000	24.000.000,00
Valeria Segunda S/A	Ordinária	250.000	50.000.000,00*
Manufatura de Disquetes Estada S/A	Preferencial	20.000	43.500.000,00*
Modas A. Expositiva Clippert S/A	Preferencial	20.000	60.000.000,00*
			1.017.096.100,00

(*) em curso

Directores
 Cláudio J. Daughnot, Jr.
 David Beatz, III
 Gastão Eduardo de Borne Vidigal
 Gerald Robin Houph

Luiz Carlos de Almeida
 Olavo Ercílio de Souza Araujo
 Paulo Neves de Souza Quartim
 Peter Archer, III

DELTEC S.A.

INVESTIMENTOS E ADMINISTRAÇÃO

Rio de Janeiro — Av. Rio Branco, 99 São Paulo — Praça Ramos de Azevedo, 230

A expansão do mercado de ações ao longo da década de 1950 permitiu o surgimento de empresas especializadas no lançamento de novas companhias que antecederam os bancos de investimento. Os bancos comerciais, por sua vez, ofereciam serviços de custódia de títulos, negociação e administração de carteiras. **Ao lado:** Anúncio da Deltec S. A. – Investimentos e Administração. *Conjuntura Econômica*, 1953, v. 8, n. 6, p. 69. **Abaixo:** Anúncio do Banco Holandês Unido. *Conjuntura Econômica*, 1954, v. 7, n. 7, p. 99. Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital).

HBU  **HBU**

Para sua maior conveniência

GUARDA DE TÍTULOS E VALORES
ações, apólices e outros papéis de crédito

COMPRA E VENDA DE TÍTULOS

COBRANÇA DE CUPONS
juros e dividendos

Encarregamo-nos desses serviços com pontualidade e precisão. Sempre as melhores taxas.

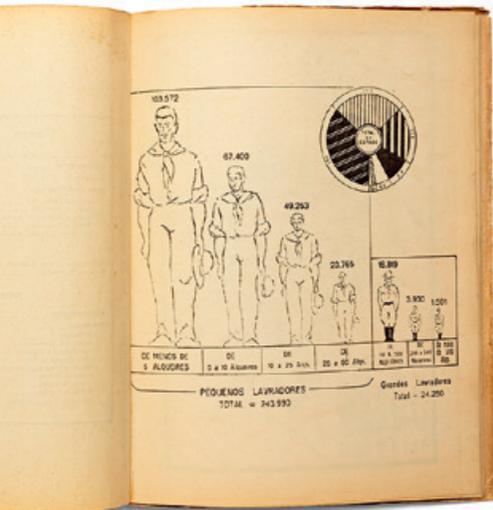
BANCO HOLLANDÊS UNIDO

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO SÃO PAULO
 Av. Santos Lima, 7 e 13 R. da Quitanda, 107-114 R. 15 de Novembro, 19-158
 Atende das 9,30 às 17 hs



Prancha de layout para relatório estatístico com o gráfico da conta "Títulos em Caução e Depósito", entre 1928 e 1944, do Banco Holandês Unido – Sucursal São Paulo. Estatística, s/d. Coleção Santander Brasil.

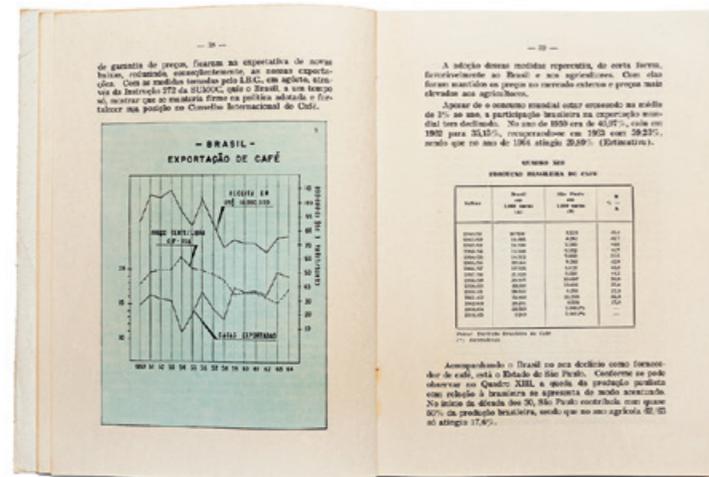
Abaixo: Gráfico retratando a estrutura fundiária do estado de São Paulo, apresentado no relatório do exercício de 1946 do Banco do Estado de São Paulo. Coleção Santander Brasil. **Abaixo, à direita:** Páginas internas do relatório anual do Banco do Estado de São Paulo do exercício de 1964. Coleção Santander Brasil.



de instituições bancárias e ensinava aos investidores como deveriam proceder à leitura daqueles áridos relatórios bancários:

[...] a linguagem dos relatórios bancários, não é incisiva a ponto de provocar sensação entre os seus leitores. A violência verbal é, aliás, alheia aos círculos de negócio, e as empresas brasileiras não se distinguem, neste particular, das congêneres do exterior. Mas quem se dá ao trabalho de ler nas entrelinhas, os relatórios são suficientemente claros, especialmente quando se compara o último com os precedentes⁶.

Em meados do século XX, o calendário de divulgação dos relatórios bancários recebia tanto destaque quanto a divulgação dos relatórios ministeriais e das mensagens presidenciais – como, aliás, atesta este trecho de uma nota

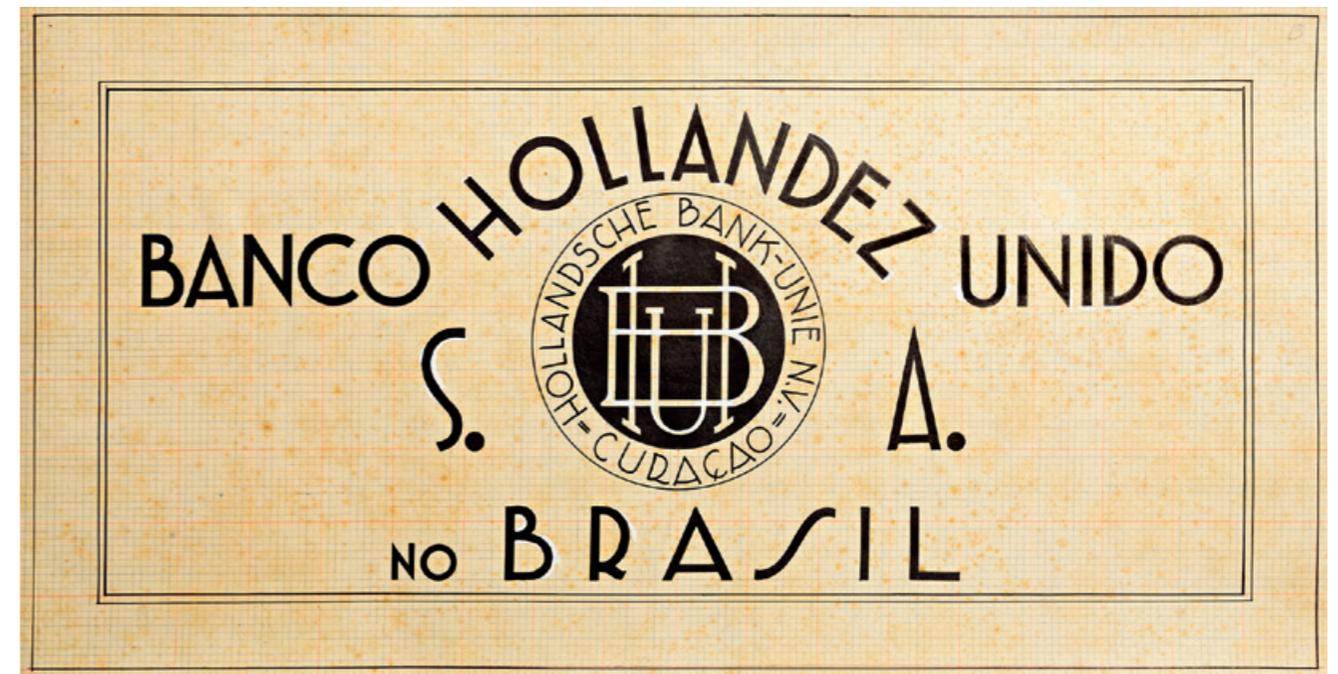


publicada no jornal O Estado de S. Paulo, em 20 de março de 1960:

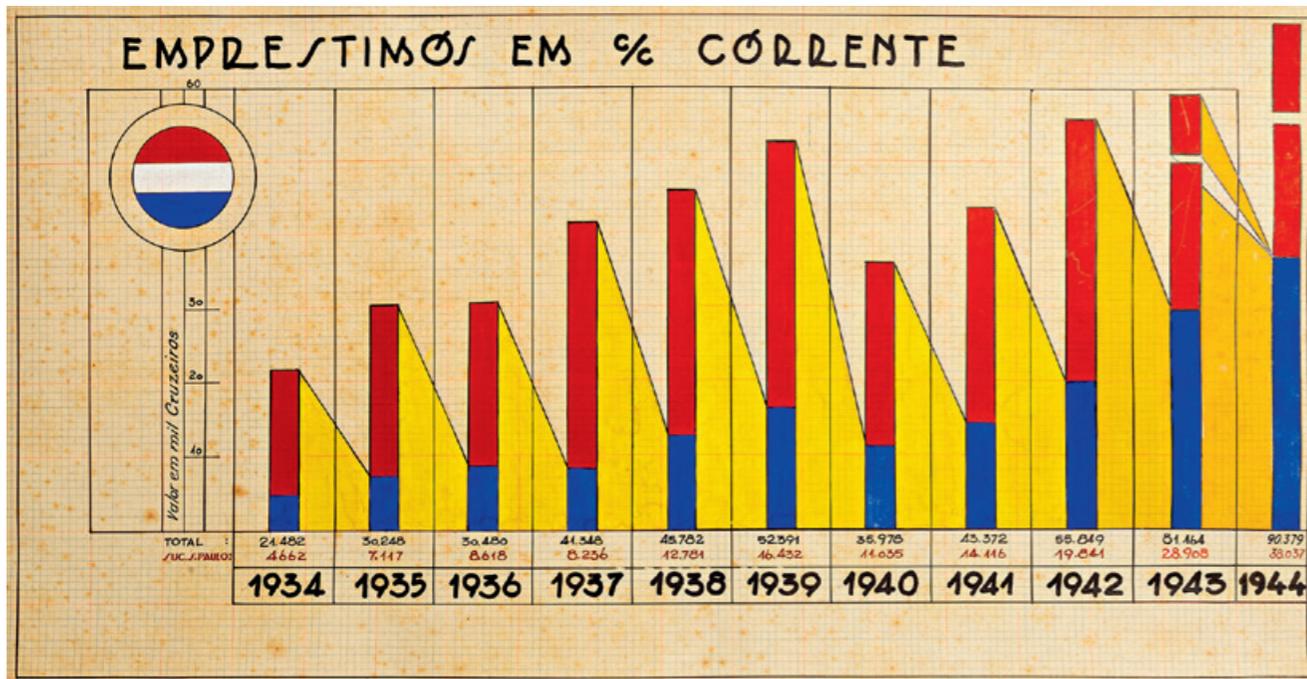
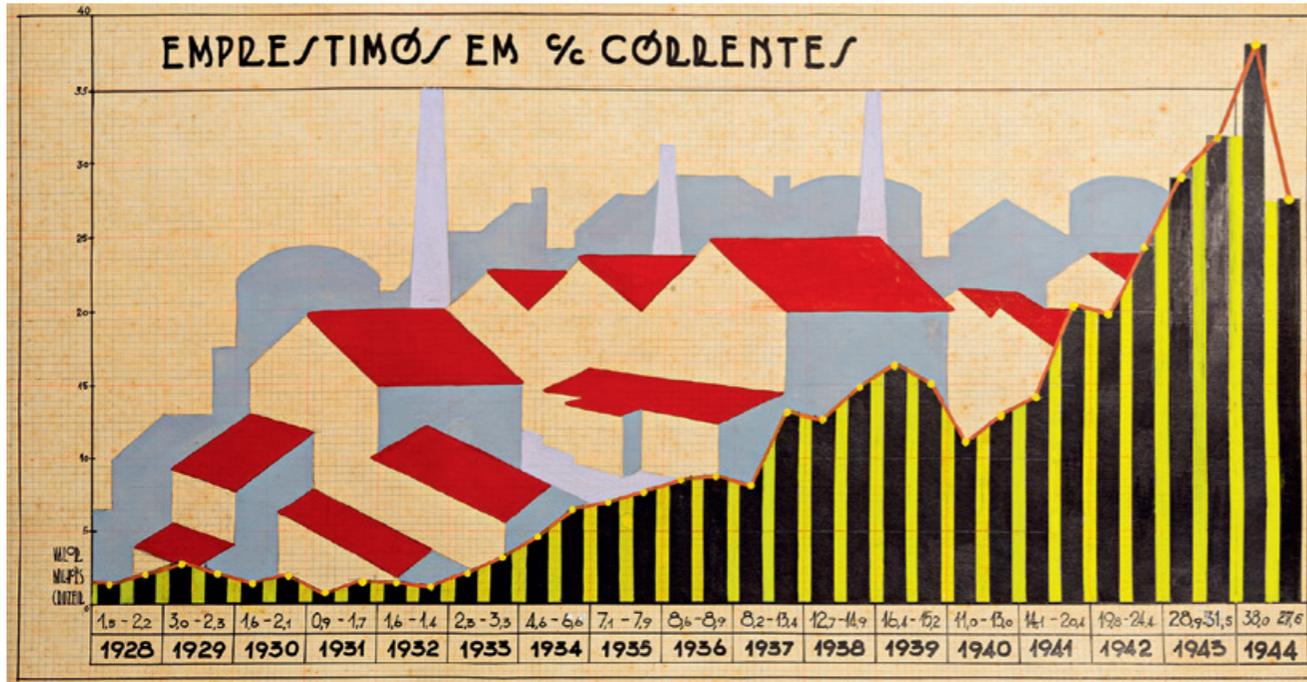
A semana passada foi de mensagens governamentais e de relatórios dos institutos de crédito. O primeiro documento publicado foi a mensagem do governador Carvalho Pinto à Assembleia Legislativa. No dia seguinte publicaram-se os relatórios do Banco do Estado e de quatro bancos particulares paulistas. Em seguida, o presidente da República entregou sua Mensagem ao Congresso Nacional e, ainda no último dia da semana passada, um instituto de crédito publicou seu relatório anual.⁷

Foi neste contexto que os relatórios bancários se tornaram cada vez mais procurados – não apenas para a obtenção de dados sobre as atividades do banco e a opinião sobre o estado geral dos negócios, mas também para a obtenção de informações mais detalhadas sobre os setores nos quais o banco estava inserido.

À medida que eram procurados como fonte para a análise da conjuntura econômica, os relatórios passaram a se preocupar cada vez mais com a exposição das informações estatísticas, trazendo tabelas e gráficos com a evolução de operações como volume de depósitos, descontos, empréstimos em conta-corrente, caixa, número de cheques descontados etc. ¶



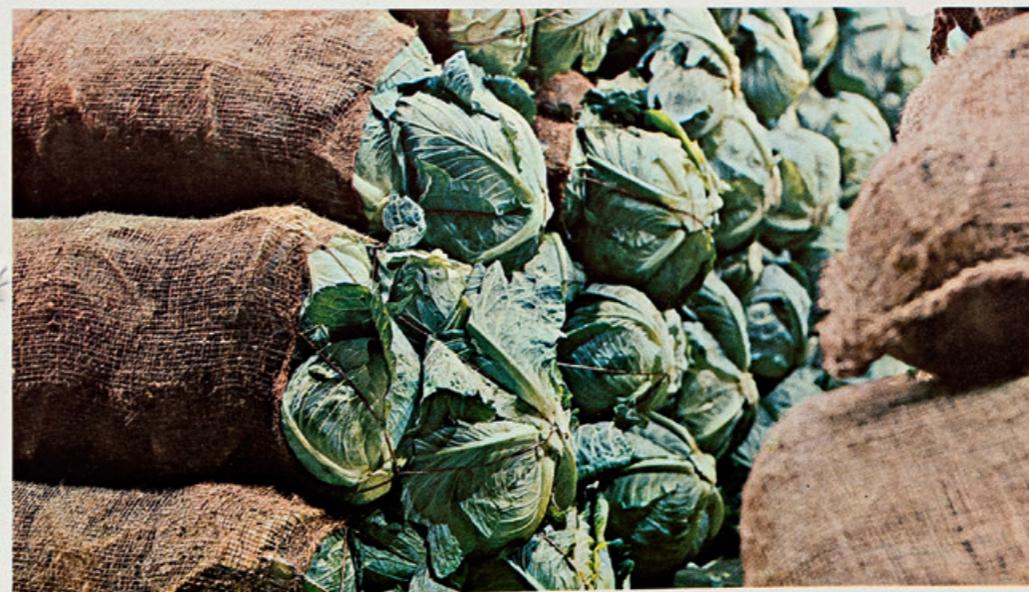
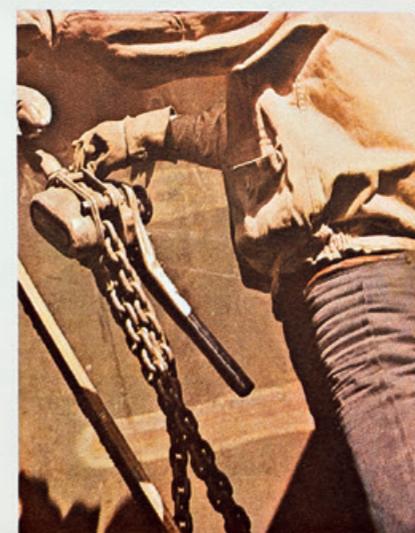
Pranchas de layout para relatório estatístico. Estatística, Banco Holandês Unido - Sucursal de São Paulo, s/d. Coleção Santander Brasil.



Pranchas de layout para relatório estatístico do Banco Holandes Unido.
Em sentido anti-horário:
 Gráfico da evolução semestral dos empréstimos em conta-corrente concedidos pelo setor bancário brasileiro entre 1928 e 1944;
 gráfico anual dos empréstimos em conta-corrente concedidos pelas sucursais brasileiras do Banco Holandês Unido e, em particular, pela sucursal de São Paulo entre 1934 e 1944;
 ilustração de abertura do capítulo "Bancos Extranjeros no Brasil". Estatística, Banco Holandês Unido - Sucursal de São Paulo, s/d. Coleção Santander Brasil.



34



35

Os relatórios bancários exploraram fartamente a fotografia nas décadas de 1960 e 1970, como mostram estas páginas do relatório de 1966 do Banco do Estado de São Paulo. Coleção Santander Brasil.

Uma ferramenta do marketing institucional

Em meio à grande expansão do mercado de ações na década de 1960, os relatórios surgiram definitivamente como um recurso das estratégias do marketing corporativo, tornando-se uma importante peça de propaganda para encantar acionistas com menções às artes e ao patrimônio histórico.

Os documentos passaram a receber um projeto gráfico elaborado, envolvendo as melhores agências de publicidade da época e empregando uma ampla gama de profissionais criativos, como redatores, diretores de arte, ilustradores e fotógrafos. Algumas instituições chegavam a contratar artistas renomados para produzir obras específicas para seus relatórios, enquanto outras recorriam à curadoria de especialistas em artes visuais, história da arte e numismática para coordenar a escolha dos elementos ilustrativos das publicações. O uso de novos tipos de papéis, técnicas de impressão, cores e fotografia buscava impactar os leitores e gerar um engajamento positivo junto aos investidores.

Mais tarde, no início da década de 1970, os concursos e as premiações de profissionais de

propaganda passaram a incluir os relatórios anuais entre os produtos analisados. O prestigiado Prêmio Colunistas, promovido pela revista *Propaganda*, introduziu a categoria Melhor Relatório de Diretoria, ao lado de outras como Melhor Anúncio em Revista, Melhor Calendário e Melhor Mensagem de Natal.

Entre os relatórios da Coleção Santander Brasil, os do Banco do Estado de São Paulo (Banespa) foram os primeiros produzidos por agências de publicidade, ainda na década de 1960. O restante das instituições fez essa conversão mais tarde, principalmente ao longo da década de 1970.

Os relatórios anuais do Banespa começaram a mudar em 1964. Na Assembleia Geral Ordinária (AGO) realizada em 31 de março daquele ano, a diretoria da instituição apresentou aos acionistas um relatório com uma capa brilhante, confeccionada em papel laminado, mas que mantinha o layout das edições anteriores, com o nome do banco, o título *Relatório da Diretoria – Exercício de 1963* e o tradicional desenho do prédio, que desde 1947 era um importante elemento de identidade

do Banespa. O relatório do ano seguinte, referente ao exercício de 1964, trazia na capa uma fotografia colorida – uma vista do edifício-sede a partir do Parque D. Pedro – e o miolo impresso em duas cores, o que possibilitou a utilização de gráficos mais atrativos. Esse foi o último relatório que o Banespa produziu sem o auxílio de agências de publicidade ou de profissionais de artes gráficas.

O relatório do exercício de 1965 surgiu como produto de um projeto criativo bem definido, com uma diagramação mais agradável, gráficos ilustrativos bem elaborados e fotografias que exigiram grandes recursos profissionais e tecnológicos. Esse documento foi assinado pela

agência BBO – Fator e impresso na gráfica Pena de Ouro. O relatório do ano seguinte – exercício de 1966 – também foi assinado pela BBO Propaganda. A partir de 1968, as publicações do Banespa não fizeram mais menção a agências de publicidade.

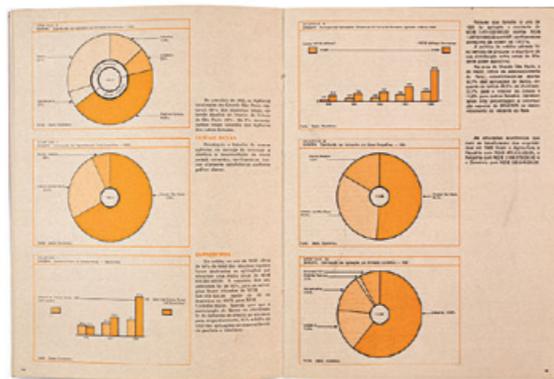
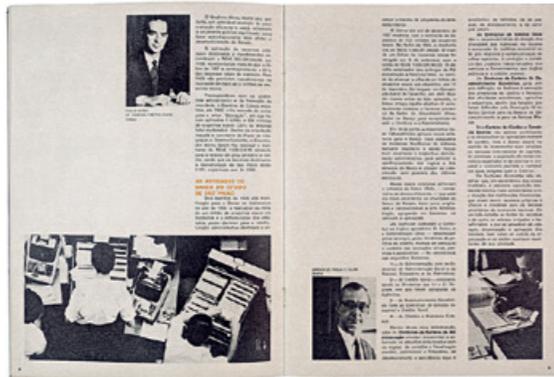
Apesar das mudanças criativas, os relatórios anuais do Banespa ainda mantinham um forte viés de propaganda do governo estadual paulista, que controlava a instituição. Isso fica claro na mensagem do presidente da instituição na abertura do documento do exercício de 1967, que, logo na capa, fazia referência ao Plano de Integração e Desenvolvimento do governo Abreu Sodré:



A indústria gráfica e as agências de publicidade passam a disputar a produção de relatórios anuais. **Abaixo:** Anúncio publicado na revista *Conjuntura Econômica*, 1972, n. 2, p. 99.



Relatórios anuais do Banco do Estado de São Paulo. **No alto:** Relatórios dos exercícios de 1963 e 1964. O clichê tipográfico foi substituído por uma fotografia do edifício-sede. Coleção Santander Brasil. **Acima:** Capa de 1965, primeiro ano em que o relatório anual do Banespa foi produzido por profissionais de marketing. Coleção Santander Brasil. **À esquerda:** Capa e páginas internas do relatório de 1966, com uso da fotografia ao lado da tradicional saudação aos acionistas. Coleção Santander Brasil.



No alto: As fotografias produzidas para relatório de 1968 do Banco do Estado de São Paulo compõem o acervo da Coleção Santander Brasil. **Acima:** A folha de rosto do relatório de 1968 do Banco do Estado de São Paulo relaciona as suas atividades ao Plano de Integração e Desenvolvimento do governo Abreu Sodré. Coleção Santander Brasil. **À direita:** Este relatório fez ampla utilização de gráficos e fotografias de ambientes internos do banco. Coleção Santander Brasil.

Este relatório é para nós, do Banco do Estado de São Paulo, muito mais do que um formal relato de atividades levadas à bom termo em um exercício. Representa uma prestação de contas da tarefa a nós confiada pelo Governo do Estado, inserta em seu Plano de Integração e Desenvolvimento. No papel de agente financeiro do governo para apoiar a economia de São Paulo e do País, a responsabilidade de Banco cresce, fazendo o resultado do nosso trabalho transcender a área de interesse dos acionistas e dos homens de finanças. A boa gestão do Banespa é, com efeito, um dever imposto pela própria economia nacional, que tem neste estado a sua base, e o relatório desta diretoria ganha o interesse de todo o público. Por tudo isso, registramos o nosso orgulho em mostrar à comunidade o que se fez em 1967, no Banco do Estado de São Paulo⁸.

O relatório do exercício de 1968 traz uma capa totalmente branca com o título em alto-relevo e o nome do banco na parte superior. Na inferior, a logomarca do governo estadual e a mesma inscrição do relatório anterior: Plano de Integração e Desenvolvimento – Governo Abreu Sodré. A folha de rosto, em marrom, traz essas mesmas informações. Nesse relatório, chamam atenção as imagens de diretores intercaladas com funcionários trabalhando em suas seções – fotografias

que, inclusive, constam no acervo da Coleção Santander Brasil.

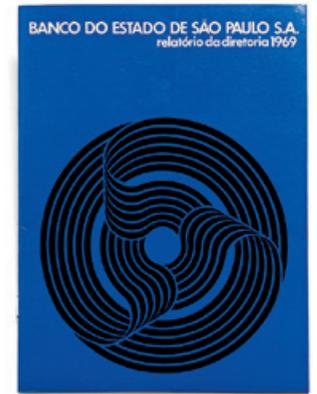
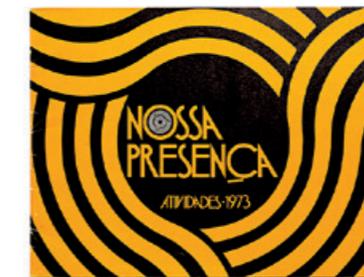
Em 1969, o relatório trouxe o novo sinal gráfico do Banespa, criado pelo designer Aloísio Magalhães, responsável por inúmeras logomarcas de sucesso e, também, pelo desenho de cédulas produzidas pela Casa da Moeda do Brasil na década de 1970. O interior do documento é repleto de fotografias coloridas em página inteira, tanto das atividades econômicas do estado como de fachadas e cenas internas de departamentos do banco.

A partir de 1971, o Banespa experimentou novos formatos, com impressão em paisagem, circular e quadrada, além de novas texturas e trabalhos elaborados de corte. O relatório de 1972, por exemplo, foi cortado em formato circular, tal como o sinal gráfico criado por Magalhães, que toma toda a capa. Internamente, os textos foram reduzidos, enquanto os gráficos e as imagens ganharam destaque. Enquanto isso, o relatório de 1973 foi publicado em formato de paisagem, também com o sinal do designer na capa e o título Nossa Presença – Atividades – 1973.

Para o exercício de 1974, o Banespa produziu um relatório quadrado com capa totalmente branca, utilizando o sinal gráfico e o nome Grupo Financeiro Banespa. No miolo, o destaque é o recorte de seis quadradinhos que atravessam as páginas como

pequenas janelas com fotografias, remetendo aos assuntos de cada seção do relatório. O projeto gráfico e os textos desse documento foram assinados pelo Departamento de Promoção e Expansão e pela Assessoria Econômica do próprio banco.

Metade do relatório de 1974 é destinado à análise da conjuntura e da política econômica – com ênfase no papel da economia paulista, apresentada como motor da economia nacional. Ao mesmo tempo, mantendo a função extraoficial de elemento de comunicação do executivo estadual, o texto manifesta ampla adesão do Banespa e do governo de Laudo Natel à política econômica do Governo Federal, o que fica claro na introdução do relatório:

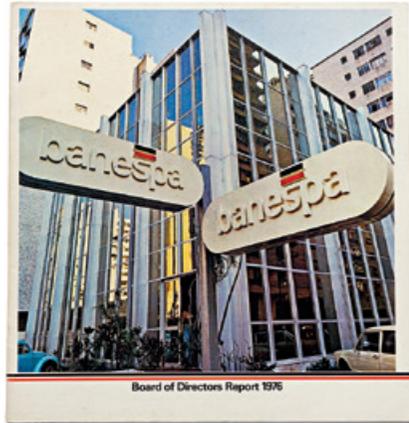


O consagrado designer Aloísio Magalhães produziu o sinal gráfico para o Banco do Estado de São Paulo em 1969.

Acima: O sinal gráfico do Banespa foi destaque na capa do relatório de 1969.

Abaixo: No exercício de 1972, o relatório foi cortado em fôrma circular para acompanhar o sinal gráfico que preencheu quase toda a folha, substituindo, inclusive, o nome do banco. Com esse relatório, iniciava-se uma série de experimentações no design dessas publicações, até então muito formais.

Ao lado: O próprio sinal gráfico apareceu "cortado", como que acompanhando o contorno retangular do relatório de 1973 e, no círculo formado pelas listras alaranjadas, a expressão "Nossa Presença" com o sinal inserido na letra "o". Coleção Santander Brasil.



Os arquitetos João Carlos Cauduro e Ludovico Antonio Martino desenvolveram uma nova comunicação visual para o Banespa em 1976. **Acima:** Capa da versão em inglês do relatório anual de 1976. Coleção Santander Brasil. **À direita:** Foto da fachada de uma agência do Banespa com a nova comunicação visual. Coleção Santander Brasil. **Abaixo:** Xícara de café com a logomarca do Banespa. Coleção Santander Brasil.



São Paulo não pode, não deve e nem sabe parar. Respondendo por mais de um terço da renda nacional ou por metade da produção industrial brasileira, os 20% dos brasileiros que vivem em São Paulo respondem, entre outras coisas, por uma expansão de 46% da renda real do Estado no quadriênio 71-74. Responsável por 40% da renda bruta do Estado, a indústria registrou nesse período, um avanço anual médio de 11,2%⁹.

Essa aproximação entre instituição e governo, contudo, não era bem vista pelo público, o que foi demonstrado em uma pesquisa de reconhecimento de marca encomendada pela direção do banco em 1975.

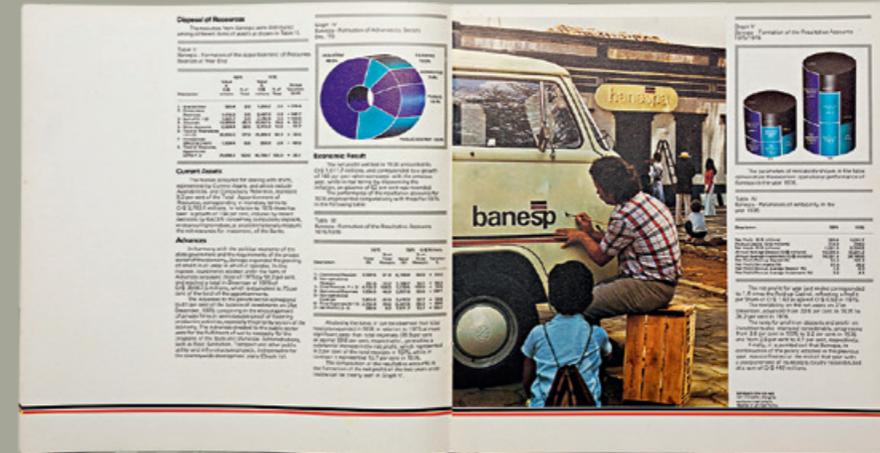
O estudo identificou um processo de degradação da imagem do Banespa, estigmatizado como um banco burocrático e estatal. Para reverter essa imagem, a presidência do banco contratou um profissional de marketing. A nova identidade visual ficou a cargo do escritório dos arquitetos João Carlos Cauduro e Ludovico Antonio

Martino. O escritório desenvolveu um projeto amplo, que incluiu design do mobiliário, sinalização interna e layout das agências, identificação externa, uniformes, frota de veículos e impressos¹⁰.

Até então a comunicação do conglomerado Banespa não tinha um padrão. O próprio banco comercial que liderava o conglomerado ora era identificado como Banco do Estado de São Paulo S/A e ora como Banespa apenas. No caso da corretora o problema era ainda maior uma vez que em alguns documentos aparecia Banespa S. A. Corretora de Câmbio e Títulos, em outros como Corretora Banespa ou mesmo Banescor.

Foi então que nasceu a famosa logomarca para identificação de todas as empresas do conglomerado Banespa – banco comercial, corretora de valores, corretora de seguros, distribuidora e financeira – além da unificação de todos os impressos e de todos os elementos de comunicação – incluindo, é claro, o relatório anual de 1976. Aliás, todas as imagens desse relatório fazem referência à transformação da marca.

A partir de então, os relatórios anuais do Banespa deixaram de expressar uma mensagem do governo estadual e se concentraram na divulgação dos resultados operacionais do banco, com textos mais diretos e uso menor de imagens ilustrativas. ¶



Páginas internas da versão em inglês do relatório anual de 1976, no qual se observa a divulgação dos resultados operacionais do banco mesclada com fotografias que remetem à transformação da marca. Coleção Santander Brasil.



CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

PRESIDENTE
ROGERIO GIORGI

VICE-PRESIDENTES
MICHEL LOUIS DONARD
GUIDO ROSSIGNOLI

CONSELHEIROS
JOSEPH MARIE BERNARD CORÉ
HENRIQUE DE BOITON
DECIO FERRAZ NOVAES
GIOVANNI LENTI

CONSELHO FISCAL:
MARTINO FRONTINI
TADEUSZ GINSBERG
ANDRE PETIT

DIRETORIA EXECUTIVA:
DIRETOR SUPERINTENDENTE
GIOVANNI LENTI

DIRETORES EXECUTIVOS
EMILIO CANTINI
GIUSEPPE D'ELIA
SERGIO FABIANI
MILTON MARIANNO
ANTONIO RAMPONI

DIRETOR EXECUTIVO ADJUNTO
SIRIO SERGIO MARIOTTI

Páginas internas do relatório anual do Banco Francês e Italiano para o exercício de 1974 com fotografia da sala da diretoria do banco e destaque para as duas obras de artistas modernistas nas paredes: uma tela de Portinari e um entalhe de Carybé, ambas pertencentes ao acervo da Coleção Santander Brasil.

A ascensão das obras de arte

Nem todos os relatórios de instituições bancárias entraram na era do marketing ao mesmo tempo. No Banco Francês e Italiano para a América do Sul (Sudameris), por exemplo, isso aconteceu em 1972. O relatório daquele ano foi publicado no formato de fôlder, com uma ilustração na capa e a marca Sudameris, que já era usada como logomarca nos demais bancos subsidiários da organização, com sede em Paris.

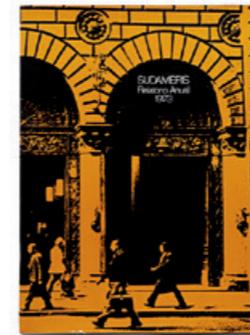
Já os relatórios de 1973 e 1974 adotaram o formato de revista, utilizando impressão fotográfica na capa e uma diagramação mais aprimorada, que combinava texto e fotografias com a temática dos departamentos do banco.

E foi justamente uma fotografia que se destacou no relatório de 1974. Em página dupla, a imagem mostrava a sala da diretoria do Sudameris, destacando duas importantes obras de artistas modernistas: uma tela de Portinari e um entalhe de Carybé, ambas pertencentes ao acervo da Coleção Santander Brasil.

A década de 1970, aliás, foi marcada pela expansão do mercado de

obras de arte no Brasil, e os bancos tinham interesse no assunto por diversos motivos. Muitas instituições compravam obras de artistas renomados para compor os seus espaços corporativos, enquanto outras viam nas obras de arte uma forma de investimento. Além disso, em função do crescimento desse mercado, alguns bancos chegaram a criar linhas de crédito específicas para o financiamento de obras, muitas vezes através de convênios com galerias e leiloeiros.

Não por acaso, muitos bancos utilizavam o tema das artes para ilustrar seus relatórios. Em 1975, o Sudameris passou a contar com o auxílio de curadores de arte e especialistas em numismática, mineração e filatelia para a ilustração de seus relatórios. O documento daquele ano, que explorava o tema das moedas e cédulas do Brasil, já teve a colaboração do então presidente da Sociedade Numismática Brasileira, José Benedito de Moura. Ele foi, inclusive, escolhido como Melhor Relatório Anual pelo júri do Prêmio Colunistas, cobiçada premiação



Ao lado: Capa e páginas internas do relatório anual do Banco Francês e Italiano para a América do Sul (Sudameris) para o exercício de 1974. Coleção Santander Brasil.

Relatório anual do Banco Francês e Italiano para a América do Sul com ilustração na capa e o endereço telegráfico Sudameris compoendo a sua logomarca. Coleção Santander Brasil.

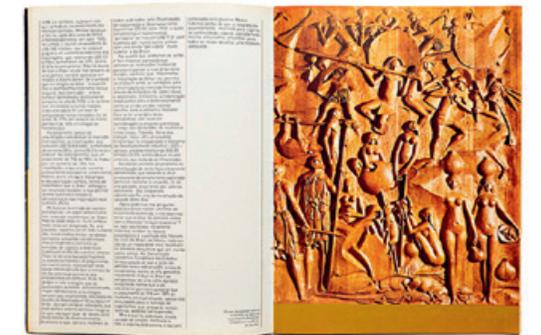


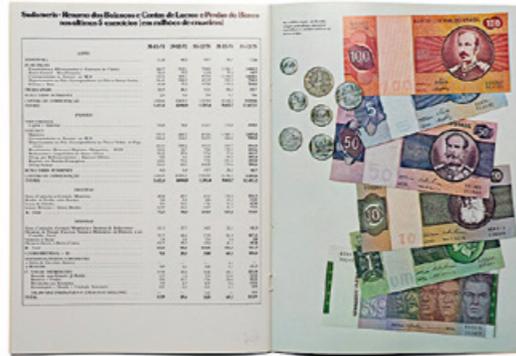
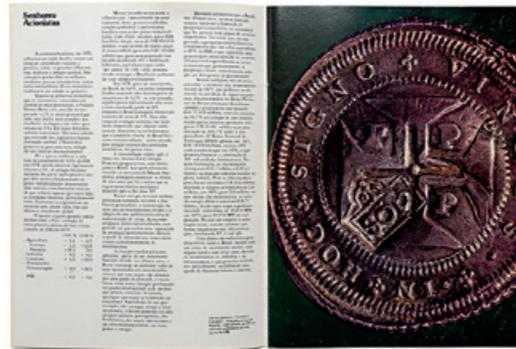
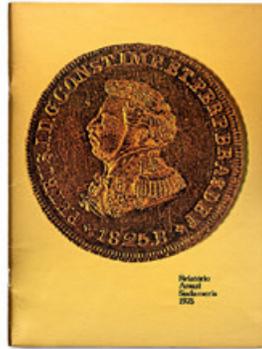
promovida pela revista *Propaganda*, que possuía uma categoria especial chamada Prêmio Guilherme Quandt de Oliveira, voltada à escolha do Melhor Relatório de Diretoria.

Embora o Sudameris e os demais bancos raramente mencionassem as agências de publicidade envolvidas, sabemos pela divulgação do Prêmio Guilherme Quandt de Oliveira que a DPZ foi a responsável pelo relatório vencedor de 1975. Tratava-se de uma das mais consagradas agências de publicidade da década de 1970, vencedora em várias categorias do Prêmio Colunistas.

O sucesso com a premiação parece ter entusiasmado os cria-

Durante a década de 1970 diversos bancos utilizaram obras de arte de suas coleções para ilustrar os seus relatórios anuais. A fotografia também foi bastante explorada nos relatórios bancários até a década de 1980. **Acima e à direita:** Capa e páginas internas do relatório anual do Banco Francês e Italiano para a América do Sul (Sudameris) do exercício de 1973. Coleção Santander Brasil.





Acima: Capa e páginas internas do relatório anual do Banco Francês e Italiano para a América do Sul (Sudameris) para o exercício de 1975, que contou com a curadoria do numismata José Benedito de Moura e recebeu o Prêmio Guilherme Quandt de Oliveira de Melhor Relatório Anual. Coleção Santander Brasil.
 Abaixo: Medalha de ouro do Prêmio Guilherme Quandt de Oliveira de Melhor Relatório Anual conferido ao Sudameris. Coleção Santander Brasil.

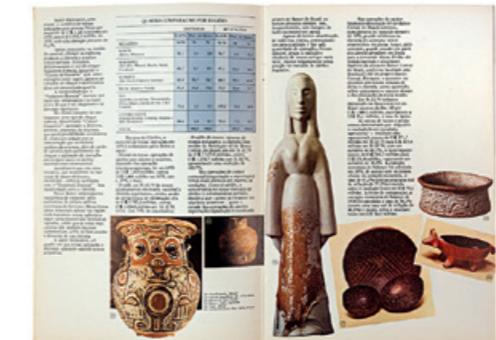
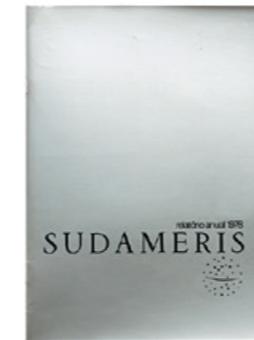
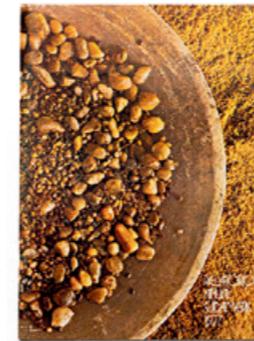
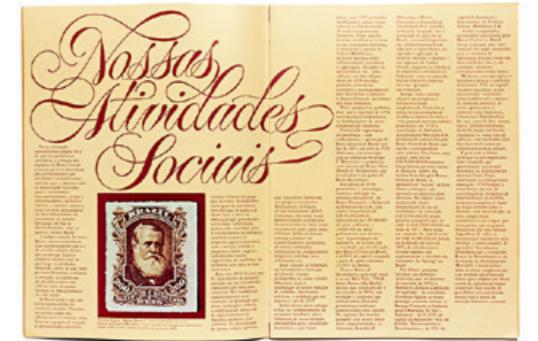


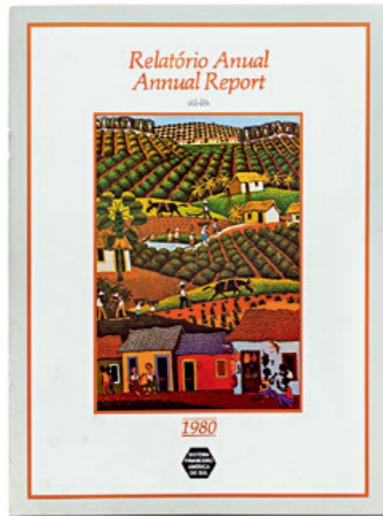
Página ao lado: Após a publicação do relatório anual de 1975, a diretoria do Sudameris deu sequência à publicação de relatórios com ilustração temática e curadoria especializada.
De cima para baixo: Relatório anual de 1976, com o tema "Filatelia Brasileira" e curadoria de Rolf Harald Meyer e Francisco Crestana; relatório anual de 1977, com o tema "Joalheria Brasileira" e curadoria de Darcy Pedro Svisero; relatório anual de 1978, com o tema "Prataria Brasileira" e curadoria de Pietro Maria Bardi; relatório anual de 1979, com o tema "Arte da Cerâmica" e curadoria de Pietro Maria Bardi. Coleção Santander Brasil.

tivos envolvidos na produção dos relatórios do Sudameris. No ano seguinte, eles produziram mais um documento temático, dessa vez abordando a beleza dos selos postais brasileiros e com a curadoria dos filatelistas Rolf Harald Meyer e Francisco V. Crestana.

A capa desse relatório chama atenção pela imagem de envelope postal rasgado na lateral, tendo o título do documento no espaço reservado ao destinatário. Traz, também, um dos últimos selos lançados pelos Correios no ano de 1976, uma homenagem à obra *Caravela*, do escultor Bruno Giorgi. Sobre ele, um carimbo postal com as inscrições "Sudameris - Brasil" na borda, e a inscrição "29 ABR 77", referência à data da Assembleia Geral Ordinária (AGO) na qual o relatório foi apresentado para apreciação dos acionistas.

Para o documento do exercício de 1977, o Sudameris escolheu a joalheria brasileira como tema, dessa vez com a assessoria do professor Darcy Pedro Svisero, do Museu de Mineralogia e Geologia do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo. Esse relatório traz ilustrações históricas sobre garimpos, remetendo ao tempo das minas coloniais, com fotografias de pedras preciosas brasileiras e das coroas reais que pertenceram a D. Pedro I e D. Pedro II.





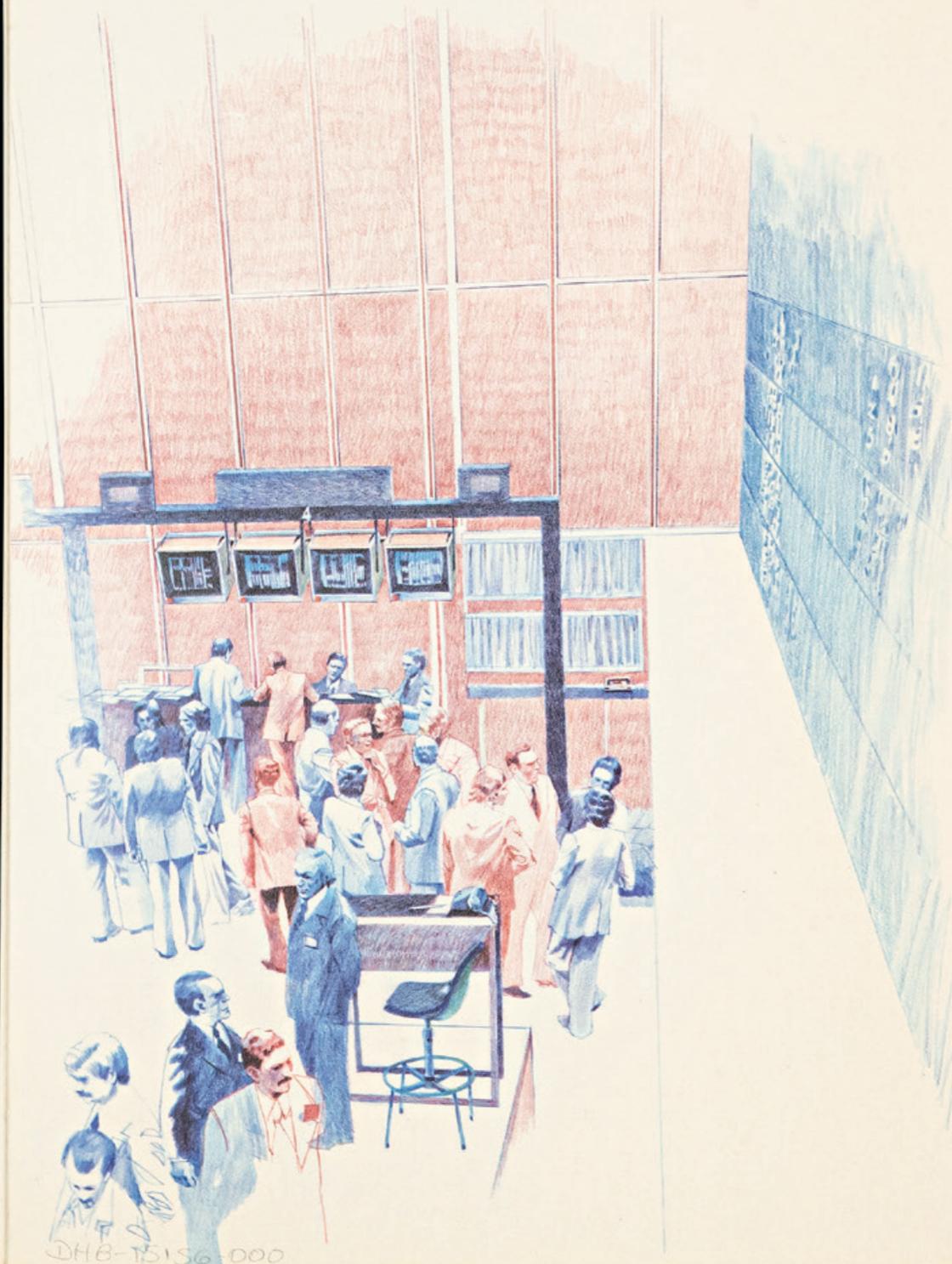
Acima: Capa do relatório anual do Sistema Financeiro América do Sul, conglomerado liderado pelo Banco América do Sul, relativo ao exercício de 1980 e ilustrado com a obra *Fazenda*, de Hisamatsu Mitake. Coleção Santander Brasil.
À direita: Obra *Fazenda*, do artista plástico Hisamatsu Mitake, acondicionada em trainel na reserva técnica da Coleção Santander. Tinta a óleo sobre tela, 1974, 69,2 cm x 39,4 cm. Coleção Santander Brasil.

Entre os curadores convidados a participar dos relatórios do Sudameris esteve Pietro Maria Bardi, cofundador e, à época, diretor do Museu de Arte de São Paulo (Masp). O banco patrocinava a coleção de livros *Arte e Cultura*, de Bardi, que a cada volume tratava de uma expressão artística brasileira. A instituição fez com que as temáticas de seus relatórios coincidisse com os livros lançados anualmente pelo diretor do Masp, criando uma série publicada entre 1979 e 1983.

O relatório do exercício de 1978, lançado no início de 1979, por exemplo, referia-se ao livro *Prata Brasileira. Suas Origens, Sua Arte*. Já o documento referente ao exercício de 1979 se conectava ao volume *A Arte da Cerâmica*; o relatório de 1980 aos *Artífices e Artesãos do Brasil*; de 1981 ao volume *Madeira, do Pau-Brasil até a Celulose*; de 1982 ao livro *O Trem de Ferro*; e de 1983 ao volume *Comunicação no Brasil*.

O Banco América do Sul também é um bom exemplo de como a arte se tornou fundamental para as publicações bancárias: em 1980, ilustrou seu relatório com obras de artistas japoneses e nipo-brasileiros – Hisamatsu Mitake, Yasuhei Joshita, Tetsushiro Susuta, Massao Okinaka e Kikuji Shimoda. Algumas dessas obras também fazem parte da Coleção Santander Brasil, como a *Fazenda*, de Hisamatsu Mitake. ¶





DEPARTAMENTO DE AÇÕES

No dia 1.º de agosto de 1973, os representantes da Banespa Corretora compareceram ao primeiro pregão da Bolsa de Valores de São Paulo, como membro que é dessa entidade, sob o número 27.

Nessa fase inicial, buscou-se u'a melhor estruturação deste departamento, visando prepará-lo para o processo de execução de operações de grande porte.

Ao mesmo tempo, determinou-se a venda total da carteira de ações de propriedade da Corretora, por entender esta Diretoria que uma corretora de valores é uma entidade prestadora de serviços, sendo incompatível o investimento por conta própria em papéis de risco.

Dando andamento ao programa de trabalho, procurou-se estruturar a equipe de operadores de bolsa, cuidando-se também da introdução de normas para o bom funcionamento do setor de apoio às operações, isto é, sua Central de Ordens e Mesa de Clientes. Para isso, foram ampliados e modernizados os meios de comunicação, levando-se a efeito uma completa reestruturação administrativa dessas seções.

Em meados de 1974, o Departamento de Ações da Banespa Corretora encontrava-se plenamente apto a prestar todos os serviços inerentes à intermediação de negócios bursáteis, partindo-se então para o desenvolvimento de algumas atividades que viriam determinar maior dinâmica operacional em função da estrutura montada.

Devido, pois, à sua política de maior agressividade, baseada numa infra-estrutura de serviços cada vez mais eficientes, conseguiu-se atingir uma clientela de maior porte e de atividade mais dinâmica, resultando com isso num aumento de participação da Banespa Corretora no mercado de ações de empresas negociadas em Bolsas de Valores.

A Corretora passou, então, a participar ativamente do mercado de financiamento de Operações a Termo e, graças à política traçada para a condução desses negócios, conseguiu-se em curto espaço de tempo, atingir um movimento significativo.

Muito contribuíram também para o considerável aumento da participação da Banespa Corretora no mercado bursátil, os fundos Banespa de Investimento e Banespa Decreto-Lei 157, administrados pela Corretora.

Com efeito; de uma posição bem modesta, isto é, movimentando aproximadamente 0,9% do movimento total de compras e vendas da Bolsa de Valores de São Paulo, passou a Banespa Corretora para cerca de 8,3% no quarto trimestre de 1974 (ver gráfico 3). O quadro a seguir demonstra, por trimestre, a evolução do movimento da Banespa Corretora, em comparação com as negociações havidas no pregão da Bolsa de Valores de São Paulo.

STOCK MARKET DEPARTMENT

August 1, 1973 was Banespa Corretora's first trading day on the São Paulo Stock Exchange as a registered Member (n.º 27) of that entity.

In this initial phase a better structuring of the department was sought in order to prepare it for the execution of large scale operations.

An important step taken by the Board of Directors of Banespa Corretora was the liquidation of the company's entire stock portfolio. This portfolio had been a part of the assets acquired when the company was founded.

The objective in so doing, was to avoid exposing the shareholder's capital to any kind of risks and the rationale underlying this decision was the feeling that a brokerage company derives its revenues exclusively from services to clients.

In continuation of the company's program, new and more experienced floor brokers were hired and a series of improvements were introduced in the administrative procedures. In addition, more efficient communications were installed providing instant contact between the stock exchange floor, the central order desk and the board room. By the middle of 1974 the Stock Market Department of Banespa Corretora was fully capable to render all the services connected with the Stock Exchange.

Due to its policy of greater aggressiveness based on an ever growing efficiency, it was possible to attain a number of large clients which were accustomed to a more dynamic activity. This resulted in a considerable growth of Banespa Corretora's turnover and consequently in its share of the market.

Subsequently, Banespa Corretora participated actively in the financing of futures operations and thanks to the policy outlined for the conduct of that business, this area increased significantly.

Participation by the Banespa Investment Fund (Decree Law 157) managed by the Corretora, also enhanced considerably in increasing Banespa's operations on the Stock Exchange.

In effect, from a modest 0.9% of the total volume on the São Paulo Stock Exchange, Banespa Corretora's share increased to 8.3% by the fourth quarter of 1974.

The following figures and charts (charts 2A, 2B and 3) illustrate the volume generated by Banespa Corretora as compared to the overall volume on the São Paulo Stock Exchange.

Os relatórios de grupos financeiros

Relatórios anuais que refletem o intenso processo de fusões e aquisições pelo qual passou o sistema bancário brasileiro entre os anos de 1967 e 1973, exemplificado aqui na criação do Banco Sul Brasileiro, fruto da fusão das instituições Banco Nacional do Comércio, Banco da Província do Rio Grande do Sul e Banco Industrial e Comercial do Sul. **Da esquerda para a direita:** Relatório anual de 1971 do Banco Nacional do Comércio; relatório anual de 1972 com demonstrações conjuntas das três instituições que formaram o Banco Sul Brasileiro; e relatório anual de 1973 do Banco Sul Brasileiro. Coleção Santander Brasil.

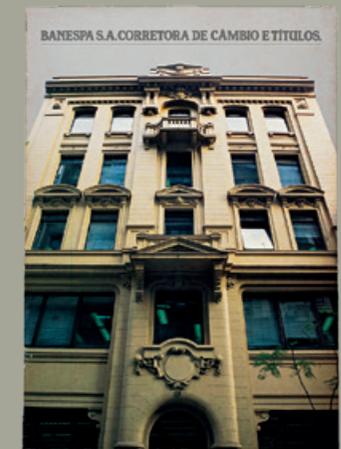
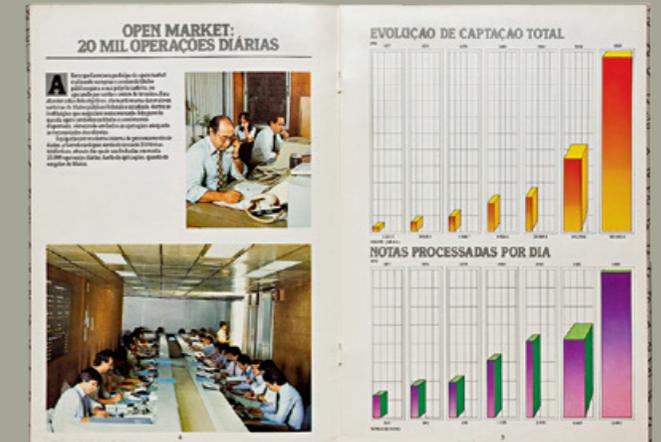
Na década de 1960, duas leis mudaram profundamente o mercado financeiro brasileiro, impactando o setor bancário e o mercado de capitais. Em dezembro de 1964, o Congresso aprovou a Lei nº 4.595, chamada de Lei da Reforma Bancária, que criou o Banco Central do Brasil e instituiu o Sistema Financeiro Nacional (SFN).

Pouco mais de seis meses depois, foi aprovada a Lei do Mercado de Capitais (Lei nº 4.728, de 14 de julho de 1965), que estabeleceu as bases para a regulamentação do mercado de valores mobiliários, reorganizou as bolsas de valores e criou as sociedades corretoras, os bancos de investimentos, os fundos de investimentos e as distribuidoras de títulos e valores mobiliários.

Até então, não havia uma de-

finição clara sobre as funções de um banco. Não se distinguia, por exemplo, a atribuição de um banco comercial, que operava com depósitos e descontos, daquela dos bancos hipotecários, que emitiam papéis lastreados em hipotecas. Não se diferenciava, tampouco, a função de um banco de investimentos, de modo que alguns bancos comerciais atuavam no mercado de ações e administravam o patrimônio de terceiros, enquanto outros estavam voltados às operações com câmbio ou ao lançamento de novas companhias – esta última operação chamada de *underwriting* (subscrição), que consiste na emissão de ações no mercado primário, equivalentes ao atual IPO (*Initial Public Offering*, na tradução livre, oferta pública inicial). Além disso, as atividades bancárias também não eram exclusivas dos bancos, e as mais diversas empresas concediam crédito através de empréstimos, contas-correntes, descontando duplicatas e, até mesmo, emitindo e descontando cheques para seus clientes.

Com a Lei da Reforma Bancária de 1964, portanto, a atividade bancária foi compartimentada, e cada tipo de banco passou a se especializar



nas operações que tinha por objeto. Os bancos comerciais passaram a realizar operações apenas de curto prazo, enquanto o crédito de médio e longo prazo ficaria a cargo dos bancos de investimentos. Já o crédito para o consumo, destinado à aquisição de bens duráveis, seria responsabilidade das financeiras. Criou-se, também, as sociedades de arrendamento mercantil, as sociedades de crédito imobiliário especializadas e as associações de poupança e empréstimos, que são equivalentes aos atuais consórcios. No ramo dos seguros, foram separadas as seguradoras e as sociedades de capitalização.

Ainda que a reforma bancária tenha separado os balanços dos

bancos no que se refere às operações de curto, médio e longo prazos, uma decisão de 1967 do Ministério da Fazenda acabou dando alguns passos atrás. Ela permitiu que os bancos formassem grupos ou sistemas financeiros, inspirados nos conglomerados japoneses que reuniam sob a coordenação de um mesmo banco vastas atividades bancárias, comerciais e industriais.

Inicialmente, os grupos financeiros produziram relatórios anuais de cada uma das empresas do conglomerado. Porém, no início da década de 1970, passou-se a publicar os Relatórios de Sistemas Financeiros, que consolidavam a prestação de contas e as informações contábeis de todas as empresas.

Após o processo de fusões e aquisições bancárias ocorreu a formação dos chamados conglomerados ou grupos financeiros, conjunto de instituições financeiras dos mais diversos seguimentos, liderados por um grande banco comercial. **Acima:** Capa e páginas internas do relatório anual de 1983 da Banespa S. A. Corretora de Câmbio e Títulos. Coleção Santander Brasil.



Relatório anual de 1988 da Banespa S. A. Corretora de Câmbio e Títulos que traz o “Relatório da Administração” (texto com exposição da diretoria aos acionistas) separado das demonstrações financeiras e encartado no relatório juntamente com o *Dicionário do Mercado de Capitais e Bolsa de Valores*, produzido pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ). Coleção Santander Brasil.

Paralelamente, o Ministério da Fazenda e o Banco Central do Brasil começaram a estimular a concentração do setor bancário, tendo por objetivo a criação de grandes instituições financeiras que, por meio de suas amplas redes de filiais, permitiriam a obtenção da chamada economia de escala, reduzindo o custo das operações pela ampliação da massa de clientes.

O Banco Central deixou de emitir novas cartas-patentes para abertura de agências, permitindo, ao mesmo tempo, que os bancos negociassem entre eles as suas cartas-patentes. Abriu-se, assim, um mercado de cartas-patentes e, para ampliar sua rede, os bancos tinham de comprar agências de ou-

tros bancos ou adquirir instituições menores com o fim de incorporar suas agências. O auge desse processo de fusões e aquisições ocorreu entre os anos de 1967 e 1973.

Como resultado desse processo, muitos bancos comerciais passaram a atuar como líderes de grupos financeiros que incluíam bancos de investimentos, financeiras, corretoras de câmbio e valores, distribuidoras de títulos e valores mobiliários, companhias de seguros e até mesmo empreendimentos industriais, agropecuários, florestais e de mineração.

Foi assim que, em 1973, o Banco do Estado de São Paulo passou a se apresentar como Sistema Financeiro Banespa. O primeiro relatório consolidado do grupo nasceu em 1975, reportando as atividades do exercício de 1974, trazendo o Banespa como líder de um conglomerado “(...) equipado para atuar em todas as áreas do mercado de capitais, dentro e fora do Brasil” e que incluía as seguintes empresas: Corretora de Câmbio e Título – Banespa S. A.; Crédito Financiamentos e Investimentos – Banespa S. A.; Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários – Banespa S. A.; Turismo, Passagens e Serviços – Banespa S. A.; Corretora de Seguros – Banespa S. A.; Serviços Técnicos e Administrativos – Cigebrás S. A.; e Mineração Indústria e Comércio.

A Banespa Corretora merece

uma atenção especial, pois nasceu em 1973, quando o Banespa comprou duas tradicionais sociedades corretoras que operavam na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa): a Corretora Pires Germano S. A. – Corretora de Câmbio e Títulos e a M. Marcello Leite Barbosa S. A. – Corretora Paulista de Câmbio e Títulos.

A instituição inovou no mercado financeiro brasileiro. Em 1974, quando ainda não havia no país as negociações de opções e derivativos de *commodities* agrícolas, operações que constituem o chamado mercado futuro, a Banespa Corretora firmou um contrato com a Merrill-Lynch, uma das maiores corretoras dos Estados Unidos, permitindo que o Banespa oferecesse a seus clientes a possibilidade de negociar futuros na Bolsa de Chicago. A primeira operação com futuros agrícolas foi, portanto, realizada por um cliente da Banespa Corretora em 24 de abril de 1975, envolvendo 6,5 mil toneladas de soja. Os primeiros relatórios da Banespa Corretora foram publicados separadamente do restante do conglomerado e constituem um documento importantíssimo para contarmos a história dos mercados futuros no Brasil.

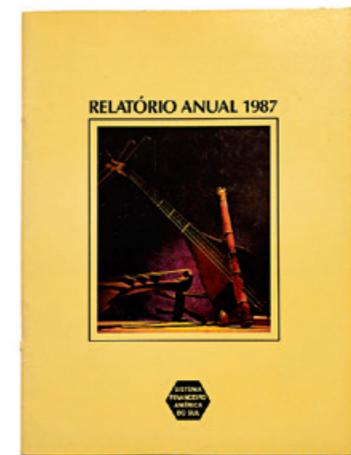
O Santander é parte desta trajetória. Com a aquisição do Banespa, em 2000, e com a formação do Grupo Santander Banespa, em 2001, as duas corretoras do grupo



– Corretora Banespa e Corretora Santander – se mantiveram separadas juridicamente e, depois, foram integradas na Corretora Santander. Em 2006, o Santander operava no Brasil com três marcas separadas: Santander Brasil, Santander Meridional e Santander Banespa, todas elas pertencentes ao Grupo Santander Banespa. Entre 2006 e 2007, ocorreu a unificação jurídica, com o banco passando a utilizar uma única marca: Banco Santander Brasil. ¶

Acima: Relatório da Banespa Corretora (Banespa S. A. Corretora de Câmbio e Títulos) relativo ao biênio de 1973 e 1974. Empresa integrante do chamado Sistema Financeiro Banespa. Coleção Santander Brasil.

Alguns grupos optaram por publicar relatórios conjuntos de todo o sistema financeiro com as demonstrações financeiras individualizadas de cada empresa do grupo. **Abaixo:** à esquerda, relatório anual de 1975 do Sistema Financeiro Sul Brasileiro e, à direita, relatório anual de 1987 do Sistema Financeiro América do Sul. Coleção Santander Brasil.



Dados Comparativos de Balanço

ATIVO	(EM MILHARES DE CRUZEIROS)		
	31.12.73	29.12.72	31.12.71
Disponível	48.710	48.656	17.784
Depósitos e ORTN à ordem do Banco Central	131.264	77.129	66.148
Correspondentes no Exterior	522.263	305.089	132.010
Empréstimos	653.961	470.243	317.552
Corresp. e Departamentos no País	351.045	247.433	165.464
Outros Créditos	154.209	60.649	45.785
Valores e Bens	52.449	30.022	6.066
Imobiliário	53.069	46.288	38.523
Resultados Pendentes	3.434	3.953	2.911
Contas de Compensação	3.325.045	2.805.508	1.630.623
TOTAIS	5.295.449	4.094.970	2.422.866

EMPRÉSTIMOS



PASSIVO

PASSIVO	(EM MILHARES DE CRUZEIROS)		
	31.12.73	29.12.72	31.12.71
Capital e Reservas	112.738	74.600	54.598
Depósitos	673.031	483.232	332.288
Refinanciamentos FINAME e Redescoto	38.109	37.229	38.391
Obrigações em Moedas Estrangeiras	77.223	73.249	18.601
Correspondentes no Exterior	542.161	309.452	136.454
Correspondentes e Departamentos no País	276.044	198.827	153.010
Outras Responsabilidades	235.431	105.943	52.927
Resultados Pendentes	15.667	6.930	5.974
Contas de Compensação	3.325.045	2.805.508	1.630.623
TOTAIS	5.295.449	4.094.970	2.422.866

DEPÓSITOS



CAPITAL E RESERVAS



Parecer do Conselho Fiscal

Os abaixo assinados, membros do Conselho Fiscal do Banco Francês e Italiano para a América do Sul S.A. — SUDAMERIS, cumprindo as determinações legais, declaram que examinaram o Relatório da Diretoria em todos os seus termos, bem como o Balanço e a Conta de Lucros e Perdas e demais papéis e documentos que serviram de base às Contas e ao Relatório da Diretoria, relativo ao exercício de 1973, encontrando-os exatos e na mais perfeita ordem, pelo que propõem sejam aprovados pela Assembléia Geral dos Acionistas.

São Paulo, 5 de fevereiro de 1974.

Dr. Décio Ferraz Novaes
Martino Frontini
Dr. Geraldo de Oliveira Farto

DIRETORIA EXECUTIVA:

Giovanni Lenti - Diretor Superintendente
Emilio Cantini - Diretor Executivo
Giuseppe D'Elia - Diretor Executivo
Sergio Fabiani - Diretor Executivo
Milton Marianno - Diretor Executivo
Antonio Ramponi - Diretor Executivo

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

Rogério Giorgi - Presidente
Guido Rossignoli - Vice-Presidente
Michel Louis Donard - Vice-Presidente
Henrique de Botton - Conselheiro
Joseph Marie Bernard Coré - Conselheiro
Jorge Gerdau Johannpeter - Conselheiro

Página dupla interna do relatório anual de 1973 do Banco Francês e Italiano para a América do Sul (Sudameris), com destaque para o gráfico com os Dados Comparativos do Balanço. Logo abaixo, na página da esquerda, observa-se o parecer do conselho fiscal e, na página da direita, a composição da diretoria executiva e do conselho de administração como órgãos separados, um tipo de estrutura corporativa adotada para conferir maior transparência e segurança aos acionistas. Coleção Santander Brasil.

Governança corporativa e sustentabilidade

A expansão do mercado de capitais nas décadas de 1960 e 1970 trouxe novos desafios para as companhias. Até então, o público que comprava ações era reduzido, e os títulos de uma empresa ainda se concentravam nas mãos de poucas pessoas. O surgimento de fundos e bancos de investimentos, os incentivos fiscais e a inflação impulsionaram esse mercado e, assim, pessoas que não aplicavam passaram a se interessar e a adquirir ações e cotas de fundos. Ao mesmo tempo, empresas organizadas como Sociedades Limitadas se convertiam em empresas de capital aberto em uma velocidade alucinante.

O mercado se transformava e as empresas se deram conta de que a beleza de seus relatórios anuais já não garantia uma comunicação corporativa eficiente.

A qualidade das prestações de contas das empresas tornou-se uma questão evidente após o Crash de 1971. Após um boom de valorização das ações, iniciado no final de 1968, o mercado de ações despencou em julho de 1971.

Entre os problemas apontados, estava a falta de padronização dos balanços e, em alguns casos, a dificuldade de se apurar claramente o lucro líquido de uma empresa por meio de suas prestações de contas. Os analistas exigiam uma nova forma de comunicação com os acionistas, principalmente os minoritários.

A crise também evidenciou a importância da intervenção dos analistas no assessoramento de investidores. Ainda em 1971, surgiu a Associação Brasileira dos Analistas do Mercado do Capitais (Abamec), que passou a promover reuniões públicas dos analistas com os administradores de empresas, a fim de esclarecer dúvidas sobre os balanços e obter mais informações sobre os negócios das organizações.

As evidências de problemas na organização do mercado de capitais suscitaram um longo debate, que culminaria na reforma da legislação sobre Sociedades Anônimas de 1976, que promoveu uma mudança

no próprio mercado de capitais. A Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976, criou a Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que substituiu a Diretoria de Mercado de Capitais do Banco Central do Brasil como órgão fiscalizador das questões envolvendo a organização das Sociedades Anônimas e o mercado de ações.

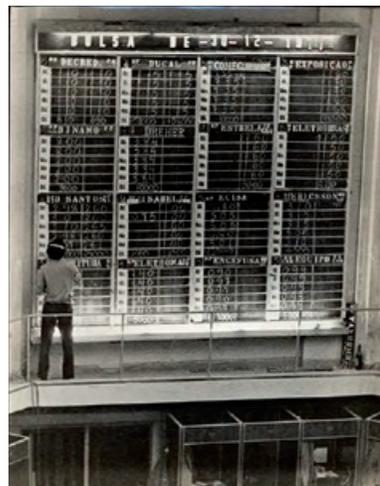
Durante a discussão do projeto, houve a expectativa de que a reforma trouxesse mais transparência na administração das companhias em relação aos acionistas. Um artigo publicado em maio de 1975 na conceituada revista *Conjuntura Econômica* propôs que a lei regulamentasse a política de comunicação das empresas por meio de uma sistemática de divulgação de informações e fatos relevantes, permitindo um acompanhamento mais eficiente das decisões da administração¹¹.

A reforma da Lei das Sociedades Anônimas não regulou a comunicação das empresas de capital aberto, mas determinou que os balanços das companhias fossem submetidos a auditores independentes, cujos laudos de validação passaram a ser publicados nos relatórios anuais.

Em agosto de 1976, a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ) e a Associação Brasileira dos Analistas

do Mercado do Capitais (Abamec) instituíram o Prêmio Mauá, com o objetivo de incentivar e reconhecer empresas que adotassem as melhores práticas na sua comunicação corporativa. Posteriormente, a Associação Brasileira das Empresas de Capital Aberto (Abrasca) lançaria o Prêmio Abrasca de Melhor Relatório Anual¹², existente ainda hoje – e que, aliás, reconheceu o Santander pelo relatório do exercício de 2010, assunto que trataremos mais adiante.

Os relatórios pouco elucidativos e repletos de fotografias estavam com os dias contados na década de 1980. Na década seguinte, as fotografias perderiam espaço para as ilustrações e os infográficos, juntamente com os textos mais concisos. **Acima:** Páginas duplas internas do relatório anual de 1982 do Sistema Financeiro Sul Brasileiro, ainda repleto de fotografias. Coleção Santander Brasil.



Acima: Funcionário da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ) atualiza o quadro de cotações. Rio de Janeiro, 1971. **Ao lado:** Operadores da bolsa do Rio em sua agitação tradicional durante o pregão. Rio de Janeiro, 1971. Arquivo Nacional (Fundo Correio da Manhã).



Lombadas dos relatórios dos exercícios de 2002-2003 e 2003-2004 do ABN Amro Real com dados operacionais e balanço social do banco. Coleção Santander Brasil.



O Prêmio Mauá era oferecido pela BVRJ em parceria com o *Jornal do Brasil* e avaliava aspectos como proatividade na divulgação de fatos relevantes, utilização de linguagem acessível e frequência na promoção de encontros com a imprensa especializada e com os analistas de investimento. As dez empresas finalistas eram avaliadas por meio de questionários específicos, respondidos por jornalistas especializados, analistas de investimentos, investidores e corretoras de valores. As perguntas abordavam desde aspectos da comunicação direta da empresa com os profissionais até qual delas possuía o melhor relatório anual¹³. Uma comissão de premiação composta de membros da BVRJ, Associação Brasileira de Mercado de Capitais e *Jornal do Brasil* escolhia o vencedor.

Com todas essas mudanças de paradigmas, o público-alvo dos relatórios anuais ampliou-se para além dos acionistas, uma vez que as empresas buscavam satisfazer uma comunidade maior de interessados que incluía analistas, jornalistas, órgãos de fiscalização – como a CVM –, sociedades corretoras, bolsas de valores e associações civis, como a Abamec e a Associação Brasileira de Mercado de Capitais.

Aos poucos, os relatórios anuais foram se tornando mais sérios e, em alguns bancos, ficaram de lado

recursos criativos como fotografias e design inovador. Essa mudança aconteceu lentamente: algumas instituições mudaram o modelo dos documentos já no final da década de 1980, enquanto outras permaneceram com relatórios mais exuberantes até o final da década de 1990.

Por outro lado, as demonstrações financeiras foram padronizadas. Muitos bancos passaram a adotar padrões internacionais de prestação de contas, utilizando várias tabelas acessórias para complementar os balanços com informações mais detalhadas. Além disso, as demonstrações financeiras também começaram a receber notas explicativas que esclareciam aos leitores o significado de determinados termos e explicações adicionais sobre os cálculos.

Esse tipo de relacionamento com o mercado deu origem a diretrizes e regras de conduta que ficariam conhecidas ao longo da década de 1990 como governança corporativa. O Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, instituição civil criada em 1995, define o termo como uma ferramenta pela qual as empresas são dirigidas, monitoradas e incentivadas de modo a envolver os relacionamentos entre sócios, conselho de administração, diretoria, órgãos de fiscalização e demais partes interessadas de modo que as boas práticas sejam convertidas em princípios

básicos que contribuam para a longevidade das organizações.

Paralelamente, questões como responsabilidade social e sustentabilidade também ganharam espaço nas companhias. Um dos motores para o aumento desse interesse foi o pronunciamento do então secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, durante o Fórum Econômico Mundial de 1999, que resultou no Pacto Global, uma iniciativa da ONU lançada em 26 de julho de 2000. O acordo mobilizou a comunidade empresarial em torno da promoção de valores fundamentais nas áreas de direitos humanos, trabalho e meio ambiente, sendo consolidado na Conferência de Cúpula do Pacto Global de 2004.

Nessa mesma época, as diretrizes de governança corporativa começaram a ser discutidas em conjunto com as iniciativas de responsabilidade social e sustentabilidade. Esse conjunto passou a ser identificado pela sigla em inglês ESG, significando *Environmental, Social and Governance* – ambiental, social e governança, em tradução livre.

Na virada do milênio, surgiram protocolos internacionais para o acompanhamento dos relatórios corporativos. No que diz respeito à governança corporativa e à sustentabilidade, surgiu, por exemplo, um protocolo internacional para divulgação de dados financeiros, o

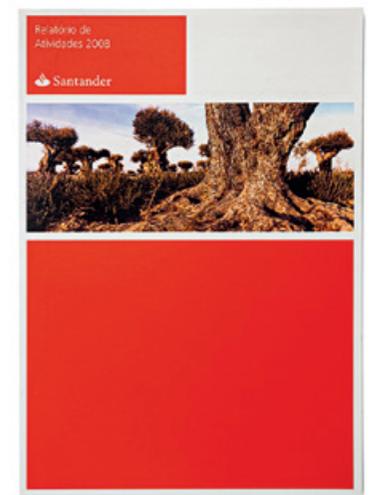


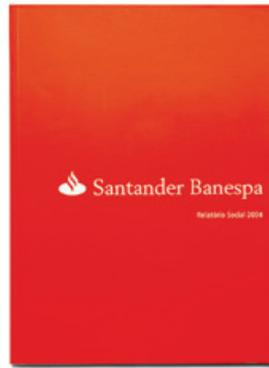
International Financial Reporting Standards (IFRS). Criou-se, também, um protocolo específico para o acompanhamento dos impactos socioambientais das empresas, o *Global Reporting Initiative* (GRI).

O GRI é uma metodologia de produção de relatórios de sustentabilidade que permite a padronização desses documentos, proporcionando que a sociedade acompanhe a implementação dos compromissos assumidos pelas empresas em relação aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), conjunto de princípios estabelecidos pela Assembleia Geral da ONU envolvendo garantias de respeito aos direitos humanos, à ética pública, à diminuição das desigualdades sociais e – como o nome deixa claro – ao desenvolvimento sustentável.

O relatório *Memoria de Responsabilidad Social Corporativa*, do Grupo Santander na Espanha, já seguia o protocolo GRI, que começaria a ser implementado nas operações

Acima: Relatórios de responsabilidade social corporativa de 2003 e 2004 do Grupo Santander (Espanha). Coleção Santander Brasil.
Abaixo: Relatório de atividades de 2008 do Banco Santander Brasil. Coleção Santander Brasil.





brasileiras da empresa em 2004. Nesse mesmo ano, o Grupo Santander Banespa participou da Semana Nacional pela Cidadania e Solidariedade, que tinha como objetivo divulgar os Oito Objetivos do Milênio, aprovados pela ONU em 2000.

Enquanto o banco se estruturava para produzir seu primeiro relatório de sustentabilidade, o Santander Banespa divulgou o Relatório Social 2004 com as práticas que já vinha adotando naquele sentido, mas que ainda não seguiam a metodologia GRI¹⁴. O documento foi dividido em seis temas: Funcionários, Clientes, Fornecedores, Comunidade, Meio Ambiente e Atuação do Grupo Santander.

Na temática Funcionários, o relatório divulgou gráficos e quadros estatísticos com o número de trabalhadores, dividindo-os por

gênero e escolaridade, e as suas políticas de remuneração, processo seletivo, benefícios e atendimento das demandas junto ao departamento de Recursos Humanos.

No quesito Clientes, o relatório traçou suas diretrizes no sentido de melhorar o atendimento, trazendo um balanço das ações em andamento, como o Programa A+, que vinha sendo implementado com assessoria da Fundação Getúlio Vargas (FGV) desde 2002 para atender atributos levantados por meio de pesquisa junto aos clientes, tais como rapidez, cortesia, relacionamento, competência, acessibilidade e ambientação.

Em Fornecedores, foram apresentados os balanços dos programas Mesa de Compras, Agenda de Negócios e Procura Digital, comprometendo-se com a implementação das diretrizes internacionais do banco na área de compras e transparência na relação com fornecedores.

No que diz respeito à Comunidade, o documento abordou a concessão de bolsas de estudos, as ações educativas, os programas de estímulo ao voluntariado, os patrocínios culturais e esportivos e o apoio a projetos sociais como o Padarias Artesanais, promovido em conjunto com o Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, no qual o banco custeou a distribuição de 2.520 kits de pani-

ficação em comunidades carentes.

Na temática Meio Ambiente, o Relatório Social 2004 destacou iniciativas anteriores, como o consumo consciente de papel e a reforma custeada pelo Santander do Parque Ecológico do Tietê. Para 2005, assumiu compromisso com a coleta seletiva em todos os seus centros administrativos e com a redução do consumo de energia elétrica.

A última parte do relatório tratava especificamente do negócio, falando em governança corporativa, estrutura societária, modelo de gestão e política de mitigação de riscos. A produção desse documento foi fundamental como exercício para a implementação do relatório de sustentabilidade de acordo com o GRI.

É preciso destacar que, hoje, o relatório de sustentabilidade é muito mais do que um canal de comunicação, pois mobiliza diversas áreas da empresa para levantar dados, estabelecer metas para o ano seguinte, acompanhar a implementação dessas metas, organizar e hierarquizar as informações. Além disso, o protocolo GRI exige que os temas abordados no relatório sejam escolhidos previamente a partir da observação de experiências de outras empresas e o envolvimento dos públicos interessados, ou seja, funcionários, clientes, fornecedores, acionistas, credores e entidades da sociedade civil. ¶

Box contendo os relatórios de sustentabilidade e anual de 2005 do Grupo Santander Banespa. Coleção Santander Brasil.



Relatório social de 2004 do Grupo Santander Banespa retratando as ações do banco junto aos funcionários e à comunidade.

Ao lado: Página dupla com “Os Oito Objetivos do Milênio”, uma campanha da Organização das Nações Unidas (ONU) lançada em 2000, e os pictogramas da campanha “8 Jeitos de Mudar o Mundo”. Coleção Santander Brasil.



Investimento responsável

Página dupla do relatório anual digital de 2011 com fotografia de evento realizado na sede da BM&Fbovespa para comemorar um ano da operação de oferta pública de ações (follow-on) do Santander, maior operação deste tipo realizada em todo o mundo durante o ano de 2009. Coleção Santander Brasil.

As discussões em torno do ESG deram origem aos Princípios do Investimento Responsável (PRI), um protocolo de adesão voluntária no qual as empresas signatárias se comprometem a considerar os fatores ESG nos processos de análise e decisão de investimentos¹⁵. A difusão desses princípios permitiu a criação de fundos de investimentos focados em ações de empresas aderentes aos PRI – e, ao mesmo tempo, surgiam os índices de ações com organizações comprometidas com os mesmos princípios.

Os relatórios passaram a refletir a adesão das instituições às regras de governança corporativa e de sustentabilidade, utilizando indicadores padronizados internacionalmente que estenderam a prestação de contas aos acionistas até o alinhamento de interesses da própria organização com os seus colaboradores, clientes, fornecedores e a sociedade em geral. Desse modo, muito além de resultados financeiros, os relatórios anuais se converteram em uma ferramenta de gestão ESG e uma oportunidade para que as empresas divulguem sua cultura e seus valores.

As empresas criaram, também, as suas áreas de Relações com Investidores (RI), voltadas especificamente para a consolidação de informações, acompanhamento das metas e comunicação com investidores e público geral. Para atingir pessoas tão diversas, os departamentos de RI usam várias ferramentas, incluindo presença na imprensa especializada, mídias sociais, reuniões com investidores e analistas de mercado, pronunciamento dos dirigentes e eventos



para divulgação de resultados e estratégias de sustentabilidade.

Em 2009, o Santander chamou atenção do mercado com a operação de emissão de novas ações em meio à crise financeira mundial, atraindo mais de 100 mil investidores – entre eles, 74 mil pessoas físicas –, permitindo a captação de R\$ 14,1 bilhões. Foi o maior IPO até então realizado no mercado brasileiro e o principal lançamento de ações feito no mundo todo naquele ano. A operação mostrou o vigor da economia brasileira e a confiança dos investidores na solidez do Santander.

Após o IPO, o banco deu início a um importante processo de consolidação da sua gestão, com o intuito de aprimorar os mecanismos necessários para garantir os princípios de transparência, sustentabilidade e governança corporativa. A instituição aderiu ao Novo Mercado, segmento de empresas listadas na Bolsa que adotam critérios de governança corporativa, passando a publicar os seus resultados financeiros de acordo com critérios internacionais (IFRS). Para atender aos órgãos reguladores brasileiros,



manteve a divulgação paralela no padrão nacional de práticas contábeis do Brasil (BR GAAP)¹⁶.

Ainda em 2009, o Santander criou a área de Relações com Acionistas para atender pessoas físicas e jurídicas não financeiras possuidoras de ações do Santander. Ela passou a atuar paralelamente ao Departamento de Relações com Investidores, responsável pelo contato com investidores institucionais, como fundos de investimentos, analistas de mercado, corretoras e bancos de investimento.

No ano seguinte, a governança corporativa e o foco na sustentabilidade garantiram ao Santander o reconhecimento de instituições importantes do mercado, como a consultoria Standard & Poor's (S&P), a maior provedora de informações sobre os mercados financeiros globais. Ainda em 2010, as

Acima: Páginas do relatório digital de 2009 do Santander destacando o lançamento de seus títulos nas bolsas de São Paulo e Nova York e as ações de governança corporativa promovidas pelo banco. Coleção Santander Brasil.

Em 14 de junho de 2013, o Financial Times e a International Finance Corporation (IFC) reconheceram o Grupo Santander como o banco mais sustentável do mundo em 2012 e o Santander Brasil o banco mais sustentável das Américas em 2012. Abaixo: Diploma de finalista da 18ª edição do FT/IFC Sustainable Finance Awards. Coleção Santander Brasil.





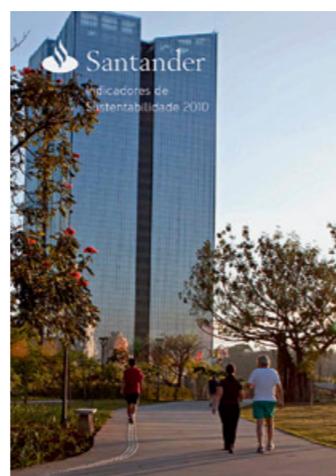
No alto: Páginas do relatório anual de 2010 do Banco Santander Brasil, ganhador do Prêmio Abrasca de Melhor Relatório Anual (troféu acima), pela Associação Brasileira de Companhias Abertas. Coleção Santander Brasil. À direita: Indicadores de sustentabilidade de 2010 do Banco Santander Brasil. Coleção Santander Brasil.

ações do Santander foram listadas no Índice de Sustentabilidade Empresarial (atual Índice ISE B3), composto de ações de empresas que obedecem aos critérios de responsabilidade socioambiental e governança corporativa. Finalmente, o relatório anual de 2010 recebeu o Prêmio Abrasca de Melhor Relatório Anual, conferido pela Associação Brasileira de Companhias Abertas, entregue em uma cerimônia realizada no dia 10 de novembro de 2011 no auditório da BM&FBovespa.

O ano de 2010 marcou, também, a adoção da sustentabilidade na estratégia de negócios do Santander por meio de uma visão sistêmica, o que permitiu a criação de produtos, processos, ferramentas e abordagens de negócios que possibilitaram os avanços do tema da sustentabilidade dentro e fora da organização.

Por meio do lançamento do Plano Comercial de Sustentabilidade, o banco capacitou os gerentes para a identificação de oportunidades de negócio sustentáveis. Por exemplo: ao visitar seus clientes, eles poderiam observar se aquela empresa, sendo uma grande consumidora de água ou de energia, recebia propostas de financiamento para melhorar sua eficiência.

Os esforços do Grupo Santander em participar de ações sustentáveis em escala internacional foram reconhecidos em 2011 e 2012, quando foi eleito por dois anos consecutivos como o Banco Mais Verde do Mundo pela revista Bloomberg Markets. Liderou, ainda, o Green Ranking da revista norte-americana Newsweek em 2012. ¶



Relatório anual de 2010 do Banco Santander Brasil que recebeu o Prêmio Abrasca de Melhor Relatório Anual. Coleção Santander Brasil.



Quality and technology
to serve our
clients and shareholders



IBOS



Techno

ANNUAL REPORT 1995 - Financial Statements

Comunicação corporativa na era digital

Já é senso comum dizer que a internet e o aumento do uso de smartphones mudaram tudo – e isso inclui o relacionamento das pessoas com seus bancos. Mas é preciso observar que essa transformação começou há algumas décadas: entre 1999 e 2000, corretoras lançaram os seus serviços de *home broker* e *home banking*.

Com o crescimento do volume de negócios digitais, foi necessária uma renovação tecnológica. Em 2001, o Santander começou a implementar uma nova plataforma tecnológica chamada de Projeto Altair, que integraria todos os processos internos e os conectaria às demais unidades do banco na América Latina.

A integração foi concretizada em 2006, com a migração de todos os

sistemas internos para a plataforma Altair, o que permitiu a padronização de atividades, a racionalização de processos e o aperfeiçoamento da rede de agências. Em 2005, o volume de transações pelos canais digitais era de 20%, com o serviço de débito automático registrando um aumento de 17%. Entre os anos de 2011 e 2015, os bancos fizeram grandes investimentos em sua capacidade de processamento e transmissão de dados, adquirindo agilidade na oferta de produtos via internet e *mobile banking*¹⁷.

Toda essa transformação impactou, também, a comunicação dos resultados do banco. Desde o final dos anos 1990, as instituições já distribuíam os seus relatórios anuais em versões digitais. Inicialmente, disquetes, CDs e *pen drives* acompanhavam os relatórios físicos. Depois, surgiram sites e canais dedicados à relação com investidores, nos quais os interessados passaram a baixar conteúdos, tais como resultados trimestrais e relatórios anuais em arquivo digital, como alternativa aos relatórios impressos. A partir de 2016, o



Acima: O relatório anual de 2008 do Grupo Santander Brasil trouxe também sua versão digital, gravada em um *pen drive*. Coleção Santander Brasil. Ao lado: Capa do relatório anual de 2016 do Banco Santander Brasil, o primeiro que foi disponibilizado ao público unicamente no formato de arquivo digital por meio de download no portal de Relações com Investidores. Coleção Santander Brasil.



Capa e páginas internas do relatório digital ESG e ações climáticas do Banco Santander Brasil. Coleção Santander Brasil.



Santander passou a distribuir seus relatórios anuais apenas em versão digital, juntamente com outros documentos de prestação de contas no site de relação com investidores.

Atualmente, a análise das ações de companhias como opções de investimento é uma atividade altamente especializada, e os analistas constituem uma profissão regulamentada pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Por outro lado, os relatórios já não são a única forma de as organizações se comunicarem com os interessados em seus resultados.

Os relatórios anuais se transformaram em documentos de produção bastante complexa, pois, além de consolidar de maneira transparente os resultados financeiros e explicar as decisões da direção da empresa, as equipes responsáveis precisam, ainda, capturar, organi-

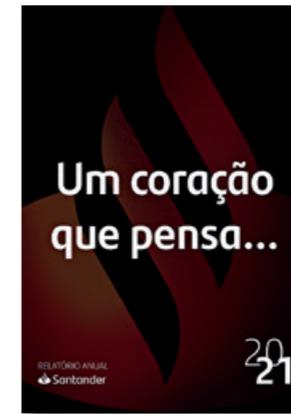
zar e analisar dados sobre iniciativas de diversos departamentos para compor um quadro sobre o impacto socioambiental da empresa.

As empresas de capital aberto, como é o caso do Santander, possuem departamentos de Relações com Investidores com equipes especializadas em comunicação com os acionistas e na divulgação de resultados e impactos socioambientais da empresa. Entre as ferramentas empregadas estão reuniões com acionistas e com analistas de investimento; pronunciamentos oficiais; divulgação de informações críticas por meio dos chamados “fatos relevantes”, de modo a impedir o acesso privilegiado a informações que possam representar vantagem na compra e venda de ações; atendimento à imprensa especializada e divulgação de relatórios trimestrais.

Ou seja, há toda uma política de comunicação corporativa na qual o relatório anual se mantém como ferramenta de acompanhamento das atividades da empresa para um público muito mais amplo do que víamos há algumas décadas.

A transparência foi estendida para a escolha dos temas a serem abordados nos relatórios, o que é feito por meio de uma matriz de materialidade. Trata-se de um recurso usado para representar e hierarquizar os temas mais importantes relacionados às atividades da empresa, escolhidos conforme a opinião de seus interessados. É a matriz de materialidade que norteia o acompanhamento e a divulgação de impactos e resultados, permitindo que a comunicação com os investidores e a sociedade não se resume a uma ação de propaganda, mas sim a uma prestação de contas transparente e responsável com todas as partes interessadas, mesmo quem não é acionista da empresa.

É por isso que, como já dissemos e reforçamos, os relatórios anuais são atualmente documentos de produção tão complexa que, além de consolidar de maneira transparente os resultados financeiros e de explicar as decisões da direção da empresa, informam e apontam metas para mitigar os impactos socioambientais da empresa. ■



Capa e páginas internas do relatório anual digital de 2021, ano em que Mario Roberto Opice Leão assumiu a presidência do banco. Coleção Santander Brasil.

Abaixo: Capa do relatório anual digital de 2022. Coleção Santander Brasil.

Capa e páginas internas do relatório anual digital de 2020, que destacou as ações de promoção da diversidade no banco. Coleção Santander Brasil.



NOTAS

- 1 “Relatórios bancários”. *A Federação*, 3 abr. 1922, n. 78, p. 1.
- 2 Demonstração financeira publicada em periódico local. “Banco da lavoura de Minas Gerais, S. A.” *A Estrela Polar* [Diamantina, MG], 1º jun. 1951, p. 12.
- 3 EDWARDS, Corwin D. Fontes de crédito para novos empreendimentos. In: COOKE, M. L. (org.) *A missão Cooke no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1949, p. 326-7.
- 4 *Diário de Notícias*, 18 fev. 1952, Terceira Seção, p. 17.
- 5 “A situação nacional vista pelos bancos”. *Revista Brasiliense*, n. 25, p. 9.
- 6 BANAS, Geraldo. Mercado de capitais: piano, pianíssimo. *O Jornal*, 26 fev. 1953, p. 5.
- 7 *O Estado de S. Paulo*, 20 mar. 1960, p. 34.
- 8 “Mensagem do Diretor Presidente Lélío de Toledo Piza e Almeida Filho”. Banco do Estado de São Paulo S. A. *Relatório de Diretoria 1967*, p. 1, São Paulo, 1968.
- 9 Grupo Financeiro Banespa.
- 10 TEMIN, Wilma Ruth. *O processo de projetar o design: o caso de João Carlos Cauduro e Ludovico Martinho*. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020, p. 184.
- 11 Paulo Cícero Lima Baptista, “A lei das S. A. e a proteção dos acionistas minoritários”, *Conjuntura Econômica* [FGV]. Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, maio de 1975, p. 110-112.
- 12 Homens & Empresas. *Jornal do Commercio* [RJ], 10 mai. 1975, p. 9.
- 13 *Jornal do Brasil*, 1976, ed. 115, p. 40. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_09/76484?pesq=%22melhor%20relatório%22. Acesso em: 6 abr. 2023.
- 14 Grupo Santander Banespa, *Relatório social 2004, 2005*, p. 3.
- 15 ANBIMA. *Retrato da sustentabilidade no mercado de capitais*, 2020, p. 3.
- 16 Banco Santander Brasil. *Relatório anual de 2010*.
- 17 Febraban; Deloitte Brasil. *Pesquisa Febraban de tecnologia bancária*.


 ANNEXOS
 

Relatórios anuais bancários em números

ABN Amro Bank	2
ABN Amro Brasil/Real	44
Banca Commerciale Italiana	1
Banco América do Sul	263
Banco Bozano, Simonsen	1
Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola do Estado de São Paulo	57
Banco Denasa de Investimentos	1
Banco do Estado de São Paulo (Banespa)	534
Banco Francês e Italiano para a América do Sul (Sudameris)	81
Banco Holandês Unido	2
Banco Industrial e Comercial do Sul	90
Banco Melhoramentos de Jahu	1
Banco Meridional do Brasil	36
Banco Nacional do Comércio	271
Banco do Pará	1
Banco Pfeiffer	44
Banco da Província do Rio Grande do Sul	233
Banco Santander Brasil	130
Banco Santander Brasil (arquivos digitais)	139
Banco de São Paulo	84
Banespa S. A. Corretora de Câmbio e Títulos	8
Banco Sul Brasileiro	42
Banque Française et Italienne Pour L'Amérique du Sud	29
Creasul – Crédito, Financiamento e Investimento	1
Grupo Santander (Espanha)	12
Província Crédito Imobiliário	1
Sociedade Colonizadora do Brasil – Bratac	3
Sul Brasileiro – Crédito, Financiamento e Investimento	6
Total	2.117

Vista da estante deslizante onde são acondicionados os relatórios anuais da Coleção Santander Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- ACEÑA, Pablo Martin. 1857-2007: Banco Santander, 150 anos de história. Madri: Turner, 2007.
- ANBIMA. *Retrato da sustentabilidade no mercado de capitais*. São Paulo: s/n, 2020.
- BAPTISTA, Paulo Cícero Lima, A lei das S. A. e a proteção dos acionistas minoritários. *Conjuntura Econômica* [FGV]. Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 110-112, mai. 1975.
- CAVALCANTE, Francisco; MISUMI, Jorge Yoshio; RUDGE, Luiz Fernando. *Mercado de capitais: Comissão Nacional de Bolsas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- CHAVES, Marcelo Antônio. Arquivos empresariais como fonte para a produção da História. *Revista de Fontes*, v. 4, n. 7, p. 15-24, 2017.
- CONSTAIN, Alberto. *Finanzas*. Barcelona: Libreria Bosch, 1934.
- CORAIOLA, Diego M. Importância dos arquivos empresariais para a pesquisa histórica em administração no Brasil. *Cadernos Ebape*, v. 10, p. 254-269, 2012.
- CORRÊA, Fábio Rogério Cassimiro. A trajetória do BCHASP/Banespa: do banco do café ao banco de Estado (1909-1939). *Anuario Centro de Estudios Económicos de la Empresa y el Desarrollo, Anuario CEEED* (Buenos Aires) n. 9, 2017.
- _____. *Máquinas e equipamentos bancários: Coleção Santander* Brasil. São Paulo: Catavento Design Gráfico, 2019.
- _____. Letra de câmbio. In: AIDAR, B.; SLEMIAN, A.; LOPES, J. R. de L. *Dicionário histórico de conceitos jurídicos-econômicos* (Brasil, séculos XVIII-XIX), v. II. São Paulo: Alameda, 2020.
- COSTA, Roberto Teixeira. *Mercado de capitais: uma trajetória de 50 anos*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2007.
- COSTA, Fernando Nogueira da. *Brasil dos bancos*. São Paulo: Edusp, 2012.
- EDWARDS, Corwin D. Fontes de crédito para novos empreendimentos. In: COOKE, M. L. (org.) *A missão Cooke no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1949, p. 326-7.
- LACHINI, Claudio. *Anábese: história da Gazeta Mercantil*. São Paulo: Gazeta Mercantil: Lazuli, 2000.
- LAURETTI, Lélío. *Relatório anual: o que uma sociedade por ações deve informar aos investidores*. São Paulo: Saraiva, 1998.
- MORAIS, Viviane Alves. *Companhia e sociedade anônima*. In: AIDAR, B.; SLEMIAN, A.; LOPES, J. R. de L. *Dicionário histórico de conceitos jurídicos-econômicos* (Brasil, séculos XVIII-XIX), v. II. São Paulo: Alameda, 2020.
- NASCIMENTO, Natália M. do;

- VITORIANO, Marcia C. de Carvalho P. O estudo da produção documental e a memória organizacional em ambientes empresariais. *Em Questão*, p. 202-227, 2017.
- PERLIN, Ricardo Scherer. *O marketing e a abertura de capital*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- RUDGE, Luiz Fernando. *Dicionário de termos financeiros*. São Paulo: Santander Banespa, 2003.
- SOARES, Geraldo; ALMEIDA, Jennifer; VERGILI, Rodney. *Comunicação no mercado financeiro*. São Paulo: Saraiva, 2010.
- TEMIN, Wilma Ruth. *O processo de projetar o design: o caso de João Carlos Cauduro e Ludovico Martinho*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo). São Paulo, 2020.
- TREIGER, José Marcos. *Relações com investidores: a arte de se comunicar com o mercado e de atrair investidores*. Rio de Janeiro: Campus, 2009.
- VAMPRÉ, Spencer. *Tratado elementar de direito commercial*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, s/d.

GLOSSÁRIO

Ação Título de renda variável que representa a menor fração do capital de uma empresa. Quem compra uma ação se torna proprietário de um pedaço da empresa e, como sócio, tem direito a voto e recebe parte do lucro sob a forma de dividendos.

Agente autônomo de investimentos Profissional responsável pela prospecção e captação de novos clientes, cuja atividade é regulamentada e fiscalizada pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Analista de investimentos É responsável por produzir análises e relatórios sobre o mercado. Sua atividade é regulamentada e fiscalizada pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

Assembleia Geral Extraordinária (AGE) Reunião de acionistas de uma companhia convocada para discutir e deliberar sobre assuntos de interesse social, exceto aqueles tratados na Assembleia Geral Ordinária (AGO).

Assembleia Geral Ordinária (AGO) Reunião anual de acionistas de uma companhia que é convocada pela

diretoria. Tem por objetivo aprovar o relatório e as demonstrações financeiras da empresa, tratar da destinação dos lucros e da distribuição dos dividendos, além de eleger administradores e membros do conselho fiscal.

Balancete Levantamento dos saldos contábeis credor e devedor registrados no livro-razão. É realizado em determinado período para conhecimento da situação econômica e do estado patrimonial de uma empresa, sendo usado, ainda, para a preparação do balanço anual.

Balanço patrimonial Demonstração contábil que é parte do relatório anual de administração da empresa. É destinada a evidenciar o patrimônio e o patrimônio líquido da empresa, em uma determinada data que coincide com o fim do exercício social.

Balanço social Demonstrativo publicado anualmente sobre as ações de responsabilidade social da empresa, patrocínios culturais e meio ambiente.

Banco Central do Brasil (Bacen) Instituição responsável por emitir e regular a oferta de moeda na

economia brasileira, além de supervisionar o mercado financeiro e as instituições financeiras.

Bancos comerciais Instituições financeiras que têm como finalidade receber depósitos à vista, oferecer serviços de conta-corrente e atender às necessidades de crédito da população e de empresas.

Bancos de investimento Instituições voltadas exclusivamente ao financiamento de investimentos, auxiliando empresas a captarem recursos por meio do lançamento de ações e outros valores mobiliários no mercado de capitais.

Comissão de Valores Mobiliários (CVM) É uma autarquia ligada ao Ministério da Fazenda e que é responsável por disciplinar, fiscalizar e desenvolver o mercado de valores mobiliários.

Companhia Sociedade com capital constituído por ações em que a responsabilidade dos sócios ou acionistas é limitada ao preço de emissão das ações subscritas ou adquiridas.

Companhia de capital aberto Sociedade com capital constituído por ações, que possui valores

mobiliários registrados na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) admitidos à negociação no mercado de títulos e em valores mobiliários.

Conselho de administração Órgão responsável pelas principais deliberações e decisões estratégicas de uma companhia. Encarregado, ainda, do monitoramento da diretoria e de fazer a ponte entre diretores e sócios.

Conselho fiscal Órgão que fiscaliza a situação financeira da empresa, cujos membros são eleitos em assembleia de acionistas e não pertencem à administração da empresa.

Corretoras Empresas responsáveis por intermediar a compra e a venda de títulos e valores mobiliários.

ESG Sigla em inglês para *Environmental, Social and Governance* que corresponde às práticas ambientais, sociais e de governança de uma organização. Atualmente, as questões relativas à sustentabilidade e à governança corporativas são discutidas em conjunto dentro da temática ESG.

Governança corporativa Conjunto de processos, políticas, valores e normas que orientam a administração e o controle das empresas, garantindo a transparência, a responsabilidade e a prestação de contas aos *stakeholders*, tais como acionistas, investidores, clientes, colaboradores, fornecedores e comunidade.

Mercado de capitais Conjunto das operações financeiras de prazo médio, longo ou indeterminado. Normalmente é efetuado entre poupadores e empresas ou através de intermediários financeiros não bancários, em geral destinados ao financiamento de investimentos fixos.

Relatório anual Documento que apresenta os resultados financeiros, operacionais e de gestão de uma empresa no último ano e tem por objetivo fornecer uma visão geral sobre seu desempenho.

Stakeholders Termo em inglês que designa os indivíduos ou grupos que têm interesse ou são afetados pelas atividades de uma empresa, o que inclui acionistas, investidores, clientes, fornecedores, colaboradores e a comunidade local.

Sustentabilidade Termo que reflete a capacidade de uma sociedade ou economia de se manter em equilíbrio a longo prazo, garantindo a satisfação das necessidades presentes sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades.

BANCO SANTANDER BRASIL

Presidente
Mario Roberto Opice Leão

Vice-presidente executiva institucional
Maria Teresa Mauricio da Rocha Pereira Leite

Head experiências e cultura
Bibiana Berg

Líder Faróis Santander São Paulo e Porto Alegre, e Coleção Santander Brasil
Carlos Trevi

COLEÇÃO SANTANDER BRASIL – ARTE E MEMÓRIA BANCÁRIA

Líder
Carlos Trevi

Especialista museóloga
Denise Michelotti

Técnicos em documentação de conservação de acervos
Alexandre Benedito Ignácio Alves
Maurício Munuera
Expomus Exposições, Museus e Projetos Culturais

Historiadores
Cleber Silva Ramos
Fábio Rogério Cassimiro Corrêa
Marcelo Tanami da Santa Cruz
Maurício Mendes Vieira
Expomus Exposições, Museus e Projetos Culturais

RELATÓRIOS ANUAIS BANCÁRIOS – COLEÇÃO SANTANDER BRASIL

Coordenação editorial
Carlos Trevi
Fábio Rogério Cassimiro Corrêa

Textos
Chico Homem de Melo
[Designer e pesquisador do design gráfico brasileiro]
Fábio Rogério Cassimiro Corrêa
[Pesquisador de história bancária]

Preparação de textos
Márcia Schuler

Identidade visual e projeto gráfico
Regina Cassimiro
Catavento Design Gráfico

Revisão de textos
Samantha Arana

Acompanhamento gráfico
Regina Garjulli

Tratamento de imagens
Effort Consultoria Gráfica

Impressão
Stilgraf

Agradecimentos
Márcia Bertotto

Créditos das imagens nas páginas Autoria desconhecida: 8, 41 (ao centro), 47 (ao centro), 48 (no alto), 52, 72 (no alto), 74 (no alto e abaixo). Adalberto (Correio da Manhã): 92. Felipe Conde: 50-51. Leandro Andrade: 4, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22-23, 24, 25, 26-27, 28, 29, 30-31, 32, 33, 34-35, 38-39, 40, 41 (fundo), 42, 43, 44-45, 46, 47 (no alto), 48 (abaixo), 49, 54, 55 (abaixo), 56-57, 58, 60-61, 62, 64, 65, 66, 67, 68-69, 71, 72 (ao centro e abaixo), 73, 74 (no alto, à esquerda), 75, 76-77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84-85, 86, 87, 88, 89, 90-91, 93, 94, 95, 96, 97, 98-99, 101 (abaixo), 102 (no alto e abaixo à esquerda), 103, 104-105, 106, 110 e 112. Sioma Breitman: 55 (ao centro).

Reproduções de acervo nas páginas Coleção Santander Brasil: 16 e 36 (Satori Foto & Art) e 37 (GFK). Fundação Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital): 53 (ao fundo e à frente), 59 e 70. Fundação Seade: 63. Revista Bancária Brasileira: 4 (fundo). Santander Brasil/Portal de Relações com Investidores: 100, 101, 102, 107, 108, 109.

Tipologia: Literata e Nunito Sans
Papel: couchê fosco 150 g/m2
Tiragem: 1.000 exemplares

Ficha catalográfica elaborada por
Liliane Castro – Bibliotecária CRB-8/6748

C824r Corrêa, Fábio Rogério Cassimiro
Relatórios anuais bancários : Coleção Santander Brasil / Fábio Rogério Cassimiro Corrêa ; organização Carlos Trevi. – 1. ed. - São Paulo: Catavento Design Gráfico, 2023.
120p. ; il.

ISBN 978-65-993076-9-0.

1. Bancos – História. 2. Economia. 3. Design gráfico. I. Trevi, Carlos.
II. Título.

CDD: 332.109
CDU: 336.7(81)



